



9^a MOSTRA
ECOFALANTE
LANTE
DE CINEMA

9th Ecofalante Environmental Film Festival // 2020



9^a MOSTRA ECOFALANTE LANTE DE CINEMA



A Mostra Ecofalante de Cinema é Carbon Free® e contribui com a restauração de florestas nativas com a Iniciativa Verde.

The Ecofalante Environmental Film Festival is Carbon Free® and contributes to the restoration of native forests with Iniciativa Verde.

9th Ecofalante Environmental Film Festival

Neste ano tão atípico para todas as esferas da sociedade, a **Mostra Ecofalante de Cinema** celebra mais uma edição imperdível. Ainda que em formato virtual, o evento mantém a sua relevância para a difusão de produções nacionais e internacionais com a temática socioambiental, graças aos esforços imensuráveis de uma equipe talentosa por trás deste evento tão importante para o calendário cinematográfico e cultural paulistano.

A Spcine parabeniza todo o esforço dos organizadores da mostra e orgulha-se de, mais uma vez, ser uma das patrocinadoras da Ecofalante. Neste ano, teremos a possibilidade de exibir gratuitamente mais de 80 títulos da rica programação na plataforma de streaming Spcine Play, que pode ser acessada de qualquer lugar do Brasil.

São títulos nacionais e internacionais de grandes nomes do cinema mundial, incluindo trabalhos recentes de cineastas brasileiros que vão despertar a nossa reflexão sobre temas tão caros à sociedade, como mudanças climáticas, consumo, trabalho e moradia.

A parceria contempla ainda duas masterclasses imperdíveis com dois profissionais de extensa carreira no cinema nacional: a montadora Cristina Amaral e o curador e cineasta Francisco Cesar Filho.

Sem dúvida alguma, serão muitas horas de conteúdos riquíssimos e debates pertinentes para os mais variados públicos.

Desejamos vida longa à **Mostra Ecofalante de Cinema** e uma excelente diversão a todos.

LAÍS BODANZKY
presidente da Spcine

In this most unusual year in all spheres of society, the Ecofalante Film Festival celebrates yet another unmissable edition. Despite its virtual format, the event remains relevant for the exhibition of national and international film productions that tackle socio-environmental issues, thanks to the tremendous efforts of a talented team behind this important event in São Paulo's cinematographic and cultural calendar.

Spicine would like to congratulate all the organizers for putting together this show. We are proud to be, once again, one of Ecofalante's sponsors. This year, more than 80 titles comprising a rich program are available for free on the streaming platform Spicine Play. It can be accessed from anywhere in Brazil.

LAÍS BODANZKY
president of Spicine

The festival brings great names of world cinema, both national and international. Recent works by Brazilian filmmakers will redirect our attention to themes so important to society, such as climate change, consumption, work and housing.

The partnership also includes two unmissable masterclasses with two exceptional professionals in the national film industry: editor Cristina Amaral and curator and filmmaker Francisco Cesar Filho.

I have no doubt the many hours of rich content and relevant debates will captivate the most varied audiences.

We wish a long life to the Ecofalante Film Festival! May all of you enjoy a great time!

A Mostra Ecofalante chegou à sua 9ª edição enfrentando desafios que atingem toda a sociedade brasileira. A pandemia do novo coronavírus somou-se aos problemas relacionados ao meio ambiente, cidadania e cultura que já vinham se intensificando nos últimos anos, agravando ainda mais a desigualdade social existente no país e criando novos obstáculos a serem superados.

A Mostra previa um grande crescimento em 2020 e a realização de itinerâncias em várias capitais brasileiras. A partir de março, começaram as restrições às atividades públicas e, com o isolamento social, a Ecofalante transferiu as atividades presenciais para o segundo semestre. No entanto, rapidamente ficou claro que as atividades presenciais também não seriam viáveis no segundo semestre e iniciamos os estudos para a realização da Mostra de forma virtual em agosto e setembro. Vieram os cortes no orçamento que previa recursos públicos da prefeitura de São Paulo, que foram parcialmente transferidos para os hospitais da cidade. Tudo era novidade e um grande desafio.

Assim, pela primeira vez, a Mostra se dividiu em duas etapas: uma primeira programação, o **Especial Semana do Meio Ambiente**, na primeira semana de junho, e a **9ª Mostra Ecofalante de Cinema**, que foi excepcionalmente adiada para o segundo semestre. Cortes na programação foram necessários – pela primeira vez desde o início da Mostra, não foram realizados os programas *Panorama Histórico*, nem a *Homenagem*. Uma outra decisão foi trazer de volta uma seleção de filmes de edições passadas que achamos importante levar para um novo público, agora de amplitude nacional, que dificilmente teria acesso a eles se não fosse pela Mostra.

A seleção da 9ª Mostra contou com **98 filmes de 24 países** que ora indagaram, ora documentaram, instigaram, denunciaram, propuseram novas leituras de processos históricos, encheram nossos olhos com narrativas que procuraram desvendar (uma pequena parte) do mundo.

Oito debates foram organizados em torno das temáticas do *Panorama Internacional Contemporâneo*. Este ano, os filmes foram ordenados sob os seguintes temas: *Ativismo, Consumo, Economia, Emergência Climática, Povos & Lugares, Tecnologia e Trabalho*. O eixo *Tecnologia*, inaugurado nesta edição, é a questão incontornável do mundo moderno. Os filmes dessa temática trouxeram narrativas de inovação e ruptura. Tudo, hoje em dia, parece permeado pela tecnologia; nada, portanto, deixa de ser impactado por ela.

The Ecofalante Film Festival has reached its 9th edition facing challenges that affect the entire Brazilian society. The coronavirus pandemic added to the problems related to the environment, citizenship and culture that had been intensifying in recent years, further aggravating the existing social inequality in the country and creating new obstacles to be overcome.

The Festival expected significant growth in 2020 with itinerant activities in several capitals across Brazil. In March, the government put in place restrictions on public activities, and with the imposition of social isolation, Ecofalante moved its in-presence activities to the second semester. However, it soon became clear that the execution of these activities would not be feasible in the second semester either, and so we began analyzing virtual ways to present the Festival in August and September. Then, we saw cuts in the budget that counted on public funds from the São Paulo City Hall, which were partially transferred to the city hospitals. It was all very new and extremely challenging to us.

So, for the first time, the Festival was divided in two stages: a first program, the Environment Week Special, in the first week of June, and the 9th São Paulo Ecofalante Film Festival, which was exceptionally postponed to the second semester. Cuts in the programming were necessary: for the first time since the creation of the Festival, neither the Historical Panorama nor the Tribute

Na *Competição Latino-Americana*, não por acaso, a seleção acabou revelando fortes vozes de ativismo ambiental, social e político, em sintonia com um momento histórico delicado, marcado por grandes embates ideológicos, que muitas vezes ofuscam as consequências sofridas pelas diversas comunidades e ecossistemas latino-americanos. O *Concurso Curta Ecofalante*, que este ano contou com o apoio do WWF-Brasil, exibiu uma seleção criteriosa de filmes de alunos de graduação, ensino médio e de cursos livres de cinema, abrangendo produções de 4 das 5 regiões do país. Ambas as competições concorreram a prêmios do Júri e de Voto do Público, entregues na cerimônia de premiação do festival.

Clássicos e Premiados é um novo programa composto por filmes considerados clássicos do cinema socioambiental brasileiro ou que foram premiados em eventos no Brasil e no exterior. Compuseram o programa 18 produções assinadas por Aurélio Michiles, André Campos, Carlos Juliano Barros, Cauê Angeli, Hermano Penna, Jorge Bodanzky, Marcelo Pedroso, Márcio Isensee e Sá, Ricardo Dias, Silvio Tandler e Vincent Carelli. Essas obras, que cobrem um período que vai desde a ditadura militar (1974) até os tempos atuais (2018), nos ajudam a traçar a trajetória do Brasil contemporâneo, revelando sua relação conturbada com o meio ambiente, os povos tradicionais e a manutenção das desigualdades.

programs were presented. Another decision we made was to bring back a selection of films from past editions to show to a new audience – now national – films that would be impossible for them to access otherwise.

The 9th selection of the Festival included 98 films from 24 countries. The films investigated, documented, instigated, denounced, proposed new readings of historical processes, filled our eyes with narratives that sought to unveil (a small part of) the world.

Eight debates were organized around the themes of the International Contemporary Program. This year, the films were organized under the following themes: Activism, Consumption, Economy, Climate Emergency, Peoples & Places, Technology and Work. Technology was inaugurated in this edition, as it is the unavoidable question of the modern world. The films revolving around this theme brought narratives of innovation and disruption. Today, everything seems to be permeated by technology; nothing, therefore, escapes its impact.

It is no coincidence that the selection in the Latin American Competition revealed strong voices of environmental, social, and political activism in tune with a delicate historical moment marked by great ideological clashes, which often overshadow the consequences suffered by several Latin American communities and ecosystems. The Ecofalante Short Film Contest, which this year was supported by WWF-Brazil, exhibited a careful selection of films by undergraduate students, high school

Nesta edição, o *Panorama Internacional Contemporâneo* ganhou uma série exclusiva de entrevistas com as realizadoras e realizadores de alguns dos filmes selecionados. Idealizada em parceria com a jornalista e documentarista Flavia Guerra, que conduziu as conversas virtuais, a série apresenta 10 cineastas internacionais que discorrem sobre seus filmes, incluindo produção e pesquisa, tecendo assim uma reflexão sobre os temas urgentes abordados em seus documentários.

A **9ª Mostra Ecofalante de Cinema** realizou ainda *Atividades Paralelas* em parceria com a Spcine e com o apoio do MIS-SP (Museu da Imagem e do Som-SP). Foram duas *masterclasses* abertas ao público com profissionais de extensa carreira no cinema nacional: a montadora Cristina Amaral trouxe como tema *Cinema: A Montagem Visual de um Mundo* e o curador e cineasta Francisco Cesar Filho a “*Curadoria em Festivais de Cinema e Eventos Audiovisuais: Uma Trajetória de Quatro Décadas*”.

students and students of free cinema courses, encompassing productions from 4 of the 5 regions in the country. Both competitions competed for Jury and Public Voting awards, delivered at the festival's award ceremony.

Classics and Ecofalante Award Winners is a new program composed of films considered classics of Brazilian socio-environmental cinema or that were awarded in events in Brazil and abroad. The program was composed of 18 productions signed by Aurélio Michiles, André Campos, Carlos Juliano Barros, Cauê Angeli, Hermano Penna, Jorge Bodanzky, Marcelo Pedroso, Márcio Isensee e Sá, Ricardo Dias, Silvio Tandler and Vincent Carelli. These works, which cover a period from the military dictatorship (1974) to the present day (2018), help us trace the trajectory of contemporary Brazil, revealing its troubled relationship with the environment, traditional peoples, and the pervasive inequalities.

In this edition, the Contemporary International Program won an exclusive series of interviews with the directors of some of the selected films. Created in partnership with journalist and documentary filmmaker Flavia Guerra, who conducted the virtual conversations, the series presents 10 international filmmakers who talk about their films, including production and research, thus weaving a reflection on the urgent issues addressed in their documentaries.

The 9th Ecofalante Film Festival also held Parallel Activities in partnership with Spcine and with the support of

Excepcionalmente neste ano de pandemia, o *Programa Ecofalante Universidades* teve que ser interrompido e só retomou, virtualmente, no segundo semestre. Devido à grande adesão de universidades (mais de 50 debates online foram organizados no período da Mostra), decidimos manter o *Programa Ecofalante Universidades* na plataforma de *streaming* da Ecofalante, para continuar levando debates ao ambiente do ensino, fomentando ainda mais a interação entre cinema e educação sobre temas prementes em nossa sociedade.

Apesar de todas as adversidades, nos sentimos muito agradecidos por termos conseguido realizar a Mostra neste ano e pela recepção do público. Com esta edição online, os filmes e os debates da Mostra tiveram, pela primeira vez, abrangência nacional, alcançando 196 mil pessoas de mais de 1700 municípios nas 5 regiões do país. Esperamos continuar ampliando nosso alcance nos próximos anos para inspirar cada vez mais pessoas a construir um mundo menos desigual e mais sustentável.

Desejamos a todos uma ótima leitura e nos vemos em 2021!

MIS-SP (Museum of Image and Sound-SP). There were two masterclasses open to the public with professionals with extensive film careers: the editor Cristina Amaral brought the theme Cinema: The Visual Editing of a World and the curator and filmmaker Francisco Cesar Filho, the Curatorship in Film Festivals and Audiovisual Events: A Four-Decade Trajectory.

Exceptionally in this year of pandemic, the Ecofalante University Circuit had to be interrupted and was only resumed, virtually, in the second semester. Due to the great participation of universities (more than 50 online panels were organized in the course of the event), we decided to keep the Ecofalante University Circuit in the streaming platform of Ecofalante in order to continue bringing debates to the teaching environment, fostering the interaction between cinema and education on pressing issues in our society even further.

Despite all the adversities, we feel extremely grateful for having been able to hold the Festival this year and to the audience's reception. With this online edition, the films and panels of the Festival had, for the first time, national coverage, reaching 196 thousand people from more than 1700 municipalities in the 5 regions of the country. We hope to continue expanding our reach in the coming years and inspiring more and more people to build a less unequal and more sustainable world.

We hope you enjoy the reading and look forward to seeing you in 2021!

Panorama Internacional Contemporâneo **15**

International Contemporary Program

16 **ativismo** *activism*

Lutar para Tentar Acreditar no Futuro Possível
We Fight to Believe in a Possible Future
MARIANA BELMONT

34 **consumo** *consumption*

A Sociedade Que Estabeleceu a Transparência Extrema
The Society That Established Extreme Transparency
GABRIELA YAMAGUCHI

52 **economia** *economy*

Financeirização: Nova Ordem Econômica e Social
Financialization: New Economic and Social Order
LADISLAU DOWBOR

72 **emergência climática** *climate emergency*

Crise Climática É Agora
Climate Crisis Is Now
NÁDIA PONTES

86 **povos & lugares** *peoples & places*

O Que Povos e Lugares Distantes Nos Ensinam sobre Nós
What Distant Peoples and Places Teach Us About Ourselves
BELA FELDMAN-BIANCO

104 **tecnologia** *technology*

Move fast and break things. O que pode dar errado?
"Move fast and break things." What can go wrong?
POR DENIS RUSSO BURGIERMAN

116 **trabalho** *work*

A Degradação e a Resistência do Trabalho em Suas Múltiplas Dimensões
The Degradation and Resistance of Work in Its Multiple Dimensions
RICARDO FESTI

Competição Latino-Americana **131**

Latin American Competition

136 **competição longa-metragem** *feature competition*

144 **competição curta-metragem** *short film competition*

Concurso Curta Ecofalante **161**

Ecofalante Short Film Contest

Clássicos & Premiados **191**

Classic & Ecofalante Award Winners

Atividades Paralelas **219**

Parallel Activities

220 **Debates**
Panels

235 **Entrevistas com Cineastas**
Interviews with Filmmakers

246 **Masterclass**
Masterclass

índice por filmes

- 100** A Baleia de Lorino
82 A Era das Consequências
136 A Jangada de Welles
83 A Nova Era do Petróleo
137 Acqua Movie
138 Amazônia Sociedade Anônima
167 Ângelo
168 Beat É Protesto - O Funk pela Ótica Feminina
112 Bebês do Futuro
48 Beleza Tóxica
127 Botando pra Quebrar
201 Brasil S/A
84 Breakpoint: Uma Outra História do Progresso
144 C.I.T.A. (Cooperativa Industrial Têxtil Argentina)
169 Cancha - Domingo É Dia de Jogo
170 Cantos de Origem
145 Caranguejo Rei
171 Cerrado de Volta: A Restauração na Chapada dos Veadeiros
172 Cidade De Quem Corre
173 Como Se Fossem Máquinas
174 Contratemplos
175 Cor de Pele
176 Correntes
202 Corumbiara
177 De Canto em Canto
203 Dedo na Ferida
178 Desculpe Interromper o Silêncio de Sua Viagem
139 Deus
29 Dolores
179 Elemento Suspeito
180 Entre Mães
204 Era Uma Vez Iracema
181 Estado de Neblina
140 Estou Me Guardando para Quando o Carnaval Chegar
101 Exodus
205 Fronteira das Almas
66 Golpe Corporativo
143 Guaxuma
182 Hoje Eu Não Fico no Vestiário
183 Hoje Sou Felicidade
141 Indianara
128 Indústria Russa
206 Iracema - Uma Transa Amazônica
207 Jari
113 Jawline: Ascensão e Queda de Austyn Tester
129 Ladrões do Tempo
147 Liberdade
102 Ma'Ohí Nui
148 Mamapara
208 Mario
209 Martirio
103 Memórias do Oriente
149 Mitos Indígenas em Travesia
210 Não Respire Contém Amianto
211 Navegaramazônia – Uma Viagem com Jorge Mautner
184 Nem Puta nem Santa
212 No Meio do Rio, Entre as Árvores
213 No Rio das Amazonas
150 Nova Iorque, Mais Uma Cidade
151 Nove Águas
214 O Cineasta da Selva
67 O Custo do Transporte Global
49 O Custo do Vício Digital
152 O Delegado
50 O Fim da Carne
153 O Fim da Eternidade
154 O Fogo que Vimos
114 O Futuro do Trabalho e da Morte
185 O Garoto do Fim do Mundo
155 O Levante dos Andes – A Cidade-Tampão Que Se Reinventa Através da Arquitetura
85 O Mês Mais Quente
186 O Verbo Se Fez Carne
115 Olá, IA
68 Os Despossuídos

- 215** Os Mucker
69 Os Senhores da Água
130 Ouro da Morte
216 Pandemonium
30 Patrimônio
187 Perpétuo
156 Por Trás da Cortina Verde
70 Push: Ordem de Despejo
157 Resplendor
158 Ruivaldo, o Homem Que Salvou a Terra
217 Sob a Pata do Boi
142 Soldados da Borracha
31 Sufocado
51 Superalimentos
159 Suquia
143 Suspensão
218 Terceiro Milênio
188 Território: Nosso Corpo, Nosso Espírito
71 Tomates, Molho e Wagner
32 Triste Oceano
160 Tuã Ingugu (Olhos d'Água)
189 Vidas Que Correm
190 Vivi Lobo e o Quarto Mágico
33 Vulcão de Lama: A Luta Contra a Injustiça

film index

- 203** *A Sore Spot*
137 *Acqua Movie*
138 *Amazon Uncovered*
149 *Ancient Stories*
155 *Andes Uprising, a Buffer City Re-inventing Itself Through Architecture*
167 *Angelo*
173 *As If They Were Machines*
168 *Beat Is Protest - Funk from a Female Perspective*
156 *Behind the Green Curtain*
127 *Blow It to Bits*
83 *Blowout*
32 *Blue*
201 *Brazilian Dream*
84 *Breakpoint: A Counter-History of Progress*
31 *Breathless*
144 *C.I.T.A. (Cooperativa Industrial Textil Argentina)*
171 *Cerrado Restored: Rehabilitation in Chapada dos Veadeiros*
182 *Coming out of the Locker Room*
202 *Corumbiara: They Shoot Indians, Don't They?*
170 *Crossing Out Loud*
49 *Death by Design*

film index

- 210** *Do Not Breathe - Contains Asbestos*
29 *Dolores*
130 *Dying for Gold*
103 *Eastern Memories*
101 *Exodus*
67 *Frightened: The Real Price of Shipping*
112 *Future Baby*
139 *God*
217 *Grazing the Amazon*
33 *Grit*
146 *Guaxuma*
172 *Hastened City*
115 *Hi, AI*
141 *Indianara*
206 *Iracema*
207 *Jari*
113 *Jawline*
147 *Liberdade*
69 *Lords of Water*
102 *Ma'Ohī Nui, In the Heart of the Ocean my Country Lies*
148 *Mamapara*
208 *Mario*
209 *Martirio*
180 *Mothers*
211 *Navegaramazônia – A Trip with Jorge Mautner*
184 *Neither Whore nor Saint*
150 *New York, Just Another City*
151 *Nine Waters*
213 *On the River of the Amazons*
204 *Once Upon a Time There Was Iracema*
216 *Pandemonium*
30 *Patrimônio*
187 *Perpetuous*
70 *Push*
157 *Resplendor*
142 *Rubber Soldiers*
158 *Ruivaldo, the Man Who Saved the Earth*
189 *Runaway Lives*
176 *Sealed*
174 *Setbacks*
175 *Skin Color*
178 *Sorry to Disturb Your Commute*
205 *Souls' Boundary*
181 *State of Fog*
169 *Sunday Is Soccer Day*
159 *Suquia*
143 *Suspension*
188 *Territory: Our Body, Our Spirit*
82 *The Age of Consequences*
185 *The Boy from the End of the World*
66 *The Corporate Coup d'État*
68 *The Dispossessed*
153 *The End of Eternity*
50 *The End of Meat*
214 *The Filmmaker of the Amazon*
154 *The Fire We Saw*
114 *The Future of Work and Death*
85 *The Hottest August*
145 *The King Crab*
215 *The Muckers*
128 *The Russian Job*
152 *The Sheriff*
51 *The Superfood Chain*
179 *The Usual Suspect*
100 *The Whale from Lorino*
186 *The Word Became Flesh*
218 *Third Millennium*
129 *Time Thieves*
183 *Today I'm Happiness*
48 *Toxic Beauty*
160 *Tuã Ingugu (Olhos d'Água)*
190 *Vivi Wolf and the Magical Room*
140 *Waiting for the Carnival*
177 *Walking and Singing*
136 *Welles' Raft*
71 *When Tomatoes Met Wagner*
213 *Within the River, Among the Trees*

Panorama Internacional Contemporâneo

International Contemporary Program



Dolores
Dolores

ativismo
activism

Lutar para Tentar Acreditar no Futuro Possível

MARIANA BELMONT

Em tempos terríveis para se viver e sobreviver, resistir é urgente e necessário. Como diz o grande xamã Yanomami Davi Kopenawa, “temos que sacudir, tem que falar, tem que balançar, tem que cutucar, se não eles não vão fazer nada”. Em casa, as pessoas nunca souberam bem o que eu faço, como sobrevivo e qual a minha força para a coragem. Assim, é impossível não se inspirar com Dolores e admirá-la. Peguei um caderno para anotar, enquanto assistia, cada coragem, cada força, mas foi impossível.

We Fight to Believe in a Possible Future

MARIANA BELMONT

In such hard times for living and surviving, resistance becomes urgent and necessary. As the great Yanomami shaman Davi Kopenawa says, “we have to shake things up, we have to speak up, we have to sway, we have to nudge; otherwise, they won’t do anything”. At home, people have never really known what I do, how I survive and where my strength for courage comes from. So it’s impossible not to be inspired by Dolores and admire her. While watching it, I took a notebook to write down every episode of courage, every example of strength, but it was impossible.

Among sad oceans¹, volcanoes¹, heritage¹ and all else, it was Dolores who came to mind. Maybe because it was the first movie I saw. But also because Dolores gives form and value to such latent pains, making herself available as the voice pursuing the rights of people that were historically forgotten by their colonizers.

Looking at her I see many kinds of activism. I believe all of them to be of the utmost importance to fight injustice, overcome setbacks, minimize climate emergency, among many other issues. The world is full of activists, yet we need more because our current model of society was designed to suffocate and kill us.

But I wonder if we can call Dolores Huerta an activist. Can this

Entre oceanos tristes, vulcões, patrimônios e tudo, é **Dolores** que me vinha à cabeça. Talvez porque tenha sido o primeiro filme a que assisti. Mas também porque Dolores dá forma e valor a dores tão latentes, e se coloca à disposição para ser a voz em busca dos direitos das pessoas historicamente esquecidas por quem nos colonizou.

Olhando para ela, vejo muitos tipos de ativismos, e acredito que todos sejam de extrema importância para combater injustiças, barrar retrocessos, minimizar as emergências climáticas e tantas outras questões. O mundo está cheio de lideranças ativistas e precisamos de mais, porque nosso atual modelo de sociedade foi concebido para nos sufocar e nos matar.

Mas fico pensando se podemos chamar Dolores Huerta de ativista. A palavra daria conta de definir a imensidão de importância que ela teve para milhares de trabalhadores nos EUA? Eu acho que não. O dom da palavra, a força e a organização no movimento a tornam ainda mais potente, firme, combativa e disposta a abrir mão da convivência familiar para estar inteiramente na luta.

Os cinco filmes nos forçam a olhar para o que acontece no planeta, acompanhando cada mobilização e trabalho dos ativistas, que recupera vidas perdidas, devolve a dignidade a pessoas e salva o oceano, que nos conecta enquanto humanidade.

Vulcão de Lama: A Luta Contra a Injustiça nos apresenta Dian, jovem ativista, mas que, ainda criança, sobreviveu ao

tsunami de lama que soterrou 16 vilarejos em uma área industrial e residencial de Java Oriental, na Indonésia, desalojando mais de 60 mil pessoas. É impossível não lembrar das imagens do crime da Vale em Mariana e depois em Brumadinho, em Minas Gerais, em 2015 e 2019, respectivamente. Grandes empresas arriscam a vida de milhares de pessoas pelo lucro. No caso da região de Java Oriental, cientistas afirmaram que a tragédia se deveu às atividades de *fracking* – extração de gás de xisto –, que acidentalmente atingiu um vulcão de lama subterrâneo. A luta por justiça segue e a imagem de terra arrasada, tudo desaparecido, coberto de lama, das histórias interrompidas dá força para escrever mais linhas de sobrevivência.

Triste Oceano, de Karina Holden, alerta para a realidade da vida marinha do mundo, que estamos perdendo em decorrência do uso desastroso dos mares e da exploração desenfreada da pesca. A verdadeira carnificina de milhares de espécies é pano de fundo para evidenciar a pobreza das pessoas que sobrevivem desse mercado nas áreas costeiras. Nas imagens, assistimos assustados ao uso descontrolado do plástico e ao retorno de nossos resíduos à natureza. A imagem de uma das pesquisadoras retirando um pedaço de plástico da garganta de um filhote de pássaro marinho é tão impactante quanto os dados apresentados: metade de toda a vida marinha foi perdida nos últimos 40 anos, e, até 2050, haverá mais plástico que peixes nos mares.

word afford to define the great importance she had for thousands of workers in the US? I doubt it. The gift of the word, the strength and organization in the movement make her even more powerful, firm, combative and willing to give up family comfort to offer herself entirely to the struggle.

The five films invite us to look at what is happening on the planet. They follow up on each act of mobilization and work of the activists that recover lost lives, restore people’s dignity and save the ocean that connects us as humanity.

Grit introduces us to Dian, a young activist who, as a child, survived the mud tsunami that buried 16 villages in an industrial and residential area in East Java, Indonesia, displacing over 60 thousand people. It is impossible not to remember the images of the crime of the Brazilian mining company Vale in Mariana and then in Brumadinho, Minas Gerais, in 2015 and 2019, respectively. Large companies risk the lives of thousands of people for profit. In the case of East Java, scientists say the tragedy was due to *fracking* – extraction of shale gas –, which accidentally hit an underground mud volcano. The struggle for justice continues, and the image of devastated land – all gone and covered in mud – and of the interrupted stories create the necessary strength for more pages of survival to be written.

Karina Holden’s Blue warns us about the reality of the world’s marine life, which we are losing as a re-



Patrimônio *Patrimonio*

sult of the disastrous use of the seas as well as the unbridled exploitation of fishery. The terrible carnage of thousands of species is the backdrop showing the poverty of the people who live off of this market in coastal areas. In the images, we watch with dismay the uncontrolled use of plastic and the return of our waste to nature. The image of one of the researchers removing a piece of plastic from the throat of a baby sea bird has as much impact as the data presented: half of all marine life has been lost in the last 40 years, and by 2050 there will be more plastic than fish in the seas.

The oceans are the immensity connecting us with the world. Have you ever gone into the sea, closed your eyes and just listened to the wave breaking in the sand? Open your

Os oceanos são a imensidão que nos conecta com o mundo. Já conseguiu entrar no mar, fechar os olhos e só ouvir a onda quebrar na areia? Abra os olhos e veja onde ele termina, é água que não acaba mais, é infinito de vida. Tenho a impressão de que o mar é infinito, que se conecta com outros mundos possíveis, outros povos, outras tradições, temperaturas, biomas, tudo com muita ancestralidade. É santuário de salvação.

É o mar que nos leva a **Patrimônio**, filme em que a resistência e a luta estão intimamente ligada à imensidão da natureza, preservada por famílias de pescadores há décadas. O documentário coloca em cena o racismo ambiental, que faz desaparecer comunidades históricas: logo no início,

executivos brancos celebram a construção de um grande empreendimento hoteleiro, americano, de bilhões de dólares, que está sendo planejado para invadir uma pequena comunidade costeira do México. Não é surpreendente – há décadas acompanhamos com indignação poderosos construindo e acabando, legal ou ilegalmente, com zonas costeiras e expulsando comunidades inteiras. A história se repete.

O acesso à água para sobrevivência local continua ameaçado, e a vida marinha e manguezais, destruídos. Mas a população local está se organizando para resguardar seu modo de vida e o delicado ecossistema do qual todos dependem. E quais são os direitos das comunidades diante dos interesses milionários e do desenvolvimento insustentável? O que elas podem fazer para defender esses direitos e seu modo de vida? Unir-se, para salvar tanto esse modo de vida quanto um ecossistema já ameaçado, do qual todos ali dependem.

Até aqui, aprendemos que ninguém pode se dizer um ser consciente e não denunciar as injustiças colocadas diante de si. Todos temos a responsabilidade e o dever de proteger a natureza, a cultura e as pessoas que vivem de forma sustentável e garantem a sobrevivência do planeta. É responsabilidade! É desconfortável assistir **Patrimônio** e não poder gritar junto com a comunidade de pescadores e suas famílias. Testemunhamos a mobilização e a conscientização da cidade através dos olhos de Rosario Salvatierra, cuja família pescou nes-

eyes and see where it ends – endless water, infinite life. I have the impression that the sea is infinite, that it connects with other possible worlds, other peoples, other traditions, temperatures, and biomes – real ancestry, a sanctuary of salvation.

It is the sea that leads us to Patrimonio, a film in which resistance and struggle are closely linked to the immense nature, preserved by fishing families for decades. The documentary addresses environmental racism, which is leading to the extinction of historical communities. At the very beginning of the film we see white executives celebrating the construction of a great American hotel development, worth billions of dollars. It is meant to invade a small coastal community in Mexico. That is no surprise, as for decades we have been following with indignation how powerful people build and destroy, legally or illegally, coastal zones and their entire communities. History repeats itself.

Access to water for local survival remains under threat while marine life and mangroves are being destroyed. But the locals are organizing themselves to protect their way of life and the delicate ecosystem everyone depends on. What are the rights of the communities in the face of interests involving millions of dollars and an unsustainable development? What can they do to defend these rights and their way of life? Get together to save this way of life as well as a compromised ecosystem they depend on for their livelihood.

So far, we have learned that one can hardly call himself a conscious citizen without denouncing the injustices witnessed by him. We all have a responsibility and a duty to protect nature, culture and the people who live in a sustainable way, guaranteeing the survival of the planet. It's called responsibility! It is hard to watch Patrimônio and not shout along with the fishing community and their families. We watch, through the eyes of Rosario Salvatierra – whose family had fished in these tough waters for four generations –, and John Moreno – a young lawyer, surfer and environmental activist born in Todos Santos, who embraces a life changing cause with a positive outcome for the history of the community –, as a city awakens to its reality, becoming equally mobilized.

As in many places around the world, the current development model is destroying communities and traditional ways of living. Permissions to carry out projects like this are granted quickly and confidentially nationwide, while the environmental damage caused by entrepreneurs goes unpunished. We were unfortunate to have Ricardo Salles – “defender” of forests, biomes, forest peoples and communities – as Minister of the Environment in Brazil. Not by chance, the “boom” in the Amazon deforestation coincided with the election period of 2018, which should go down in history as the greatest misfortune the country has ever had to go through.

sas duras águas por quatro gerações, e de John Moreno, jovem advogado nascido em Todos Santos, surfista e ativista ambiental que assume uma causa que altera totalmente sua vida, mas que ganha um desfecho positivo para a história da comunidade.

Assim como em diversos lugares do mundo, o modelo de desenvolvimento vigente está destruindo comunidades e modos tradicionais de viver. A permissão para a execução de projetos como esse é concedida com rapidez e sigilo em nível nacional, e os danos ambientais que os empresários já causaram seguem impunes. No Brasil, tivemos a má sorte de instituir Ricardo Salles como ministro do Meio Ambiente – “defensor” das florestas, biomas e povos e comunidades da floresta. Não por acaso, o “estouro da boiada” no desmatamento da Amazônia coincidiu com o período eleitoral de 2018 – que deveria entrar para a história como a maior desgraça pela qual o país já teve de passar.

O aperto de mãos entre presidentes poderosos que inaugura as cenas de **Sufocado** nos coloca diante da indústria corrupta do amianto e de seu desprezo pelos direitos humanos. A pesquisa do cineasta Daniel Lambo leva ao maior depósito de resíduos de amianto da Índia, e revela uma indústria de sangue frio que ainda põe em risco a vida de trabalhadores e consumidores em todo o mundo.

O amianto é um agente cancerígeno muito conhecido e não existe um nível seguro de exposição a ele. Ao longo do século



Sufocado *Breathless*

XIX, esse mineral foi amplamente utilizado nas construções civil e naval e na indústria do automóvel, uma combinação de maldade e degradação ambiental. Sem proibição, o amianto permanece legal e letal em quase 70% dos países do mundo, incluindo os Estados Unidos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que 125 milhões de pessoas ao redor do mundo convivem com amianto no trabalho.

A desgraça é a céu aberto: pessoas que mal conseguem respirar têm seus direitos e vozes silenciadas de forma perversa, já que, por outro lado, não podem perder seus empregos. Mesmo com empregos absurdamente violentos e desumanos. O caminho para a organização em sindicatos, busca por direitos, pressão para que exista segurança

*The opening scene in **Breathless** showing a handshake between powerful presidents introduces us to the corrupt asbestos industry and its contempt for human rights. The research by filmmaker Daniel Lambo leads us to India's largest asbestos disposal fills, revealing a cold-blooded industry that still endangers the lives of workers and consumers around the world.*

Asbestos is a well-known carcinogen and there is no safe level of exposure to it. Throughout the 19th century, this mineral was widely used in civil construction and shipbuilding, and in the automobile industry, a combination of evil and environmental degradation. Without a ban in place, asbestos remains legal and lethal in almost 70% of

the countries worldwide, including the United States. The World Health Organization (WHO) estimates that 125 million people around the world are exposed to asbestos at work.

Disgrace is in the open: people who can barely breathe have their rights and voices silenced in a perverse way. Despite absurdly violent and inhumane jobs, these workers cannot afford to lose their work. The path towards trade union organization, the pursuit for rights, and the demand for security is essential. Is activism found everywhere? Perhaps in different ways, or in different movements, yet oftentimes not regarded as activism.

That is why we need activist lawyers, congressmen, councilmen, journalists, teachers – activists from all areas, fighting for rights, fighting social inequality and the savage environmental degradation in the world.

PATH

Living with and talking about conservation units have been an essential part of my life since I was 14 years old. That's when I saw up close the creation of the Capivari-Monos Protection Area and helped to conceive and create the Bororé-Colônia Environmental Protection Area, both located within the largest and most significant part of the Atlantic Forest in the city of São Paulo – and whose biological wealth is of great importance for this biome.

In other words, I was born in a region unknown to most people. In

é fundamental. O ativismo está em todos os lugares? Talvez de formas diferentes, e em movimentos distintos, muitas vezes não chamados de ativismo.

Por isso, precisamos de advogados, deputados, vereadores, jornalistas, professores ativistas. Ativistas de todas as áreas, ocupando os espaços para a busca por direitos, combatendo a desigualdade social e a degradação ambiental feroz no mundo.

CAMINHO

Conviver com unidades de conservação e falar sobre elas é parte fundamental da minha vida desde que tinha 14 anos, quando vi de perto a criação da Área de Proteção Capivari-Monos e, depois, ajudei a criar e a pensar a Área de Proteção Ambiental Bororé-Colônia, ambas dentro da maior e mais significativa parte da Mata Atlântica da cidade de São Paulo, parte essa que é de uma riqueza biológica muito importante e necessária a esse bioma.

Ou seja, nasci em uma região que quase todo mundo desconhece, porque, no imaginário das pessoas, a cidade de São Paulo é integralmente cinza, com prédios. Minha participação nos espaços de discussão sobre unidades de conservação, sua importância e as maneiras de lidar com conflitos em um território limite da área urbana, mas muito rural, se misturam. No lugar em que a floresta se mistura com a cidade, e a cidade com a floresta. Conviver com contradições, como precisar valorizar a água, a mata



Triste Oceano Blue

e toda a biodiversidade, que nos fazem respirar, mas vivenciar a falta de serviços básicos, que não chega por ali, é bem complexo e urgente. Precisamos achar meios para que tudo possa conviver em harmonia, ou pelo menos tentar caminhos comuns. E eu encontrei o ativismo.

AINDA SOBRE OS FILMES

Os cinco filmes, mesmo que com particularidades regionais, caminham por lugares que se encontram. São filmes que se atravessam, uns resistindo com dor, perda e sufoco por justiça e existência, outros travando batalhas pela sobrevivência de um mundo ameaçado, e usando seus privilégios para denunciar injustiças.

people's mind, the city of São Paulo is entirely gray and full of buildings. My participation in the spaces of discussion about conservation units, its relevance, and the different ways to manage conflicts in a territory bordering the urban area, which is still very rural, get all mixed up. It is a place where forest intersects with city, and city intersects with forest. We have to live with contradictions. On the one hand, we must value water, the forest and all biodiversity that allows us to breathe; on the other hand, we have to put up with the lack of basic services, which is often not available to us at all there. All is at once complex and urgent. We need to find ways for everything to coexist in harmony, or at least try to find common paths. I have found activism.

STILL ABOUT THE MOVIES

Despite their regional particularities, the five films navigate across intersecting places. The films cross each other's borders. Some resist through pain, loss and angst over justice and existence. Others fight battles for the survival of a threatened world, and use their privileges to denounce injustices.

To live for an unknown collective is to start on a path of learning that, in many cases, has no return. Being, living, and becoming a social movement means an entanglement of our own selves in our daily lives. What makes human beings exhaust the earth till the last drop of blood, even if it causes thousands of deaths and even further environmental and social problems in the world? The answers may be different, but they certainly involve power and money.

When activists and militants are willing to work and fight so that biodiversity remains intact, and lives and traditions do not die of hunger or in oblivion, they are also handing over to the world a piece of their lives, strength and existence. Lives impacted by other lives, that also have to exist.

Perhaps that's why, of all the films, Dolores has struck such a chord. What called my attention was the dedication with which several women have given themselves to the world and to its people in the fight against machismo, racism and social inequality – all brought about

Viver pelo coletivo desconhecido é iniciar um caminho de aprendizado que, em muitos casos, não tem mais volta. Ser, viver e se tornar movimento social é isso, um emaranhado de nós junto às nossas vidas cotidianas. O que faz o ser humano esgotar a terra até o último estágio? Mesmo que isso cause milhares de mortes e ainda mais problemas ambientais e sociais no mundo? As respostas podem ser diferentes, mas certamente passam por poder e dinheiro.

Quando ativistas e militantes se dispõem a trabalhar e lutar para que a biodiversidade permaneça intacta, para que vidas e tradições não morram de fome ou esquecimento, entregam também um pedaço da própria vida – sua força e existência – para o mundo. Vidas atravessadas por outras vidas, que também precisam existir.

Talvez por isso, dentre todos os filmes, **Dolores** tenha me virado mais a cabeça. O que chama a atenção é a entrega com que diversas mulheres se doaram pelo mundo e para seu povo, no combate ao machismo, racismo e desigualdade social, todos planejados por grandes lideranças mundiais que não estão comprometidas com a justiça ambiental e social do mundo. Dolores é o símbolo que tentaram apagar, é o símbolo de um povo latino-americano que segue sendo exterminado. Símbolo da luta pela terra e pela preservação ambiental que resiste contra a destruição de territórios de diferentes povos ao redor do mundo.

Na luta para sermos melhores e menos predadores, há a resistência de quem dia-



Vulcão de Lama: A Luta Contra a Injustiça *Grit*

riamente se doa ao mundo para que o planeta resista por mais alguns longos anos. A utopia ainda persiste para que se viva, e é capaz de movimentar o mundo, por mais que muitos não acreditem nisso. Enquanto escrevo esse texto, em um convite muito especial da Mostra Ecofalante, um vírus vem matando milhares de pessoas pelo mundo, e nos faz, por um instante, parar de acreditar no futuro possível e planejado. A Covid-19, que nos mata e nos impossibilita de sair de casa, é resultado da forma despreparada e predadora com que usamos os recursos do planeta. E mesmo em um cenário de colapso mundial, as grandes corporações seguem o plano genocida de eliminar florestas, poluir oceanos, matar comunidades inteiras e acabar com a nossa água.

by powerful world leaders, uncommitted to environmental and social justice. Dolores is the symbol they tried to erase. She is the symbol of a Latin American people that keeps being exterminated – symbol of the struggle for land and environmental preservation that resists the destruction of territories of different peoples around the world.

In our struggle to become better people, less predatory, we come across the determination of those who give themselves to the world daily so that the planet resists for a few more years. Utopia persists to enable our living. It is capable of moving the world, despite the skepticism of many. As I write this text, after a very special invitation from the Ecofalante Film Festival, a

virus is killing thousands of people around the world. For a moment, we cease to believe in a possible and planned future. Covid-19, which is killing us and locking us down, is the result of unpreparedness as well as a predatory-like attitude towards the planet's resources. Even in a scenario of a near global collapse, large corporations keep up their genocidal plan to eliminate forests, pollute oceans, kill entire communities, and limit our water supply.

I believe that the possibility to create our dream worlds, overcome hatred and fight inequality lies in continuing to do our daily work on the grounds of thousands of territories and to follow the teachings of those who persist in this world, those who came before us and taught us to care and preserve in order to exist. What we now call activism, changes the world, transforms it. The day may come when all living beings will have learned to live together.

¹ Note of translator: reference to the Portuguese title of the other films.

MARIANA BELMONT

Born in Colônia, extreme south of São Paulo, Mariana Belmont defines herself as a bridge builder. Besides her work with mobilization and communication for public policies, she is part of the Ghetto Journalists Network, builds the Ocupa Política movement, and collaborates with Uneafro Brasil.

A possibilidade de criar nossos mundos desejados, vencer o ódio e combater a desigualdade repousa, acredito eu, em seguir com nosso trabalho diário no chão dos milhares de territórios. Seguir os ensinamentos de quem persiste pelo mundo, de quem veio antes e nos ensinou a cuidar e preservar para existir. O que há poucos anos chamamos de ativismo muda o mundo, transforma. Até que um dia todos os seres vivos aprendam a viver juntos.

MARIANA BELMONT Nascida em Colônia, extremo sul da cidade de São Paulo, Mariana Belmont se define como uma esticadora de pontes. Atuando com mobilização e comunicação para políticas públicas, faz parte da Rede Jornalistas das Periferias, constrói o Ocupa Política e colabora com a Uneafro Brasil.



Dolores

Dolores

EUA, 2017, 95'

Dolores Huerta é uma das mais importantes, embora pouco conhecidas, ativistas da história dos Estados Unidos. Co-fundadora da Farm Workers Union, contribuiu enormemente para a luta por direitos trabalhistas, igualdade racial e paridade de gênero, tornando-se uma das mais notórias feministas do século XX. O filme conta a história dessa mãe de onze filhos e de uma vida dedicada à mudança social.

Dolores Huerta is among the most important, yet least known, activists in American history. Co-founder of the first Farm Workers' Union, Dolores contributed enormously to labor justice, racial and gender equality, becoming one of the most defiant feminists of the twentieth century. The film tells the story of this mother of eleven children and of her life dedicated to social change.



DIREÇÃO *DIRECTOR*

Peter Bratt

PRODUÇÃO *PRODUCER*

Peter Bratt & Brian Benson

ROTEIRO *WRITER*

Peter Bratt

FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*

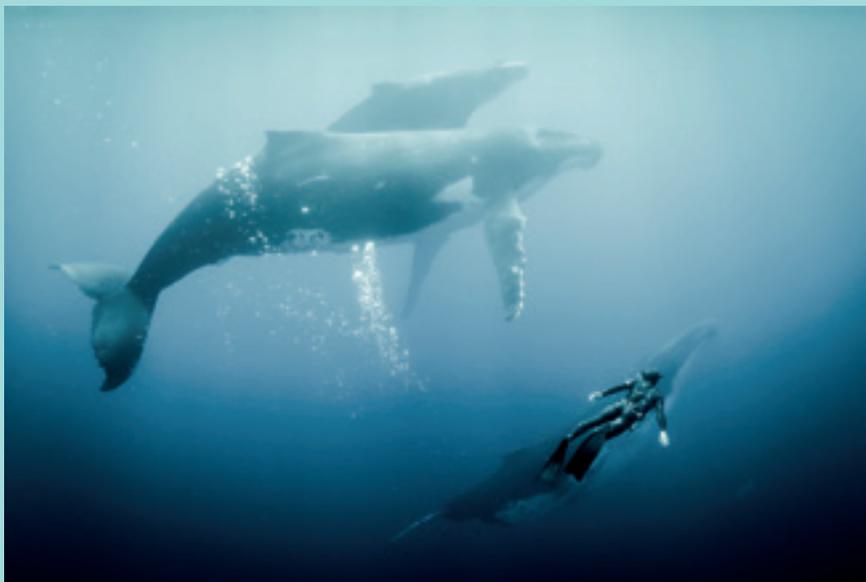
Jesse Dana

EDIÇÃO *EDITOR*

Jessica Congdon

CONTATO *CONTACT*

eeowens@pbs.org



Triste Oceano

Blue

AUSTRÁLIA, 2017, 76'

Metade de toda a vida marinha foi perdida nos últimos 40 anos. Em 2050, haverá mais plástico do que peixes nos mares. Diferente do que imaginamos nos últimos séculos, o oceano não é um lugar de recursos ilimitados, imune à mudança e ao declínio. Através de entrevistas com apaixonados ativistas, o filme desvela a história das mudanças em nosso oceano para defender a necessidade de preservá-lo.

Half of all marine life has been lost over the last 40 years. By 2050, there will be more plastic in the sea than fish. We can no longer think of the sea as we used to in the past, as a place of limitless resources, immune to change and decline. Featuring passionate advocates for ocean preservation, the film reveals the story of our changing ocean in order to show the urgent need to preserve it.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Karina Holden
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Sarah Beard, Karina Holden & Sue Clothier
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Jody Mouston
EDIÇÃO **EDITOR**
Vanessa Milton
CONTATO **CONTACT**
info@northernpictures.com.au



Vulcão de Lama: A Luta pela Injustiça

Grit

EUA, 2018, 80'

Um tsunami de lama em ebulição soterra 16 vilarejos de uma área industrial e residencial de Java Oriental, na Indonésia, desalojando mais de 60 mil pessoas. Dezenas de fábricas, escolas e mesquitas ficam submersas sob uma paisagem de lama rachada. Cientistas afirmam que a tragédia se deveu às atividades de *fracking* (extração de gás de xisto), que acidentalmente atingiram um vulcão de lama subterrâneo. Dian, na época ainda criança, é hoje uma jovem ativista que mobiliza seus vizinhos na luta por justiça, questionando o papel do poder e dinheiro de grandes corporações.

A tsunami of boiling mud sinks 16 Indonesian villages leaving 60,000 people displaced from what was once a thriving industrial and residential area in East Java. Dozens of factories, schools and mosques are submerged 60 feet under a moonscape of cracked mud. Scientists affirm this tragedy was caused by fracking activity that accidentally struck an underground mud volcano. Dian, a young child at the time, is now a politically active teenager, organizing her neighbors as they fight for justice, questioning the role of corporate power and money.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Cynthia Wade & Sasha Friedlander
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Sasha Friedlander, Cynthia Wade, Tracie Holder & Matthew Syrett
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Boaz Freund, Axel Baumann & Bao Nguyen
EDIÇÃO **EDITOR**
Sasha Friedlander
CONTATO **CONTACT**
sashafriedlander@gmail.com

consumo
consumption

A Sociedade Que Estabeleceu a Transparência Extrema

GABRIELA YAMAGUCHI

A imagem da curva de contágio da Covid-19 se tornou comum ao olhar do mundo. Em todas as línguas, em todos os países, esperou-se o período “plató” e que ele caminhasse para a queda. Um discurso de que tudo isso vai passar, porque “isso” tem um começo e um fim.

The Society That Established Extreme Transparency

GABRIELA YAMAGUCHI

The image of the Covid-19 contagion curve has become commonplace worldwide. In all languages, all countries, the plateau period was expected and then a decline in the number of cases. A narrative suggesting that all this will pass, because “it” has a beginning and an end.

The selection in the Consumption section of the Contemporary International Panorama of the 9th Ecofalante Film Festival uncovers the rationale behind the curve. The four documentaries rip apart its coldness and expand the connecting roots of the stories of the lives represented by it to a period long before the beginning of the contagion.

*We cannot possibly fail to connect the social injustice that has transformed today’s most fragile communities – black, peripheral urban, traditional and riverine, of indigenous peoples and small farmers – in Brazil and in the world into the most affected by Covid-19 to the unsustainable exploitation of resources that generated concentration of land, and political and economic power. And this is one of the portraits of the political-productive cowardice common to the feature films *Death by Design* (USA, 2016), by Sue Williams, *The End of Meat* (Germany, 2017), by Marc Pierschel, *The Superfood Chain* (Canada,*

A seleção na temática **Consumo** do **Panorama Internacional Contemporâneo** da **9ª Mostra Ecofalante** descortina a racionalidade por trás da curva. Os quatro documentários rasgam a sua frieza e expandem em raízes as conexões das histórias das vidas representadas por ela para muito antes do início do contágio.

Impossível não conectar a injustiça social que faz hoje as comunidades mais fragilizadas – negras, periféricas urbanas, tradicionais e ribeirinhas, de povos indígenas e de pequenos agricultores – no Brasil e no mundo serem as mais afetadas pela Covid-19 à exploração insustentável dos recursos que gerou concentração de terras, de poder político e econômico. E esse é um dos retratos da covardia político-produtiva comuns aos longas-metragens ***O Custo do Vício Digital*** (EUA, 2016), de Sue Williams, ***O Fim da Carne*** (Alemanha, 2017), de Marc Pierschel, ***Superalimentos*** (Canadá, 2018), de Ann Shin, e ***Beleza Tóxica*** (Canadá, 2019), de Phyllis Ellis, inédito no Brasil.

Ao escrever este texto, fecho os olhos para chorar novamente e sentir a falta de ar, a dor no peito diante do intolerável em cada um dos filmes. Reconhecemos que compartilhamos com os territórios apresentados condições degradantes de produção que violam os direitos de bem-estar dos trabalhadores – na sua maioria camponeses e agricultores – e causam a contaminação de pessoas e natureza.

O Fim da Carne parte das evidências já consolidadas dos impactos negativos



O Fim da Carne *The End of Meat*

da produção e consumo de carne tanto na saúde das pessoas quanto na crise de degradação ambiental e emissões de carbono. E se propõe a explorar as possibilidades da mudança radical de um mundo sem ela.

A expansão da produção de carne nos Estados Unidos foi marcada pela invasão de terras de povos indígenas. E quem décadas depois é empregado para trabalhar nos distantes abatedouros são agricultores da área rural. Como em outros setores nos quais o consumo excessivo foi estimulado, campanhas desassociaram a morte dos animais à carne que chega aos nossos pratos. A adoção da palavra bife, do francês de origem latina, ajudou. Não é carne, é bife. Não é morte, é abate.

2018), by Ann Shin, and Toxic Beauty (Canada, 2019), by Phyllis Ellis, unpublished in Brazil.

As I write this text, once more I close my eyes to cry and feel the shortness of breath, the pain in my chest before the intolerable in each of the films. We recognize that we share with the presented territories degrading production conditions that violate the welfare rights of workers – mostly peasants and farmers – and cause the contamination of people and nature.

The End of Meat builds on the already consolidated evidence of the negative impacts of meat production and consumption on both people’s health and the crisis of environmental degradation and carbon emissions. And it proposes to



O Custo do Vício Digital *Death by Design*

explore the possibilities of radical change in a world without it.

*The expansion of meat production in the United States has been marked by the invasion of indigenous peoples' lands. And decades later the very farmers of rural areas are the ones employed to work in distant slaughterhouses. Just like in other sectors where excessive consumption has been stimulated, campaigns have disassociated the death of animals from the meat that reaches our tables. The adoption of the French word *beef*, of Latin origin, helped a lot: It's not meat, it's beef.*

In addition to the environmental impacts, Pierschel begins by addressing the mistreatment of animals in meat and dairy production, and goes on exploring the debate

Além dos impactos ambientais, Pierschel parte do tema dos maus-tratos aos animais na produção de carne e derivados de leite e explora o debate sobre o direito dos animais a uma vida digna e a serem legalmente defendidos. Nos caminhos possíveis de abandonar a produção baseada na crueldade animal, que causa desmatamento, invasões de terras, emissões e uso de recursos como água e energia, a tecnologia apresenta algumas alternativas. Mas mesmo os autores das carnes de laboratório reconhecem: se estivermos realmente comprometidos com a redução do impacto da produção da carne, não existe nenhuma solução melhor do que as proteínas de origem vegetal.

No mínimo, precisamos reduzir, como

os que adotam um estilo de vida flexitarianista (pessoas que reduzem o consumo de produtos animais). E esse caminho não está muito longe da nossa realidade. Um produtor americano de hambúrguer vegetal presente no mercado brasileiro afirmou no final de julho que espera igualar o custo das opções veganas, ainda caras, ao preço da proteína animal até 2024.

Se começamos a imaginar nossa vida sem carne, será que conseguimos ter uma vida sem celular? Em *O Custo do Vício Digital* conhecemos a origem da produção dos primeiros computadores pessoais nos Estados Unidos. Todo o cuidado de proteção não era com a exposição das pessoas aos componentes químicos contaminantes da época. Era com os objetos sendo produzidos.

Foram décadas de descarte sem tratamento dos resíduos em rios e terras, contaminando águas subterrâneas do entorno das fábricas, prejudicando cidades inteiras. Nos 300 anos em que se estima “limpar” um território, ninguém vivo hoje estará lá para saber se é verdade.

Depois dos processos de responsabilização por contaminação e morte nas cortes dos Estados Unidos chegarem a valores e penas custosos demais, essa produção irresponsável foi simplesmente transferida para a Ásia. O cenário escala e piora. Os trabalhadores que aceitam trabalhar nessas condições degradantes, sem pausa e em turnos sem fim, são, novamente, camponeses mais pobres.

on the animals' right to a dignified life in addition to their right of being legally defended. As a possible alternative to abandon cruelty-based production, which causes deforestation, land invasions, emissions and use of resources such as water and energy, technology steps in. However, even the authors of laboratory meat admit: if we are really committed to reducing the impact of meat production, there is no better solution than plant protein.

At the very least we need to reduce the consumption of animal products, adopting what is called a flexitarian lifestyle (reduced consumption of animal products), which is not far from our reality. An American producer of vegetable hamburgers working in Brazil stated in July that he expects to equal the price of vegan options, which are still costly, to the price of animal protein by 2024.

*If we have started imagining our life without meat, could we have a life without cell phones? In *Death by Design* we learn about the origin of the first personal computer production in the United States. Protection care then was not oriented towards people's exposure to contamination of chemical components, but rather towards the objects produced.*

For decades, the practice of waste disposal in rivers and lands, without treatment, contaminating underground water around the factories, damaged entire cities. The estimated time to “clean up” a territory is 300 years. However, no one

alive today will ever know whether this will come true.

After the lawsuits in the US courts against companies causing contamination and death had reached millions in punitive and compensatory damages, many companies simply transferred their irresponsible production to Asia. The scenario escalates and worsens. The workers who agree to work in such degrading conditions of endless shifts and no pause are, of course, poorer peasants.

These companies have not been held accountable for the chemical footprint of their contaminants. Metals such as copper, cyanide and solvents have polluted the waters of the rivers that supply cities in China, but fraud and corruption inhibit inspection. Brands reaching consumers also have their share of responsibility in this dynamic.

Outsourcing of work (and responsibilities) as a business strategy, as shown in the computers and cell phones chain, corroborates the practice of turning a blind eye to the problem. Just as slaughterhouses are located far from the cities, factories are located on another continent. What the eye cannot see, the heart doesn't grieve over.

And demand is just increasing. In the middle of the pandemic, in Brazil, cell phone sales grew 9% in the first half of 2020 compared to the same period last year, according to a study done by a platform selling new and used items. And at the other end, e-garbage grows at the same rate.

In July, The Global E-waste Mon-

Essas empresas não foram responsabilizadas pela pegada química (*chemical footprint*) de seus contaminantes. Metais como cobre, cianeto e solventes poluíram as águas dos rios que abastecem as cidades na China, e a corrupção fraudou a fiscalização. E essa responsabilidade é também das marcas que chegam às mãos dos consumidores.

A terceirização do trabalho (e das responsabilidades) como estratégia de negócios, mostrada na cadeia de computadores e celulares, corrobora a prática de levar para longe dos olhos e da consciência da sociedade a imagem vil da sua produção. Assim como os abatedouros são distantes das cidades, as fábricas estão em outro continente. O que os sentidos não sofrem não existe.

E a demanda só cresce. Em meio à pandemia, no Brasil, as vendas de celulares cresceram 9% no primeiro semestre de 2020 em relação ao mesmo período do ano passado, segundo estudo de uma plataforma de venda de usados e novos. E na ponta, o e-lixo cresce igual.

Em julho, o estudo *The Global E-waste Monitor 2020*, colaboração entre a Universidade das Nações Unidas e várias outras organizações, indicou que nos últimos 5 anos houve um crescimento global de 21% de lixo eletrônico. Em 2019, foram 53 milhões de toneladas no ano, compostos por itens como celulares, computadores, geladeiras e células fotovoltaicas. Desse total, somente 17,4% foram reciclados. “Isso significa que ouro, prata, cobre, platina e



Superalimentos *The Superfood Chain*

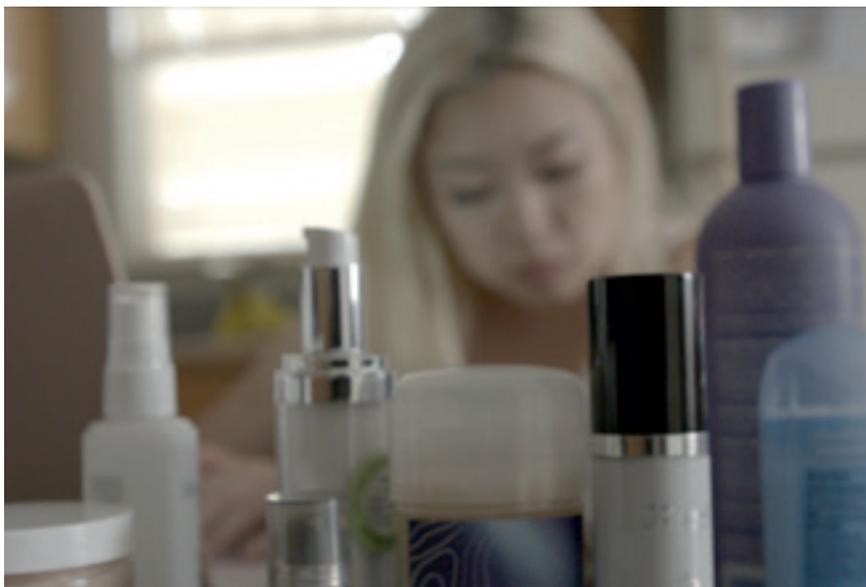
outros materiais recuperáveis de alto valor avaliados conservadoramente em 57 bilhões de dólares foram em sua maioria descartados ou queimados em vez de coletados para tratamento e reutilização”, contabiliza o estudo.

O Brasil é citado por ter pelo menos um marco legal, a Política Nacional de Resíduos Sólidos, que completou uma década. Só agora, estabeleceu-se a meta de sair das atuais centenas para 5 mil pontos de coleta e destinação de lixo eletroeletrônico, em 400 cidades, até 2025.

Metade dos municípios brasileiros (49,9%) ainda despeja resíduos em lixões – depósitos irregulares e ilegais. 17,8 milhões de brasileiros não têm coleta de lixo nas casas e apenas 3,85% dos resíduos são

itor 2020 study, a collaboration between the United Nations University and several other organizations, indicated that in the past 5 years there has been a global growth of 21% in electronic waste. In 2019, there were 53 million tons of e-waste, made up of items like cell phones, computers, refrigerators and photovoltaic cells. Of this, only 17.4% were recycled. “This means that gold, silver, copper, platinum and other recoverable materials of high value conservatively estimated at \$57 billion were mostly discarded or burned rather than collected for treatment and reuse”, the study says.

Brazil is mentioned as having at least a legal landmark, the National Policy on Solid Waste, which completed a decade. Only now has the



Beleza Tóxica Toxic Beauty

goal been established to go from the current hundreds to 5,000 collection and disposal points of electrical and electronic waste, in 400 cities, by 2025.

Half of the Brazilian municipalities (49.9%) still dump waste in irregular and illegal landfills. 17.8 million Brazilians have no garbage collection at their homes, and only 3.85% of their waste is recycled. The 5th Urban Cleaning Sustainability Index (ISLU), prepared by the National Association of Urban Cleaning Companies (Selurb) in partnership with PwC Brazil consultancy, launched in August, confirms the stagnation of this sector.

In The Superfood Chain, the Canadian director explores how superfoods, which have become a

reciclados. Recém lançado agora, em agosto, o 5º Índice de Sustentabilidade da Limpeza Urbana (ISLU), elaborado pelo Sindicato Nacional das Empresas de Limpeza Urbana (Selurb) em parceria com a consultoria PwC Brasil confirma a estagnação em que estamos no setor.

Em **Superalimentos**, a diretora canadense explora como os superalimentos que viraram moda no mercado global com o poder nutritivo temperado por narrativas de ancestralidade impactam as comunidades onde eles se originaram. O caso mais emblemático, o cultivo da quinua na Bolívia, mostra o desequilíbrio causado pela queda pela metade do preço do grão em cinco anos, de 2013 – quando foi eleito alimento do ano pelas Nações Unidas – a

2018. Todo o mundo, inclusive o Brasil, passou a produzi-lo.

No contraponto, o teff, na Etiópia, foi preservado nos primeiros anos como produto soberano do país. A conexão afetiva da família Enedeg com o alimento se completa. Hoje, a Bolívia está se reconectando com o cultivo da quinua para subsistência e com o cultivo orgânico da quinua real.

Mesmo quando uma comunidade consegue preservar sua cultura, é impossível se isolar das consequências da pressão do mercado. É o que o documentário mostra nas ilhas Haida Gwaii, no Canadá, onde o consumo tradicional de salmão foi protegido da sobrepesca e da aquacultura por leis locais. Mas ainda está ameaçado pelas águas vizinhas, onde tais práticas acontecem intensivamente.

Presente em todo o roteiro do documentário, a comunidade de agricultores extrativistas de coco de San Roque (San Roque Farmers Association – SRFA), nas Filipinas, foi beneficiada pelo apoio de uma iniciativa de comércio justo. Mas também enfrenta uma disputa de terras: uma história que conhecemos bem no Brasil, como grilagem. Uma família local requereu ao governo a posse da área onde vivia a comunidade para vendê-la e transformá-la num resort e centro comercial. As Filipinas são o maior exportador de coco do mundo, com a maior parte da produção nas mãos de 3,5 mil pequenos agricultores. Hoje eles estão sofrendo com a concorrência da produção extensi-

fad in the global market with their nutritional power seasoned with narratives of ancestry, impact the communities where they originated. The most emblematic case, the cultivation of quinoa in Bolivia, shows the imbalance caused by the fall in the price of grain by half from 2013 – when it was proclaimed food of the year by the United Nations – to 2018. The whole world, Brazil included, started to produce it.

On the other hand, teff in Ethiopia was preserved as the country's sovereign good in the first years. The emotional connection of the Enedeg family with food goes full circle. Today, Bolivia is reconciled with the cultivation of quinoa as subsistence livelihood and with the organic cultivation of Quinoa Real.

Even when a community manages to preserve its culture, it is impossible to isolate itself from the consequences of market pressure. This is what the documentary shows in the Haida Gwaii Islands, Canada, where traditional salmon consumption has been protected from over-fishing and aquaculture by local laws. But it is still threatened by the surrounding waters, where such practices happen intensively.

The San Roque Farmers Association (SRFA), a community of coconut farmers in the Philippines intensely present in the documentary, has benefited from the support of a fair-trade initiative. However, it also faces a land dispute: a practice known in Brazil as “grilagem” (land grabbing). A local family applied to the government

for ownership of the area where the community lived to later sell it and turn it into a resort and shopping center. The Philippines is the world's largest exporter of coconut, with most of the production being in the hands of 3,500 small farmers. Today they are suffering from competition from extensive palm oil production by large corporations in the country.

Produce fast at the lowest cost. To watch *Toxic Beauty*, shown for the first time in Brazil, is to feel the clock ticking at the wee hours of the morning. Director Phyllis Ellis says that when she learned from the newspapers about the lawsuit that condemned the Johnson & Johnson pharmaceutical group in 2018, she saw herself in the group risk. For over fifteen years, as an Olympic hockey athlete, she used the brand's baby talcum powder.

In June, the Missouri court of appeals in the United States confirmed the verdict that the talcum powder sold by the company causes ovarian cancer and ordered the company to pay 2.1 billion dollars in damages. This story has motivated the director to investigate other contaminations by chemical components in personal care and beauty products, such as contamination by parabens used as preservatives in creams, shampoos and shaving creams.

Ellis came across decades of epidemiological studies by Dr. Daniel Cramer of Harvard University on how the use of talcum (based on silica and magnesium, which can thus contain asbestos) was associated

va de óleo de palma por grandes corporações no país.

Produzir rápido, ao menor custo. Assistir ao inédito *Beleza Tóxica* é sentir o relógio tocando de madrugada. A diretora Phyllis Ellis conta que, quando soube pelos jornais sobre o processo que condenou o grupo farmacêutico Johnson & Johnson em 2018, se viu no grupo de risco. Por mais de quinze anos, como atleta olímpica de hóquei, ela usou o talco para bebês da marca.

Em junho, o tribunal de apelações do Missouri, nos Estados Unidos, confirmou o veredicto que determinou que o talco vendido pela empresa provoca câncer de ovário e a condenou a pagar 2,1 bilhões de dólares em danos. A história a motivou a investigar outras contaminações por componentes químicos em produtos de cuidado pessoal e beleza, como a contaminação por parabenos usados como conservantes em cremes, xampus e cremes de barbear.

Ellis se deparou com décadas de estudos epidemiológicos do Dr. Daniel Cramer, da Universidade de Harvard, sobre como o uso de talco (à base de sílica e magnésio, que, assim, pode conter amianto) estava associado ao câncer de ovário. O corpo acumula ao longo dos anos toda essa carga. Sem aviso, sem saber da pegada química do produto.

A maior crítica ao setor que permite que isso aconteça é a autorregulação. Os produtos são primeiro lançados, e, se houver algum problema, as empresas são noti-

ficadas. Na guerra de narrativas, há a fabricação da incerteza em relação aos estudos e pesquisas que comprovam a fatalidade desses contaminantes e seu uso.

Finalmente, em 2020, testes realizados pela agência americana FDA (*Food and Drug Administration*) atestaram que o ingrediente cancerígeno amianto foi encontrado em produtos como sombras, blush e corretivos, além do próprio talco da J&J.

Do livro *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson, citado pela organização *Silent Spring*, que a homenageou em *Beleza Tóxica*, à atuação do ambientalista Ma Jun, do Instituto de Assuntos Públicos e Ambientais (IPE) da China, que aparece em *O Custo do Vício Digital*, o comportamento de pessoas, como você e eu, no que chamamos de sociedade civil organizada, tem papel crucial. Cidadãs e cidadãos, as ONGS, os ativistas, artistas, cientistas e jornalistas, hoje alvos dos ataques de governos, apoiam e trabalham com movimentos locais na construção de soluções.

O extremo a que chegamos com a pandemia global, sob governos responsáveis por torná-la um genocídio das populações mais fragilizadas, escancara que somos nós a sociedade que precisa ter a coragem de estabelecer a transparência extrema como acordo social.

Transparência extrema e responsabilização. Uma sociedade em que empresas como a J&J e a Vale não poderão ocultar que sabiam há décadas que havia risco de cancerígenos em seu produto ou que as

with ovarian cancer. Without warning, without knowing the chemical footprint of the product, the body accumulates all this load over the years.

The biggest criticism against the sector that allows this to happen is self-regulation. The products are first launched, and should there be any problem, the companies are notified. In the war of narratives, there is the fabrication of uncertainty concerning the studies and research that prove the fatality of these contaminants and their use.

Finally, in 2020, tests conducted by the U.S. Food and Drug Administration (FDA) confirmed that asbestos, a carcinogenic ingredient, was found in products such as shades, blush and correctives, in addition to J&J's talcum powder.

From the book *Silent Spring*, by Rachel Carson, quoted by the *Silent Spring* organization, which honored her in *Toxic Beauty*, to the performance of the environmentalist Ma Jun, from the China Institute of Public and Environmental Affairs (IPE), who appears in *Death by Design*, the behavior of people like you and me, in what we call organized civil society, plays a crucial role. Citizens, NGOs, activists, artists, scientists and journalists, now targets of government attacks, support and work with local movements to build solutions.

The extreme conjuncture we have reached with the global pandemic, under governments responsible for transforming it into a genocide of the most vulnerable populations, reveals that the courage needed to

establish extreme transparency as a social agreement is in our hands –society itself.

Extreme transparency and accountability. A society in which companies like J&J and Vale cannot hide the fact that for decades they were aware there was a risk of carcinogens in their product, or that the dams were doomed to break. A society in which every step made by governments is known and includes its very participation.

Geographer Milton Santos believed that it was necessary to “shift the centrality of money in its pure form to man” in order to organize another economic logic capable of encompassing the majority of the population. “If man is regarded as residual, then territory, the nation-state and the idea of social solidarity also become residual” (in Teoria & Debate, April 1999).

It is our role to be supportive. Supportive to those close to us, to the life of animals and ecosystems we depend on. Let there be ethics for the right to life, not for the profit of a few. For that, we need to feel in order to act. From cowardice, which generated the crisis and the Covid-19 curve, let us emerge as science, courage and care.

barragens tinham prazo para romper. Em que cada passo dos governos seja conhecido e inclua participação da sociedade.

O geógrafo Milton Santos acreditava que era preciso “deslocar a centralidade do dinheiro em estado puro para o homem” para organizar uma outra lógica econômica capaz de abarcar a maior parte da população. “O homem sendo residual, o território, o Estado-nação e a ideia de solidariedade social também se tornam residuais” (in *Teoria & Debate*, abril de 1999).

É nosso papel sermos solidários. Com quem está ao nosso lado, com a vida dos animais e ecossistemas de que dependemos. Que haja a ética pelo direito à vida, e não pelo lucro de poucos. Para isso, precisamos sentir para agir. Que da covardia, que gerou a crise e a curva da Covid-19, sejamos ciência, coragem e cuidado.

* No Brasil, oito santuários que atuam no resgate e cuidados a animais – silvestres, domésticos e resgatados de fazendas e abatedouros – se uniram no coletivo Santuários do Brasil e lançaram uma campanha de arrecadação coletiva. Se puder, contribua: <https://www.kickante.com.br/campanhas/santuarios-do-brasil>.

* A ONG Proteção Animal Mundial reúne adesões a uma petição para exigir do G20 em novembro um plano para acabar com o comércio global de animais silvestres. Conheça e assine: <https://www.worldanimalprotection.org.br/g20>.

GABRIELA YAMAGUCHI Gabriela Yamaguchi é diretora de Sociedade Engajada da organização socioambiental WWF-Brasil desde 2017. É responsável pelas estratégias de Produção e Consumo Sustentáveis, Cidadania Ativa, Educação e Voluntariado. Jornalista pela Universidade de São Paulo (USP), atuou na Superinteressante, da Editora Abril, e no movimento Planeta Sustentável. No Instituto Akatu, gerenciou campanhas e projetos corporativos em Consumo Consciente e Produção Sustentável. No Laboratório de Mudanças Climáticas da Purpose Brasil, atuou na articulação em rede de instituições da sociedade civil para valorizar os temas de Mobilidade, Energia Limpa, Áreas Verdes e Gestão de Resíduos nos Programas de Metas municipais.

** In Brazil, eight sanctuaries working to rescue and take care of animals – wild, domestic and rescued from farms and slaughterhouses – joined together in the collective Sanctuaries of Brazil and launched a joint collection campaign. If you can, please contribute: <https://www.kickante.com.br/campanhas/santuarios-do-brasil>.*

** The NGO World Animal Protection has organized a petition demanding from the G20 in November a plan to end the global wildlife trade. Search and sign: <https://www.worldanimalprotection.org.br/g20>.*

GABRIELA YAMAGUCHI Director of Social Engagement of WWF-Brazil since 2017, Gabriela Yamaguchi is responsible for the strategies of Sustainable Production and Consumption, Active Citizenship, Education and Volunteering. A journalist from USP – University of São Paulo, she has worked in the magazine Superinteressante, published by Editora Abril, and in the movement Planeta Sustentável. At Akatu Institute, she managed corporate campaigns and projects in Conscious Consumption and Sustainable Production. At the Climate Change Laboratory of Purpose Brazil, she worked in the networking of civil society institutions to promote the themes of Mobility, Clean Energy, Green Areas and Waste Management in the municipal Goal Programs.



Beleza Tóxica

Toxic Beauty

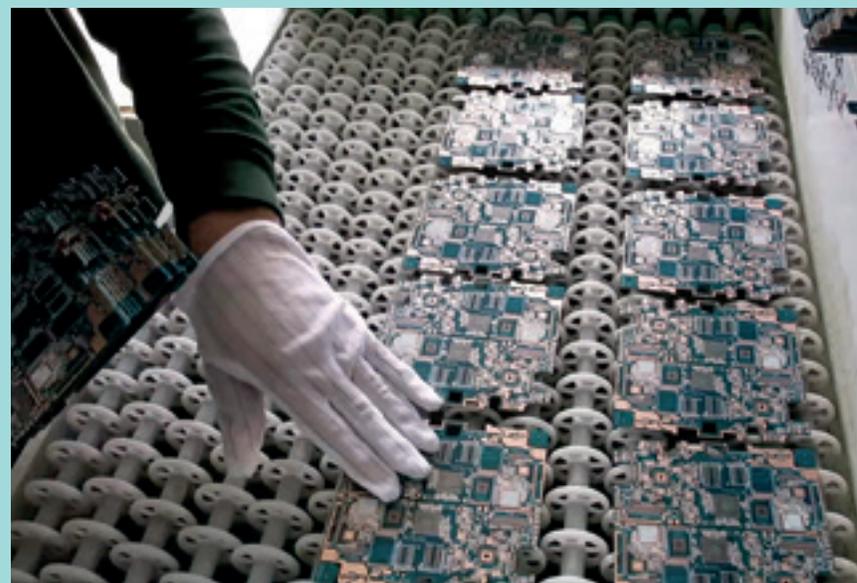
CANADÁ, 2019, 90'

Para muitos de nós, faz parte da rotina: os cuidados com a higiene e os produtos que usamos diariamente nos colocam em contato com centenas de substâncias químicas. As companhias multibilionárias da indústria cosmética nos asseguram que não há razão para se preocupar. No entanto, uma ação judicial coletiva histórica contra a Johnson & Johnson e seu talco para bebês afirma que a multinacional sabia dos ingredientes cancerígenos mas nada fez. *Beleza Tóxica* é um documentário contundente sobre a falta de regulação da indústria cosmética e sobre o verdadeiro custo da beleza.

For many of us, it's part of a daily routine: every day, we powder, lather and douse our bodies with numerous personal care products. The multi-billion-dollar companies behind our makeup and shampoo insist there's nothing to be concerned about, yet an historic class-action lawsuit against Johnson and Johnson and their baby powder argues the company knew about carcinogens in its product and took no action. A hard-hitting exposé of the under regulated cosmetics industry, this Hot Docs Festival hit asks us to consider the true cost of beauty.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Phyllis Ellis
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Barri Cohen & Stephen Panicia
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Iris Ng
EDIÇÃO **EDITOR**
James Yate
CONTATO **CONTACT**
info@whitepinepictures.com



O Custo do Vício Digital

Death by Design

EUA, 2016, 74'

Consumidores amam – e não podem viver sem – seus smartphones, tablets e laptops. Uma miríade de novos dispositivos inunda o mercado prometendo ainda mais comunicação, entretenimento 24h por dia e informação instantânea. Mas essa revolução tem seu lado sombrio. De funestas condições de trabalho na China a famílias intoxicadas em NY e aos corredores ultra-tecnológicos do Vale do Silício, o filme revela como até o menor aparelho eletrônico carrega custos fatais para o meio-ambiente e para nossa saúde.

Consumers love – and live on – their smartphones, tablets and laptops. A cascade of new devices pours endlessly into the market, promising even better communication, non-stop entertainment and instant information. But this revolution has its dark side. From unsafe working conditions in China to intoxicated families in NY and the high tech corridors of Silicon Valley, the film reveals how even the tiniest of devices have deadly environmental and health costs.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Sue William
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Hilary Klotz Steinman & Sue Williams
ROTEIRO **SCRIPT**
Sue Williams
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Sam Shinn
EDIÇÃO **EDITOR**
Adam Zucker
CONTATO **CONTACT**
info@bullfrogfilms.com



O Fim da Carne

The End of Meat

ALEMANHA, 2017, 94'

O cineasta Marc Pierschel embarca em uma jornada para descobrir que efeito um mundo pós-carne teria no meio ambiente, nos animais e em nós mesmos. Ele conhece Esther, o Porco Maravilha, que se tornou um fenômeno da internet; conversa com pioneiros que lideram a revolução vegana na Alemanha; visita a primeira cidade totalmente vegetariana da Índia; testemunha animais de fazenda resgatados fruindo sua recém-encontrada liberdade; observa os inovadores em alimentos do futuro, que produzem carne e laticínios sem os animais, colhem "bacon" do oceano e muito mais.

In The End of Meat, filmmaker Marc Pierschel embarks on a journey to discover what effect a post-meat world would have on the environment, the animals and ourselves. He meets Esther the Wonder Pig, who became an internet phenomenon; talks to pioneers leading the vegan movement in Germany; visits the first fully vegetarian city in India; witnesses rescued farm animals enjoying their newly found freedom; observes the future food innovators making meat and dairy without the animals, even harvesting "bacon" from the ocean and much more.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Marc Pierschel
ROTEIRO **SCRIPT**
Marc Pierschel
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Jeff Wirth
EDIÇÃO **EDITOR**
Marc Pierschel
CONTATO **CONTACT**
alessandro@mindjazz-
international.com



Superalimentos

The Superfood Chain

CANADÁ, 2018, 70'

Todos os anos um novo 'superalimento', com propriedades nutricionais extraordinárias, é apresentado ao ocidente. Este filme explora os fatos e mitos por trás dos superalimentos. Revela o efeito cascata dessa indústria nas famílias de agricultores e pescadores mundo afora, explorando paisagens e povos da Bolívia, Etiópia, Filipinas e do arquipélago de Haida Gwaii, no Canadá. Divulga ainda os grandes problemas gerados pela globalização dos superalimentos, incluindo efeitos imprevistos na saúde, segurança alimentar, agricultura sustentável e nas práticas de comércio justo.

Every year, the western world is introduced to a new 'superfood' that boasts extraordinary nutritional features. The film explores the facts and myths behind superfoods, and reveals the ripple effect of this industry on farming and fishing families around the world, exploring the landscapes and peoples of Bolivia, Ethiopia, Philippines, and Haida Gwaii in Canada. It brings to light the larger issues around globalization of superfoods, including unintended effects on food security and health, sustainable farming, and fair trade food practices.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Ann Shin
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Ann Shin
ROTEIRO **SCRIPT**
Ann Shin
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Stephen Chung
EDIÇÃO **EDITOR**
Steve Guise
CONTATO **CONTACT**
hannah@
fathomfilmgroup.com

economia
economy

Financeirização: Nova Ordem Econômica e Social

LADISLAU DOWBOR

O mundo está mudando rapidamente, tendo como eixos principais de transformação o aprofundamento das desigualdades, a catástrofe ambiental, o caos financeiro e a desarticulação dos sistemas democráticos. No meio disso, as pessoas, as comunidades, as cidades e as nações buscam formas de resgatar as rédeas do processo, tentando sobreviver e se organizar num contexto cuja dinâmica lhes escapa. “No sabemos lo que pasa”, escreveu Ortega y Gasset, “y es exactamente eso lo que pasa”, caracterização feliz da nossa realidade.

Financialization: New Economic and Social Order

LADISLAU DOWBOR

The world is changing rapidly. The main axes of transformation are the deepening of inequalities, the environmental catastrophe, the financial chaos and the disarticulation of democratic systems. In the midst of all this, people, communities, cities, and nations are looking for ways to regain control of the process, trying to survive and organize themselves in a context whose dynamics they fail to grasp. 'No sabemos lo que pasa', wrote Ortega y Gasset, 'y es exactamente eso lo que pasa';¹ an insightful characterization of our reality.

Until a few decades ago, money was essentially made up of banknotes and coins printed and minted by governments. It was part of an essential privilege of public power, and allowed interventions in social organization, with profound distortions, yet guaranteeing some balance and oftentimes impressive success. Today money is essentially issued by banks in the form of credit and other financial instruments, leading to a deep erosion of the rationalizing power of the public administrations. The result is a general deepening of inequality.

The deepening of the world's inequality in recent decades, both in the countryside and in the urban areas of the countries, is directly linked

O dinheiro, até há poucas décadas atrás, era essencialmente constituído por notas e moedas impressas e cunhadas pelos governos, fazia parte de um privilégio essencial do poder público e permitia intervenções na organização social, com profundas deformações, mas também garantindo certo equilíbrio e, por vezes, sucessos impressionantes. Hoje o dinheiro é essencialmente emitido por bancos, sob forma de crédito e outros instrumentos financeiros, levando a uma profunda erosão do poder racionalizador das administrações públicas. O resultado é um aprofundamento da desigualdade em geral.

O aprofundamento da desigualdade nas últimas décadas, no plano internacional, no interior dos países e nos espaços urbanos, está diretamente ligado à financeirização. Nesta era em que mais de 90% do dinheiro circula sob forma de sinais magnéticos, simples registros nos computadores, portanto dinheiro imaterial, controlado por inúmeros intermediários financeiros, generalizaram-se práticas especulativas. Sempre existiram, sem dúvida, mas adquiriram hoje dimensões radicalmente mais amplas. Hoje o 1% dos mais ricos tem mais riqueza acumulada do que os 99% seguintes. Essa desigualdade aberrante impactou todas as nossas atividades, e os filmes que aqui comentamos mostram diversas facetas e diversos setores, exercício que pode ser mais instrutivo do que teorias gerais sobre o capitalismo moderno.

Em boa parte, as fortunas dos mais ricos são investidas em especulação imobili-



Push: Ordem de Despejo Push

ária. Esse é precisamente o tema do filme **Push: Ordem de Despejo**, que mostra os mecanismos especulativos, a desarticulação ou apropriação dos sistemas públicos, bem como a crescente dificuldade, para a massa da população, de acesso a um direito humano básico: o direito à moradia. O solo urbano não foi criado pelas empresas que com ele especulam. E a sua valorização resulta predominantemente da própria aglomeração das populações em espaços restritos: controlar o acesso permite gerar imensas fortunas, sem precisar contribuir significativamente com investimentos. Empresas produtivas, características do capitalismo tradicional, produzem bens ou serviços, gerando lucros, mas também empregos e impostos. Exploram os trabalhadores pelo

to financialization. In this era in which more than 90% of the money circulates in the form of magnetic signals – simple computer records; therefore, immaterial money – controlled by countless financial intermediaries, speculative practices have become widespread. They have always existed, no doubt, but today they have acquired radical broader dimensions. Today the richest 1% has more accumulated wealth than the remaining 99%. This aberrant inequality has impacted all our activities, and the films we are commenting on here show various facets and sectors, an exercise that can be more instructive than countless theories on modern capitalism.

In great part, the fortunes of the richest are invested in real es-

tate speculation. This is precisely the theme of the film Push, which shows the speculative mechanisms, the disarticulation or appropriation of public systems, as well as the growing difficulty for the masses to access a basic human right: the right to housing. The urban ground was not created by the companies that speculate in it, and its valorization is predominantly the result of the very agglomeration of populations in restricted spaces: controlling access allows the generation of immense fortunes, without the need to contribute with significant investments. Productive enterprises, characteristic of traditional capitalism, produce goods or services that generate profits, and also jobs and taxes. They exploit workers for their wages; however, they are productive. Control over urban land generates rent without the corresponding productive contribution, speculative gains that we also characterize as economy of tolling.

The example of Blackstone, whose operations in the area of real estate speculation is thoroughly detailed in the film, helps to understand how urbanization, inequality and financialization have generated new economic and social dynamics in our cities. Founded by two former directors of Lehman Brothers, a banking giant that went bankrupt in 2008, Blackstone specializes in buying and selling companies, besides participating in various speculative activities. It has created a 'real estate' board of directors, focused

salário, mas são produtivas. O controle sobre o solo urbano gera renda¹ sem o correspondente aporte produtivo, ganhos especulativos, que temos caracterizado também como economia de pedágio.

O exemplo da Blackstone, cujo funcionamento na área da especulação imobiliária é amplamente detalhado no filme, ajuda muito na compreensão de como urbanização, desigualdade e financeirização geraram novas dinâmicas econômicas e sociais nas nossas cidades. Fundada por dois ex-diretores do Lehman Brothers, um gigante bancário que faliu em 2008, a Blackstone se especializa em compra e venda de empresas e diversas atividades especulativas e criou uma diretoria de 'real estate', centrada em atividades imobiliárias. Basicamente, trata-se de adquirir solo urbano, habitações, terras de periferias, e ganhar com a sua valorização. Trabalham em nível mundial.

O impressionante é a escala das atividades. O universo imobiliário sobre o qual a Blackstone e empresas semelhantes atuam representa um valor da ordem de 163 trilhões de dólares, o dobro do PIB mundial, que se situa em torno de 80 trilhões. Tipicamente adquirem uma empresa que gere um condomínio imobiliário, suspendem toda atividade de manutenção, geram ativamente problemas aos residentes, em particular por meio de aumento radical dos aluguéis, até que boa parte dos residentes se mude, permitindo a requalificação do espaço para residentes de alta renda. Vizinhança rica já por si aumenta o valor do metro quadrado.

O controle de políticos locais é essencial, gerando um clima de corrupção generalizada.

Tal como *Push: Ordem de Despejo* mostra o poder dos mecanismos especulativos modernos sobre um bem comum que é o solo urbano, outro filme, *Os Senhores da Água*, acompanha as mesmas deformações por outro prisma, o do acesso ao bem comum que constitui a água. Já foi um bem de livre acesso, mas hoje, com 7,8 bilhões de habitantes, uso descontrolado na agricultura e na indústria e poluição generalizada por uso irresponsável de produtos químicos, além dos esgotos que correm soltos, a água doce e limpa está se tornando escassa, e já é chamada de "ouro azul", em paralelo com o "ouro negro", que é o petróleo. A escassez, em termos de mercado capitalista, é um achado: quanto mais escasso o bem, mais valor adquire. Isso levou a uma onda de privatizações e aos processos especulativos correspondentes, amplamente detalhados no documentário.

A água virou *commodity*. Os 'megalitros', correspondentes a um milhão de litros na terminologia das bolsas, são, por exemplo, cotados a 700 dólares e vendidos e revendidos nos mercados de futuro: esperto o banco ou fundo financeiro que previu uma seca e comprou opções sobre um monte de megalitros, prevendo que a água se tornará mais cara. Não precisa entender nada de água, nem a que serve, e sim entender de variações na bolsa. É o que o filme descreve como "*financial takeover*", literalmente tomada de controle dos mer-

on real estate activities. Basically, it is all about acquiring urban land, dwellings, land in periphery, and gaining from their valorization. They work on a worldwide level.

The size of the activities is impressive. The real estate universe, on which Blackstone and similar companies operate, amounts to 163 trillion dollars, twice the world GDP, which is around 80 trillion. Typically they acquire a company that manages a real estate condo, suspend all maintenance activity, actively generate problems for the residents, particularly through a radical increase in rents, until great part of its residents move out, allowing the requalification of the space for high income residents. Rich neighborhoods increase the value of the square meter. Control of local politicians is essential, generating a climate of widespread corruption.

Just like Push shows the power of modern speculative mechanisms over common goods, such as urban soil, the film Lords of Water discusses the same distortion from another perspective: the access to another common good, water. What once used to be a free access common good, today is becoming scarce. With 7.8 billion inhabitants, an uncontrolled use of water in agriculture and industry, widespread pollution by irresponsible use of chemicals, and sewage running loose, fresh and clean water is already being called "blue gold", in analogy with "black gold", which represents oil. In terms of the capitalist market, scar-



Os Senhores da Água *Lords of Water*

city is a finding: the scarcer the good, the more value it acquires. This led to a wave of privatizations and their corresponding speculative processes, which are thoroughly detailed in the documentary.

Water has become a commodity. The 'megaliters', corresponding to one million liters in stock market terminology, are, for example, quoted at 700 dollars and sold and resold on the futures markets: the bank or financial fund that predicted a drought and bought options on a bunch of megaliters, foreseeing that water would become more expensive, is smart. You do not need to be an expert on water, or on its uses, but you do need to understand about variations in the stock market. This is what the film describes

cados financeiros sobre o que considerávamos também, ao igual da moradia, um direito humano. Tal como a escassez de solo urbano permite o rentismo sobre a valorização da moradia, para gigantes mundiais como Veolia ou Lyonnaise des Eaux a água se torna um produto de valor crescente. O objetivo não é necessariamente a facilidade de acesso dos usuários, e sim a maximização dos dividendos, e, portanto, da renda dos donos de ações.

O caso não é simples, e nem o filme simplifica. A gratuidade da água leva a um desperdício generalizado, e colocar um preço constitui um modo de levar os usuários a pensarem duas vezes antes de abrir a torneira. Em compensação, as empresas rurais ou industriais preferem jogar os resíduos

nos rios e nos lagos, sai mais barato do que instalar filtros ou reutilizar. Um fazendeiro que extrai água dos lençóis freáticos acha que a água é sua, mas uma região inteira da Califórnia entra em colapso quando gigantes do agro extraem sem limites e desconsideram o impacto dos agrotóxicos. Na realidade, aqui, como em outros setores de atividade, não há como escapar à negociação de pactos e de controles para o uso e descarte racional de um bem que é necessário para todos. Mas, nas dinâmicas dominantes, não são os usuários que se articulam, e sim os mercados financeiros. A remunicipalização da água em Paris, Berlim e inúmeras outras cidades do mundo faz parte da batalha pelo controle de um bem que, por ser ao mesmo tempo vital e escasso, é imensamente atraente para os sistemas financeiros de especulação.

O documentário ***O Custo do Transporte Global***, de Denis Delestrac, traz outra faceta das transformações em curso, nesse caso o transporte marítimo. Pouco pensamos nisso, e é até poético ver um navio se perder no horizonte. Mas é uma máquina poderosa que está mudando o mundo. Trata-se de cerca de 60 mil navios, que conectam cerca de 4500 portos, transportando cerca de 500 milhões de contêineres por ano, ao custo ridículo de, por exemplo, 300 dólares por um contêiner de 20 toneladas trazido da China para os Estados Unidos. Em termos econômicos, isso significa que se tornou natural um casaco vendido em Nova Iorque ter algodão brasileiro, botões produzidos no Viet-

as "financial takeover", the taking control of the financial markets over what we also considered, in equal measure with housing, a human right. Just as the scarcity of urban land allows for rentism as the value of residential properties increase, for world giants like Veolia or Lyonnaise des Eaux, water has become a product of increased value. The goal is not necessarily to make access to water easier for users, but rather to maximize shareowners' dividends and, therefore, renting.

The case is not simple, and the film does not make it any easier either. Free water leads to widespread waste, and putting a price on it is a way to get users to think twice before opening the tap. On the other hand, rural or industrial companies prefer to throw waste into rivers and lakes. It is cheaper than installing filters or reusing it. A farmer who extracts water from the groundwater believes he owns it. However, an entire region of California collapses when agricultural giants pump water excessively and disregard the impact of agrochemicals. In fact, here, like in other industries, negotiation of pacts and controls for the rational use and disposal of a good that is necessary for everyone is unavoidable. But in the dominant dynamics, it is not the users who articulate themselves, but rather the financial markets. Remunicipalization of water in Paris, Berlin and many other cities in the world is part of a battle for the control of a good that is both vital and scarce, and therefore

immensely attractive to financial systems of speculation.

*The documentary **Freightened: The Real Price of Shipping**, by Denis Delestrac, brings another facet of the transformations underway – maritime transport. Little thought is given to it. Seeing a ship disappearing on the horizon is even poetic. But it is a powerful machine that is changing the world. About 60,000 ships, connecting approximately 4500 ports, carrying about 500 million containers a year, at the ludicrous cost of, for example, 300 dollars for shipping a 20-ton container from China to the United States. In economic terms, this means that it has become natural for a coat sold in New York to have Brazilian cotton, buttons produced in Vietnam from European plastic waste recycled in China, with additional components from other countries. Yet, the label will write *Made in Bangladesh*, which is where the components were assembled. Cheap transportation has changed the economy.*

Thus, shipping appears in its powerful articulating dimension of economic globalization, allowing, for example, corporate giants from anywhere in the world to flood markets and disrupt more fragile economies. But shipping giants, such as Maersk Line, constitute a deregulated universe. To evade taxes, dodge accountability for the pollution they generate, and even for drug, weapon, and toxic waste trafficking, almost all ships sail under the flags of Liberia, Panama, the Marshall

*nã a partir de lixo plástico europeu reciclado na China, com complementos de outros países, sendo que na etiqueta aparecerá apenas *Made in Bangladesh*, que é onde se acoplaram os componentes. O transporte barato mudou a economia.*

O transporte marítimo aparece assim na sua poderosa dimensão de articulador da globalização econômica, permitindo, por exemplo, que gigantes corporativos de qualquer parte do mundo inundem mercados e desarticulem economias mais frágeis. Mas os próprios gigantes do transporte marítimo, como a Maersk Line, constituem um universo desregulado. Para evitar pagar impostos ou prestar contas da poluição que geram, ou inclusive do tráfico de drogas, armas e resíduos tóxicos, os navios, em sua quase totalidade, navegam com bandeiras da Libéria, do Panamá, das Ilhas Marshall e semelhantes paraísos fiscais. A frota é responsável por 4% das emissões mundiais de gases de efeito estufa, e também contaminam os mares com os cerca de 100 naufrágios por ano, com petróleo e outros produtos químicos. O filme nos descortina um universo de transformações não só do próprio transporte marítimo, mas de como muda a lógica da organização econômica do planeta.

Os Despossuídos, de Mathieu Roy, mostra, por sua vez, como essa globalização e financeirização transformam a agricultura familiar. Estamos falando de um terço da população mundial, que vive essencialmente de produzir alimentos em pequena

escala. Uma calça jeans vendida 80 dólares em Nova Iorque, por exemplo, rende menos de um dólar para quem produziu o algodão na Índia. Em volta do tradicional agricultor que cuida da sua terra e dos seus animais, foram-se tecendo teias de dependência, pois enquanto ele teoricamente é dono da sua terra e livre de cultivar como quer, a comercialização é controlada por atravessadores, a semente pela Monsanto, o pesticida pela Bayer (ambas, aliás, hoje coligadas), outros insumos pela Syngenta, o mercado mais amplo pela Cargill e assim por diante. É um universo profundamente transformado, pois os gigantes que controlam os insumos e a comercialização são, por sua vez, empresas controladas por acionistas que de agricultura não precisam entender nada. Entendem sim do rendimento das ações.

De certa forma, se vê que o conceito de mercado livre não tem nenhum sentido quando os atores são tão desiguais. Como se comenta no filme, “precisamos de regulação comercial, pois a liberdade entre agentes desiguais leva à lei da selva”. Estamos no limite (*‘au bout’*), comentam os agricultores entrevistados. As novas gerações estão abandonando a agricultura, dinâmica mal compensada pelo movimento de agricultura sustentável e de produtos orgânicos que surgem em diversas partes do mundo. As grandes corporações da monocultura em áreas gigantescas agradecem. Trazem muita máquina, muita química, muita esterilização do solo. É um novo colonialismo, comenta um dos agricultores.

Islands and similar tax havens. The fleet is responsible for 4% of global greenhouse gas emissions, and also contaminates the seas with about 100 shipwrecks a year with oil and other chemicals. The film reveals a world of transformations ranging from maritime transport to changes in the logic of the planet's economic organization.

*Mathieu Roy's **The Dispossessed**, in its turn, shows how this globalization and financialization transform family agriculture. We are talking about a third of the world's population which essentially lives off producing food on a small scale. For example, a pair of jeans sold for 80 dollars in New York yields less than a dollar for those who produced the cotton in India. Around the traditional farmer who takes care of his land and his animals, webs of dependency have been woven. While theoretically he owns his land and is free to grow it as he pleases, marketing is controlled by middlemen, seed by Monsanto, pesticide by Bayer (both now associated), other inputs by Syngenta, the bigger market by Cargill and so on. It is a deeply transformed universe, as the giants that control the inputs and marketing are, in turn, companies controlled by shareholders who do not need to understand anything about agriculture. They do understand about high profit shares.*

In a certain way, it becomes clear that the concept of free market is meaningless when the actors are so unequal. As we hear in the film,

“we need trade regulation, for freedom among unequal agents leads to a law of the jungle”. We are over the edge (‘au bout’), say the farmers. The new generations are abandoning agriculture, which is poorly compensated by the movement of sustainable agriculture and organic products that are emerging in various parts of the world. The large monoculture corporations operating in gigantic areas are grateful. They bring in a lot of machinery, a lot of chemistry, a lot of soil sterilization. It is a new colonialism, comments one of the farmers.

While The Dispossessed discusses some examples from Canada and Switzerland, the film When Tomatoes Met Wagner portrays family farming in Greece in a poetic and charming manner. Among other things farmers try to find out how classical music or traditional Greek songs impact on the ripening of tomatoes. The tone is poetic, but the everyday life of small or medium-size farmers is shown in a very articulate way. They are good producers, they produce good harvests, but in order to value their product they need to transform it into preserves of various kinds, travel to Brussels and other cities to understand ‘the markets’, put ‘typical’ pictures of peasants on the labels, seeking to satisfy the mysterious modern ‘customer’. It is not enough to be a good farmer, you have to know how to ‘sell’ yourself.

The film brings beautiful images of the daily life of people working in

Enquanto *Os Despossuídos* trata de exemplos em grande parte do Canadá e da Suíça, o filme *Tomates, Molho e Wagner* mostra a agricultura familiar na Grécia, em tom poético e encantador, pois entre outros os agricultores tentam descobrir como a música clássica ou os cantos tradicionais gregos impactam o amadurecimento dos tomates. O tom é poético, mas o cotidiano dos pequenos ou médios agricultores é mostrado de maneira muito articulada. São bons produtores, geram boas safras, mas para valorizar o produto precisam transformá-lo em conservas de diversos tipos, viajar para Bruxelas e outras cidades para entender ‘os mercados’, colocar fotos ‘típicas’ de camponeses nas etiquetas dos produtos, buscando satisfazer o misterioso ‘cliente’ moderno. Não basta ser bom agricultor, é preciso saber ‘se vender’.

O filme traz imagens muito belas do cotidiano dos grupos que trabalham no campo, nas cozinhas, no acondicionamento dos produtos, com as intermináveis conversas, fofocas comentadas no meio de gargalhadas, que nos lembram que trabalhar não é apenas ser produtivo, é conviver, é rir uns dos outros, é brincar. A agricultura tradicional é um modo de vida. A modernidade pode facilitar essas vidas e torná-las mais produtivas, sem destruir a sua dimensão humana. A tecnologia pode ser muito útil, mas não quando é apenas uma arma de extração de renda por corporações distantes.

Golpe Corporativo de certa forma aborda o pano de fundo de todas essas transfor-



Tomates, Molho e Wagner When Tomatoes Met Wagner

mações, ao mostrar como a financeirização e o gigantismo corporativo mundializado, que já deformam os rumos dos vários setores de atividades econômicas, dão o golpe final ao se apropriarem dos próprios mecanismos políticos que deveriam regulá-los, assegurar que respeitem as regras do jogo. Em 1999 as corporações conseguiram que se liquidasse a regulação dos bancos, base jurídica que prevalecia desde os anos 1930. Em 2010 foi aprovada a lei que permite, nos Estados Unidos, o financiamento corporativo das campanhas eleitorais. “Temos os melhores congressistas que o dinheiro pode comprar”, comenta Hazel Henderson. Geraram um sistema jurídico paralelo que permite que crimes corporativos sejam objeto de acordos extra-judiciais: ninguém vai

the fields, in the kitchens, in the packaging of products, among endless conversations, gossips mixed with laughter, reminding us that working is not just about being productive, but rather about living, laughing and having fun together. Traditional agriculture is a way of life. Modernity can make these lives easier and more productive without destroying their human dimension. Technology can be very useful, but not when it is just a weapon used by distant corporations for rent extraction.

The Corporate Coup d’État addresses the backdrop of all these transformations by showing how financialization and globalized corporate gigantism, which already distort the course of various sectors of economic activity, deal a final

blow through the appropriation of the very political mechanisms that meant to regulate them and ensure they respect the rules of the game. In 1999, corporations succeeded in having the regulation of banks – legal basis that had prevailed since the 1930s – liquidated. In 2010, a law was passed allowing corporate financing of election campaigns in the United States. “We have the best congressmen that money can buy,” Hazel Henderson says. They created a parallel legal system that allows corporate crimes to be the object of extrajudicial agreements in which nobody goes to jail; fines are generated, with no admission of guilt.

In the documentary this is called a corporate coup in slow motion, yet it lasted a few decades and generated a deep imbalance in what used to be the heart of democratic decision-making processes: the harmony between the State, companies and civil society. It is perfectly understandable that Trump approved a huge tax cut on corporations while trying to curb access to public health services. Trump is just the symptom, not the disease. The disease is the displacement of power, which deepens inequalities and generalizes the feeling of insecurity and frustration in the mass population, which ends up voting for any candidate who channels their hatred and points the finger at the culprits, whether they are Mexicans, Muslims, or Chinese, or any culprit, as long as it is outside. Releasing hatred is much more effective in

preso, apenas geram multas sem reconhecimento de culpa.

No documentário chamam isso de golpe corporativo em câmara lenta, mas durou poucas décadas e gerou um profundo desequilíbrio no que era o coração dos processos democráticos de tomada de decisão: a harmonia entre o Estado, as empresas e a sociedade civil. Entende-se perfeitamente que Trump tenha aprovado uma gigantesca redução de impostos sobre as corporações, ao mesmo tempo que tentava travar o acesso a serviços públicos de saúde. Trump é apenas o sintoma, mas não a doença. A doença é o deslocamento de poder, que aprofunda as desigualdades e generaliza o sentimento de insegurança e frustração na massa da população, que termina por votar em qualquer candidato que canalize o seu ódio e aponte culpados, que podem ser mexicanos ou muçulmanos ou a China, ou qualquer culpado, desde que seja externo. Liberar o ódio funciona muito mais, em política, do que discutir programas econômicos e sociais. O documentário trata dos Estados Unidos, mas é só olhar como o golpe corporativo está funcionando em numerosos países. Como escreveu há alguns anos Octávio Ianni, a política mudou de lugar.

No conjunto, os seis filmes nos trazem dimensões diferenciadas, mas complementares, de como a luta pela habitação, o acesso à água, o transporte dos produtos, o acesso às tecnologias e o universo do pequeno produtor rural se deslocam frente a dinâmicas que pertencem ao universo po-

deroso e distante das grandes corporações financeiras, que pouco entendem dos setores específicos, mas entendem tudo dos lucros que se pode extrair. O capitalismo está se deslocando: não são mais os produtores, os capitalistas rurais ou industriais tradicionais que mandam nos processos econômicos, e sim ‘os mercados’, as bolsas, os bancos, os *traders*, o chamado capitalismo financeiro global. Esse, ninguém controla: não há governo global.

- 1 O conceito de ‘renta’ não aparece nos dicionários da língua portuguesa. Mas é essencial para entender as dinâmicas econômicas modernas: em inglês ‘rent’, ganho sem o aporte produtivo correspondente, é claramente distinto de ‘income’ (renda); em francês é igualmente clara a distinção entre ‘rente’ e ‘revenu’. Personagens de Machado de Assis que “vivem de rendas”, portanto prósperas e ociosas, caracterizam bem o rentismo, mas o conceito de ‘renta’ é essencial para caracterizar esse tipo de ganhos.

LADISLAU DOWBOR é professor titular de economia da PUC-SP, autor de dezenas de livros e estudos técnicos sobre desenvolvimento econômico e social, disponíveis gratuitamente online (open access) em <http://dowbor.org>. Sobre os sistemas financeiros, disponibiliza A Era do Capital Improdutivo, sob forma de livro e de curtos vídeos didáticos. Contato ldowbor@gmail.com

politics than discussing economic and social programs. While the documentary is about the United States one only has to look at how this scheme is operating in many countries. As Octavio Ianni wrote a few years ago, politics has moved places.

As a whole, the six films bring us different, yet complementary dimensions of how the struggle for housing, access to water, transportation of products, access to technologies, and the world of small rural producers move before dynamics that belong to the powerful and distant universe of the big financial corporations, which have little understanding of specific sectors, but understand everything about the profits that can be obtained. Capitalism is moving: it is no longer the producers, the traditional rural or industrial capitalists who are in charge of the economic processes, but rather “the markets,” the stock markets, the banks, the traders, the so-called global financial capitalism. That is something nobody controls – there is no global government.

- 1 *‘We don’t know what’s happening, and that’s exactly what’s happening.’*

LADISLAU DOWBOR is a professor of economics at PUC-SP, author of dozens of books and technical studies on economic and social development, available for free online (open access) at <http://dowbor.org>. On the subject of financial systems, *The Age of Unproductive Capital*, is made available in book form and as a series of short educational videos. Contact: ldowbor@gmail.com



Golpe Corporativo

The Corporate Coup d'État

CANADÁ/EUA, 2018, 90'

“Donald Trump não é a doença, é o sintoma.” Este filme narra a história por trás do “golpe corporativo” que se deu muito antes das últimas eleições. Tal golpe seria a origem de muitos dos problemas na democracia atual, controlada por lobistas e pelo corporativismo. Acompanhamos as consequências desastrosas para os mais vulneráveis da sociedade, incluindo residentes das chamadas “zonas de sacrifício”, como o Cinturão da Ferrugem nos EUA, onde a indústria do aço já foi muito próspera, mas que hoje sofre com o fechamento de fábricas e a terceirização. O filme capta ainda histórias devastadoras dos moradores de Camden, na Nova Jersey, que vêm sofrendo os efeitos de ideologias e políticas neoliberais, globalistas e corporativistas.

“Donald Trump is not the disease, but the symptom.” The film tells the story of how a ‘corporate coup d’état’ took place long before the recent elections. The coup would be the source of the troubles in today’s democracy, controlled by lobbyists and corporatism. We follow its disastrous effects on society’s most vulnerable citizens, like those in “sacrifice zones”, as the U.S. Rust Belt, where the steel industry once flourished, but now closures and outsourcing have left urban areas desolate and hopeless. The film also shows Camden, New Jersey, where it captures heart-breaking stories of citizens suffering from the effects of corporatist, globalist, and neo-liberal ideologies and policies.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Fred Peabody
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Peter Raymont
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
John Westheuser
EDIÇÃO **EDITOR**
James Yates
CONTATO **CONTACT**
alicia@whitepinepictures.com



O Custo do Transporte Global

Freightened: The Real Price of Shipping

ESPANHA/FRANÇA, 2016, 83'

Noventa por cento dos bens que consumimos são fabricados em terras distantes e trazidos até nós por navios. O filme é uma audaciosa investigação sobre o funcionamento e a regulamentação dessa indústria, assim como os impactos socioambientais ocultos.

90% of the goods we consume are manufactured in far-off lands and brought to us by ship. The film is an audacious investigation towards the operation and the regulation of this industry, as well as its hidden socioenvironmental impact.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Denis Delestrac
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Marieke van den Berselaar & Karim Samai
ROTEIRO **SCRIPT**
Denis Delestrac
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Jordi Esgleas Marroi
CONTATO **CONTACT**
info@polarstarfilms.com



Os Despossuídos

The Dispossessed

CANADÁ/SUIÇA, 2017, 81'

Uma jornada impressionista que nos revela a luta diária da classe camponesa faminta. Em nossa era de agricultura industrializada, os produtores de alimentos recebem menos do que em qualquer outra profissão. O filme – parte cinema vérité, parte ensaio – examina os mecanismos pelos quais pequenos agricultores entram num ciclo de desespero, endividamento e desapropriação. Filmado na Índia, Congo, Malawi, Suíça, Brasil e Canadá, com cenas magníficas e entrevistas cativantes, a obra acompanha ainda o êxodo rural de camponeses que deixam suas terras para trabalhar em canteiros de obras em megalópoles distópicas.

The film is an impressionistic journey that sheds light on the daily strife of the world's hungry farming class. In this era of industrialized agriculture, people who produce food are paid less than almost any other profession. Part cinéma-vérité, part essay, the film examines the mechanisms by which farmers are falling into a somber cycle of despair, debt and dispossession. Filmed in India, Congo, Malawi, Switzerland, Brazil and Canada, abounding in magnificent shots and captivating interviews, the film follows the migrations of peasants from their lands to the construction sites of dystopian megacities.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Mathieu Roy
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Lucie Tremblay, Colette Loumède, Gabriela Bussmann, Vadim Jendreyko
ROTEIRO **SCRIPT**
Richard Brouillette, Benoit Aquin
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Benoit Aquin, Mathieu Roy
EDIÇÃO **EDITOR**
Louis-Martin Paradis
CONTATO **CONTACT**
e.seguin@nfb.ca



Os Senhores da Água

Lords of Water

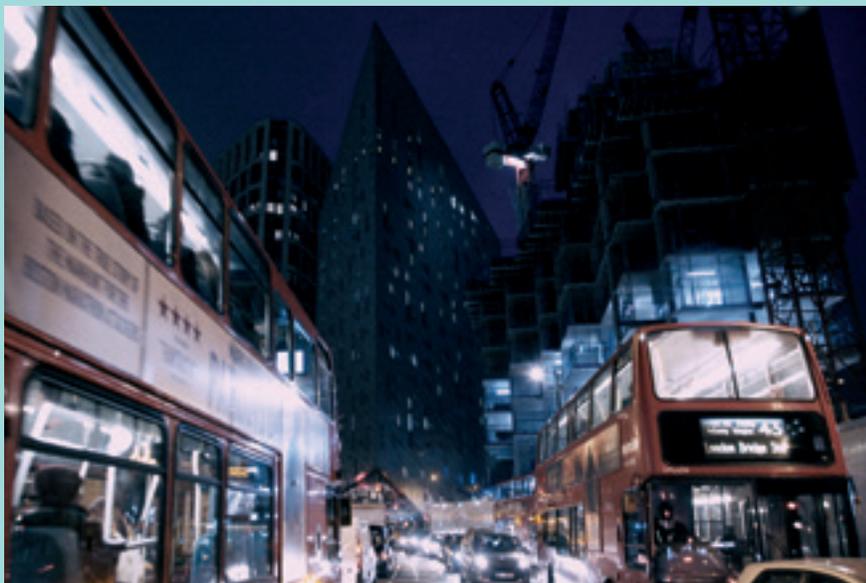
FRANÇA, 2019, 88'

Chamam-na de 'ouro azul'. Em todo o mundo, a demanda por água está explodindo. Até 2050, pelo menos uma em cada quatro pessoas viverá em um país que sofre com a escassez de água – criando condições ideais para um novo mercado... Bancos e fundos de investimento estão correndo para investir bilhões de euros em qualquer coisa relacionada à água. Um verdadeiro monopólio está surgindo. A financeirização da água é uma batalha que ocorre em muitas frentes: ideológica, política, ambiental e, é claro, econômica.

They call it 'blue gold'. Around the world, demand for water is exploding. By 2050, at least one in four will live in a country suffering from water shortages – creating ideal conditions for a new market... Banks, investment funds and hedge funds are all rushing to invest billions of euros in anything related to water. A real monopoly has begun. The financialization of water is a battle taking place on many fronts: ideological, political, environmental, and of course, economic.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Jérôme Fritel
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Marc Berdugo & Barbara Conforti
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Jean-Luc Bréchat
EDIÇÃO **EDITOR**
Seamus Haley
CONTATO **CONTACT**
olivier@javafilms.tv



Push: Ordem de Despejo

Push

SUÉCIA, 2019, 92'

Os preços de imóveis estão disparando em cidades ao redor do mundo. A renda do cidadão comum, não. *Push: Ordem de Despejo* lança luz sobre um novo tipo de proprietário sem rosto, sobre nossas cidades cada vez mais inabitáveis e uma crise crescente que afeta todos nós. O filme acompanha Leilani Farha, relatora especial da ONU sobre o Direito à Moradia, em suas viagens pelo mundo, tentando entender quem está sendo expulso das cidades e por quê. “Eu acredito que há uma enorme diferença entre a habitação como uma mercadoria e o ouro como uma mercadoria. O ouro não é um direito humano; a habitação, sim”, diz Leilani.

Housing prices are skyrocketing in cities around the world. Incomes are not. Push sheds light on a new kind of faceless landlord, our increasingly unliveable cities and an escalating crisis that has an effect on us all. The film follows Leilani Farha, the UN Special Rapporteur on Adequate Housing, as she's travelling the globe, trying to understand who's being pushed out of the city and why. "I believe there's a huge difference between housing as a commodity and gold as a commodity. Gold is not a human right, housing is," – Leilani Farha.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Fredrik Gertten
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Margarete Jangård
ROTEIRO **SCRIPT**
Fredrik Gertten
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Janice d'Ávila, Iris Ng
EDIÇÃO **EDITOR**
Erik Wall Bäfvig,
Anders Bewarp
CONTATO **CONTACT**
push@wgfilm.se



Tomates, Molho e Wagner

When Tomatoes Met Wagner

GRÉCIA, 2019, 72'

Selecionado para representar a Grécia no Oscar, *Tomates, Molho e Wagner* conta a história do engenhoso plano de dois primos gregos: com a ajuda de cinco mulheres de um pequeno povoado rural, pretendem invadir o mercado mundial com seus tomates orgânicos para sobreviver à austeridade e revitalizar o comércio de seu pequeno vilarejo grego.

Selected as the Greek entry for the Best Foreign Film at the Oscars, When Tomatoes Met Wagner tells the story of two ingenious Greek cousins and five village women who tackle the world market with their home grown tomatoes in order to survive austerity and revive commerce in their tiny Greek village.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Marianna Economou
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Spyros Mavrogenis, Yuri
Averof, Rea Apostolides
ROTEIRO **SCRIPT**
Marianna Economou
EDIÇÃO **EDITOR**
Evgenia Papageorgiou
CONTATO **CONTACT**
info@riseandshine-berlin.de

**emergência
climática**
*climate
emergency*

Crise Climática É Agora

NÁDIA PONTES

No momento em que esta nona edição da **Mostra Ecofalante** estreia, assistimos aos filmes de nossas casas, com medo das ruas, evitando o contato para nos protegermos de uma infecção que pode ser letal.

A pandemia do novo coronavírus, que já havia provocado a morte de mais de 91 mil brasileiros até o fim de julho, nos mostra o poder contra humanos de um micro-organismo que, até então, ocupava corpos de outros animais isolados de nossa sociedade, sem nos apresentar riscos. À medida que avançamos sobre áreas naturais e destruímos habitats de espécies que vivem em equilíbrio, desafiamos possíveis novos inimigos, como o SARS-COV-2.

Climate Crisis Is Now

NÁDIA PONTES

As this ninth edition of the Ecofalan-te Film Festival premieres, afraid of the streets, we watch the films from our homes, avoiding contact with people in order to protect ourselves from an infection that can be lethal. The pandemic of the new corona-virus, which by the end of July had already caused the death of more than 91 thousand Brazilians, shows us the power of a microorganism, which, until recently, occupied the bodies of other animals that were isolated from our society, without presenting any risks to humans. As we move into natural areas and destroy habitats of species living in balance, we defy possible new enemies, such as SARS-COV-2.

As we follow the development of the virus that causes Covid-19, other phenomena that also threaten our species will not give us a break. Scientists from government agencies in the United States and Europe warn that 2020 can become the hottest year since records began. The past decade (2009 through 2019) has been confirmed as having the highest temperatures since 1850. The planet is warmer and we are likely to become even sicker.

Earlier this year, when an unknown virus, which was making victims in China, became news all over the world, researchers at Ohio State University revealed similar-

Enquanto acompanhamos chocados os desdobramentos do vírus que provoca a covid-19, outros fenômenos que também ameaçam a nossa espécie não dão trégua. Cientistas de agências governamentais nos Estados Unidos e na Europa alertam que 2020 tem tudo para se consolidar como o ano mais quente desde que os registros começaram. A última década, de 2009 a 2019, já foi confirmada como tendo as temperaturas mais altas desde 1850. O planeta está mais quente e nós podemos adoecer ainda mais.

No início do ano, quando as notícias sobre um novo vírus que fazia vítimas na China começaram a rodar o mundo, pesquisadores da Universidade Estadual de Ohio revelaram dados igualmente preocupantes. Após coletarem e analisarem fragmentos de um dos solos congelados mais antigos do mundo, na calota de Guliya, planalto tibetano, eles identificaram pelo menos 33 gêneros de vírus “presos” no gelo, e 28 deles eram totalmente desconhecidos pela ciência. Esses micro-organismos estão incrustados ali há 15 mil anos. Isso significa que, à medida que o planeta aquece e as geleiras derretem, novos vírus e bactérias potencialmente perigosos para nossa saúde podem ser liberados e “entrar” para nosso cotidiano.

As temperaturas mais altas e o colapso das geleiras também levam ao aumento do nível do mar, uma ameaça que recai diretamente sobre cidades costeiras, que podem ficar submersas, como Nova Iorque. É ela o cenário do documentário **O Mês Mais**



O Mês Mais Quente *The Hottest August*

Quente, de Brett Story. Filmado ao longo de agosto de 2017, o filme reúne depoimentos, impressões e vivências de nova-iorquinos anônimos. Praticamente sem mencionar o termo “mudanças climáticas”, o documentário nos apresenta um retrato do consciente coletivo e dos medos que os entrevistados têm sobre o futuro nessa cidade que tem de tudo: ricos, pobres, imigrantes, refugiados, jovens ambiciosos, desempregados, desabrigados, ambientalistas.

Embora julho seja historicamente o mês com as temperaturas mais elevadas, aquele agosto sufocante de 2017 foi marcado pela destruição trazida pelo furacão Harvey, que atingiu Texas. Enquanto isso, em Nova Iorque, o filme visita os locais onde vestígios do furacão Sandy ainda são visíveis, mesmo

ly worrying data. After collecting and analyzing fragments of one of the world's oldest frozen soils on the Tibetan plateau of Guliya, they identified at least 33 types of viruses “trapped” in ice, with 28 of them being totally unknown to science. These microorganisms have been embedded there for 15,000 years. Therefore, as our planet heats up and the glaciers melt, new viruses and bacteria potentially dangerous to our health can be released and “enter” our daily lives.

*Higher temperatures and collapsing glaciers also lead to rising sea levels, a threat directly affecting coastal cities, such as New York, which can become submerged. This is the setting for Brett Story's documentary, **The Hottest August**. Shot*

throughout August 2017, the film collects testimonies, impressions and experiences of anonymous New Yorkers. Practically without mentioning the term “climate change”, the documentary portrays the collective consciousness and the fear of the future felt by the people interviewed in this city that has it all: rich, poor, immigrants, refugees, unemployed, homeless, environmentalists, ambitious young people.

Although July is historically the month with the highest temperatures, that suffocating August of 2017 was marked by the destruction brought about by Hurricane Harvey, which hit Texas. Meanwhile, in New York, the film visits the places where traces of Hurricane Sandy are still visible, five years after bringing death and floods to that part of the coast. After passing through the Bahamas, Cuba, Haiti, Jamaica and the Dominican Republic with winds of up to 400 kilometers per hour, the storm arrived in New York in October 2012, coinciding with the high tide that caused flooding. It is estimated that more than 350,000 residents had to be evacuated then.

With a beautiful cinematography and an artistic look, *The Hottest August* is an invitation to reflection. It is a quilt carefully sewn together with the personal views on the growing concerns of New Yorkers, influenced by various social changes, ranging from expensive rents to white nationalists. Focused on human experiences, the film could have been shot in any other

cinco anos após ter levado morte e enchentes àquela parte da costa. Depois de ter passado pelas Bahamas, Cuba, Haiti, Jamaica e República Dominicana com ventos de até 400 quilômetros por hora, a tempestade chegou a Nova Iorque em outubro de 2012 e coincidiu com a maré cheia, o que provocou inundações. Estima-se que mais de 350 mil moradores precisaram ser evacuados naquela ocasião.

Com uma fotografia bonita e um olhar artístico, *O Mês Mais Quente* é um convite à reflexão, uma cuidadosa colcha de retalhos costurada com olhares pessoais sobre as crescentes preocupações dos nova-iorquinos, influenciados por diversas mudanças sociais, que vão de alugueis mais caros a nacionalistas brancos em marcha. Focado nas experiências humanas, o filme poderia ter sido rodado em qualquer outra grande cidade e servirá também para as futuras gerações, para mostrar o que temos feito, ou melhor, deixado de fazer, diante de todas as evidências de que o clima está mudando.

Precisamos de mais provas de que somos nós o motor que acelerou as mudanças sem precedentes registradas pela ciência? **Breakpoint: Uma Outra História do Progresso**, de Jean-Robert Viallet, vai direto a esse ponto e recupera o trajeto do chamado “progresso” dos últimos 200 anos, desde a Revolução Industrial. Nós, que chegamos a este planeta nos últimos “cinco segundos”, quando se considera toda a sua história evolutiva, já deixamos como legado poluição, pesticidas e lixo nuclear, e despejamos

anualmente bilhões de toneladas de gases de efeito estufa na atmosfera.

Tudo em nome de um progresso que, naturalmente, melhorou muito as condições de vida da humanidade. Mas que está custando o nosso futuro neste planeta. O alarme já é soado por pesquisadores há pelo menos 40 anos: desde que passamos a queimar combustíveis fósseis e aumentar a intensidade do nosso consumo, os gases que saem das chaminés das fábricas, das usinas que produzem energia, dos escapamentos dos nossos carros, dos bois que vão parar nos nossos pratos e das florestas que queimamos se acumulam de tal forma na atmosfera que aprisionam o calor e fazem com que a temperatura global aumente. Por isso, fomos capazes de influenciar uma era geológica. Vivemos agora no Antropoceno, a Era do Homem.

Esse modo de viver pelo qual a sociedade moderna optou nos trouxe até aqui, uma crise ambiental com desdobramentos que muitos de nós temos dificuldade de processar, e que o documentário **A Era das Consequências**, de Jared P. Scott, aborda de forma precisa. Embora já estejamos vivendo nos tempos de mudanças climáticas acentuadas, a ciência tem nos permitido há tempos prever cenários e tomar decisões para evitar que o mundo se torne um lugar insuportável para os humanos. Em muitos locais, a vida já chegou a esse ponto, com impactos drásticos na sociedade, como fome, pobreza e fuga como única opção de sobrevivência.

major city. It will serve future generations by showing what we have done, or rather not done, in the face of all the evidence that the climate is changing.

Do we need more proof that we are the engine that accelerated the unprecedented changes recorded by science? **Breakpoint: A Counter-History of Progress**, by Jean-Robert Viallet, goes precisely down that path by revisiting the trajectory of the so-called “progress” of the last 200 years, starting from the Industrial Revolution. We arrived on this planet “five seconds” ago, if we consider its entire evolutionary history, and have already left our legacy: pollution, pesticides, nuclear waste, and billions of tons of greenhouse gases poured into the atmosphere every year.

All in the name of progress, which although has greatly improved the living conditions of humanity, is costing us our future on this planet. Researchers have been sounding the alarm for at least 40 years – since we started burning fossil fuels and increasing our consumption. Gases from factory chimneys, from plants that produce energy, from car exhausts, from the cattle that ends up on our plates, and from the forests that we burn, accumulate in the atmosphere, trapping the heat and causing global temperature to rise. Thus, we managed to influence a geological age, living now in the Anthropocene – the Age of Man.

Our way of life chosen by modern society has brought us this environmental crisis, whose developments



A Era das Consequências *The Age of Consequences*

*many of us have difficulty to process, but which the documentary **The Age of Consequences**, by Jared P. Scott, addresses so accurately. Although we are already living in times of visible climate change, science has long allowed us to predict scenarios and make decisions to prevent the world from becoming an unbearable place for humans. In many places, life has already reached the point of drastic impacts on society, such as hunger and poverty, being flight the only option for survival.*

The documentary digs into the case of Syria, immersed for years in a civil war. On television, we follow the journey of thousands of Syrians who, in 2015, were seeking refuge in Europe. Many also began a new life in Brazil, after having escaped the

O documentário vasculha o caso da Síria, mergulhada há anos em uma guerra civil. Acompanhamos, da televisão, a caminhada de milhares de sírios que, em 2015, buscavam refúgio na Europa. Muitos também começaram uma nova vida no Brasil, depois de terem escapado dos horrores da guerra. O que pouco se fala é que, anos antes de o conflito estourar, a população sofreu com uma seca severa, o que gerou instabilidade e agravou a crise. Com apoio de fontes militares dos Estados Unidos, **A Era das Consequências** mostra todos os possíveis desdobramentos das mudanças climáticas para a segurança nacional. Vulneráveis à pobreza, agravada pela falta de água, por exemplo, e sem dinheiro ou comida, cidadãos de qualquer parte do

mundo podem até se juntar a organizações terroristas para sobreviver. Na Síria, o Estado Islâmico, grupo extremista, controlou represas de água como instrumento da guerra para forçar pessoas a se juntarem ao levante.

A esta altura da nossa história, a crise climática só vai desacelerar se fizermos mudanças drásticas no nosso modo de habitar a Terra. Precisamos frear já as nossas emissões de gases estufa. Na verdade, estamos atrasados. Apesar de os países mais poluidores do mundo terem reconhecido esse risco iminente e concordado em reduzir suas emissões na Conferência do Clima de Paris em 2015, com um acordo que ganhou o nome da capital francesa, uma onda de negacionismo e ganância, representada sobretudo pela eleição de Donald Trump, em 2016, nos afastou da rota.

A Nova Era do Petróleo, de Zach Toombs, é uma prova de como os Estados Unidos têm ido na direção contrária àquela que garantiria um futuro confortável e investido num novo boom do petróleo. Dos poços tradicionais ao *fracking*, técnica de fraturamento hidráulico com uso de substâncias químicas e alta pressão para acessar reservas de gás natural, o mercado vive uma alta e deixa cada vez mais impactos na saúde das pessoas. O filme visita cidades no estado de Texas e mostra o que os olhos humanos não conseguem enxergar: fumaça invisível que sai das torres carregada de metano e outros gases nocivos ao planeta e à população do entorno.

*horrors of war. Little is said, though, that years before the conflict broke out, the population suffered a severe drought, which generated instability and aggravated the crisis. With support from US military sources, **The Age of Consequences** shows all the possible ramifications of climate change for national security. Vulnerable to poverty, which is aggravated by lack of water, for example, and without money or food, citizens anywhere in the world may end up joining terrorist organizations to survive. In Syria, the extremist Islamic State controlled water dams as a war tool to force people to join the uprising.*

At this point in our history, the climate crisis will only slow down if we make drastic changes in the way we inhabit the Earth. We need to stop our greenhouse gas emissions now. In fact, we are lagging behind. Although the world's most polluting countries have recognized this imminent risk and agreed to reduce their emissions at the Paris Climate Conference in 2015, with an agreement that won the name of the French capital, a wave of denial and greed, represented mainly by the election of Donald Trump in 2016, has led us off course.

*Zach Toombs' **Blowout** is proof of how the United States has moved in a direction counter to what would guarantee a comfortable future and invested in a new oil boom. From traditional wells to fracking – a hydraulic fracturing technique using chemicals and high pressure*

to access natural gas reserves – the market is on the rise and is increasingly impacting people’s health. The film visits cities in the state of Texas and shows what human eyes cannot see: invisible smoke coming out of towers loaded with methane and other gases harmful to the planet and the surrounding population.

With exploration plants increasingly close to cities, it is estimated that at least 1.4 million Americans live in high-risk areas near oil and gas production. Among the potential health damage pointed out by scientists is cancer and birth defects for people living within 200 meters of these areas. The documentary’s investigative reporter leads us through this universe where it is possible to approach the reality of those most affected by this industry so harmful to the global climate, such as the residents of Bangladesh. Historically, it is one of the countries that least contributed to the concentration of greenhouse gases in the atmosphere, yet one of the most severely hit by the impacts of climate change.

The films chosen for this edition of the Festival, and our current scenario shed light on irrefutable truths, which many sectors of our society try to deny and refuse to see. We are residents of the same house, which is signaling that we are not acting intelligently to keep it livable. The pandemic scaring us now is nothing but a fraction of the terrors the climate crisis we caused will confront us with. We have already

Com plantas de exploração cada vez mais perto das cidades, estima-se que pelo menos 1,4 milhão de americanos vivem em zonas de alto risco perto da produção de petróleo e gás. Dentre os danos potenciais à saúde apontados por cientistas estão câncer e defeitos congênitos para pessoas que vivam a menos de 200 metros dessas áreas. Junto ao repórter investigativo que nos conduz por esse universo no documentário, é possível ainda chegar perto da realidade daqueles que são mais afetados por esta indústria nociva ao clima global, como moradores de Bangladesh. Este país asiático é um dos que menos contribuíram historicamente para a concentração de gases de efeito estufa na atmosfera e um dos mais duramente atingidos pelos impactos das mudanças climáticas.

Os filmes escolhidos para esta edição da **Mostra** e o nosso atual cenário jogam luz sobre verdades irrefutáveis, que muitos setores da nossa sociedade tentam negar, não querem ver. Somos habitantes de uma mesma casa, que dá mostras de que não estamos agindo com inteligência para mantê-la habitável. A pandemia que agora nos amedronta é apenas uma fração dos terrores que a crise climática, provocada por nós mesmos, nos fará enfrentar. Que já enfrentamos, aqui e ali, ano a ano, com mais intensidade, pagando com vidas, com muito dinheiro, mais recursos, mas que nossos governantes insistem em tratar como casos isolados. Não são. Tudo está interligado. Diferentemente da doença que agora nos

afasta, faz de nós uma companhia perigosa ao nosso semelhante e nos obriga a um isolamento social, a crise climática precisa ser combatida no conjunto, com decisões coletivas afiadas, com posturas firmes e diárias na hora de comer, de se vestir, de se transportar, de comprar, de votar.

NÁDIA PONTES é jornalista multimídia especializada em ciência e meio ambiente, mestre em Ciência Ambiental pela Universidade de São Paulo com ampla experiência em produção de reportagens para imprensa internacional e nacional. Correspondente no Brasil da Deutsche Welle, escreve principalmente sobre ciência, mudanças climáticas e sustentabilidade. É uma das ganhadoras do prêmio *Voices2Paris*, dado pela UNDP em 2015, *VerCiência*, em 2015; *Berlin Science Communication Award*, em 2017, e grantees do *Rainforest Journalism Fund* em parceria com o Pulitzer Center.

been confronting them intensely here and there, year by year, paying with lives, with a lot of money and resources, yet our rulers insist on treating them as isolated cases. They are not. Everything is interconnected. Unlike the disease that now tears us apart, transforming us into dangerous company to our fellow men, and thus forcing us into social isolation, the climate crisis needs to be fought in a unified way, with sharp collective decisions, with daily and firm attitudes towards how we eat, dress, move around, buy, vote.

NÁDIA PONTES is a multimedia journalist specialized in science and the environment, with a master’s degree in Environmental Science from the University of São Paulo, and extensive experience in producing reports for both international and national press. A correspondent in Brazil at Deutsche Welle, she writes mainly about science, climate change and sustainability. She is one of the winners of the *Voices2Paris Award*, given by UNDP in 2015; *VerCiência*, in 2015; *Berlin Science Communication Award*, in 2017, and grantee of the *Rainforest Journalism Fund* in partnership with the Pulitzer Center.



A Era das Consequências

The Age of Consequences

EUA, 2017, 81'

Uma investigação sobre os impactos das mudanças climáticas em conflitos ao redor do mundo, pelas lentes da Segurança Nacional dos EUA. O filme revela como a escassez de água e alimentos, a seca, as condições climáticas extremas e a elevação do nível do mar funcionam como “catalisadores de conflitos”. Oficiais militares fazem análises para além das manchetes das crises de refugiados, da Primavera Árabe, dos conflitos na Síria e até mesmo do surgimento de grupos radicais como o Estado Islâmico, e revelam como os fenômenos decorrentes das mudanças climáticas interagem com as tensões sociais.

An investigation over the impacts of climate change on conflicts around the world, through the lens of US national security. The film unpacks how water and food shortages, drought, extreme weather, and sea-level rise function as ‘catalysts for conflict’. Military officers take us beyond the headlines of the refugee crisis, the Arab Spring, conflicts in Syria, and even the rise of radicalised groups like ISIS – and lay bare how climate change stressors interact with societal tensions.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Jared P. Scott
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Jared P. Scott, Kelly Nyks
ROTEIRO **SCRIPT**
Jared P. Scott
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Mike McSweeney
EDIÇÃO **EDITOR**
Hypatia A. Porter
CONTATO **CONTACT**
contact@
theageofconsequences.com



A Nova Era do Petróleo

Blowout

EUA, 2018, 80'

Jornalistas investigativos, cientistas e cidadãos registram as consequências de um novo boom norte-americano de combustíveis fósseis. Campos de petróleo do oeste do Texas, o congestionamento de navios-tanque lotando o Canal do Panamá, uma revolução energética na Ásia: o filme mergulha nos impactos globais do combustível norte-americano nos lucros, na saúde pública e nas mudanças climáticas.

Investigative journalists, scientists, and concerned citizens trace the fallout of a new American fossil fuel boom. From the oil fields of west Texas, to tanker traffic busting the Panama Canal at its seams, to an energy revolution in Asia, this documentary takes a deep dive into American energy's global impacts on profits, public health, and climate change.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Zach Toombs
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Kate Grumke
ANIMAÇÃO **ANIMATION**
Jennifer Smart
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Kevin Clancy
EDIÇÃO **EDITOR**
Jennifer Smart
CONTATO **CONTACT**
kgrumke@gmail.com



Breakpoint: Uma Outra História do Progresso

Breakpoint. A Counter-history of Progress

FRANÇA, 2018, 98'

Ainda se debate se a humanidade mudou irreversivelmente o planeta ou não. Hoje, o progresso é nossa razão de ser, proporcionando a eterna promessa de uma melhor qualidade de vida. Mas por trás da impressionante história do progresso, esconde-se outra história. Uma história escrita pelos poderosos: lideranças políticas, industriais, químicos, lobistas e financiadores que, ao longo de dois séculos, modelaram o nosso modo de vida. Mas eis que surge de uma nova era, trazendo consigo as sementes da mudança climática: o antropoceno.

It is still being debated whether humankind has changed the planet irreversibly. Today, progress is our raison d'être, an eternal promise of a better quality of life. But behind the impressive history of progress, there hides another one. It's a story written by powerful people: political leaders, industrialists, chemists, lobbyists and financiers of all kinds who, in two centuries, have shaped our way of life, up until the advent of a new era that carries within the seeds of climate change: the Anthropocene.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Jean-Robert Viallet
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Victor Ede & Alexandre Cornu
ROTEIRO **SCRIPT**
Jean-Robert Viallet
CONTATO **CONTACT**
contact@javafilms.tv



O Mês Mais Quente

The Hottest August

EUA/CANADÁ, 2019, 95'

Com um aceno a *Crônica de Um Verão*, documentário vérité seminal de Jean Rouch e Edgar Morin, Brett Story aponta sua lente observacional para a cidade de Nova York e seus arredores durante o mês de agosto de 2017. Moradores refletem sobre o futuro à luz do governo Trump e de demonstrações de supremacistas brancos, enquanto incêndios e furacões abalam as duas costas do país.

With a nod to Jean Rouch and Edgar Morin's seminal vérité documentary Chronicle of a Summer, Brett Story focuses her observational lens on New York City and its outer boroughs for the month of August 2017. Residents muse about the future in light of a Trump presidency and white nationalist demonstrations, while wildfires and hurricanes batter the nation's coasts.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Brett Story
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Brett Story, Danielle Varga
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Derek Howard
EDIÇÃO **EDITOR**
Nels Bangerter
CONTATO **CONTACT**
danielle@walkingproductions.com

**povos &
lugares
peoples &
places**

O Que Povos e Lugares Distantes Nos Ensinam sobre Nós

BELA FELDMAN-BIANCO

Esse conjunto de quatro laureados documentários sobre povos e lugares revela como as complexidades da economia política e da geopolítica afetam a organização social, os imaginários, as práticas sociais e a resistência de seus protagonistas, assim como suas mobilidades/imobilidades e relações com o meio ambiente, no passado e no presente.

Processos históricos, marcados seja por conquistas, guerras e revoluções, crises econômicas e políticas ou, ainda, ascensão e queda de regimes comunistas e avanços do capitalismo constituem, implícita ou explicitamente, os cenários e constrangimentos que unem essas produções filmicas sobre problemáticas, conjunturas e personagens

What Distant Peoples and Places Teach Us About Ourselves

BELA FELDMAN-BIANCO

This set of four award-winning documentaries on peoples and places reveals how geopolitics and the complexities of political economy affect the social organization, imagery, social practices, the resistance of their protagonists, and their mobility/immobility and relations with the environment, in the past and in the present. Historical processes, marked by conquests, wars and revolutions, economic and political crises, or even the rise and fall of communist regimes and the advances of capitalism, constitute, implicitly or explicitly, the scenarios and constraints that connect these film productions on distinct problems, conjunctures and characters. From this angle, these films bring about dramatic social changes in the lives of their protagonists and the places they inhabit.

*Three of these documentaries take place in regions or countries of Asia that were under the sphere of influence of the former USSR. Thus, in **The Whale from Lorino**, directed by Maciej Cuske, the dissolution of the Soviet Union and its socioeconomic and demographic impacts become evident in the precarious living conditions of the descendants of the millenary Chukchi people of*

distintos. Desse ângulo, esses filmes trazem à tona mudanças sociais dramáticas na vida dos seus protagonistas e nos lugares que habitam.

Três desses documentários transcorrem em regiões ou países da Ásia que estiveram sob a esfera da antiga URSS. Assim, em **A Baleia de Lorino**, dirigido por Maciej Cuske, a dissolução da União Soviética e seus impactos socioeconômicos e demográficos se manifestam na precarização das condições de vida dos descendentes do milenar povo Chukchi da Sibéria, cuja mitologia e organização social estão historicamente vinculadas à caça das baleias. Por sua vez, **Exodus**, de Bahman Kiarostami, se passa em um centro de retorno de imigrantes na fronteira terrestre entre o Irã e o Afeganistão por ocasião do colapso da moeda iraniana em 2018, decorrente das novas sanções dos Estados Unidos contra o Irã, que forçou numerosos trabalhadores migrantes do Afeganistão afetados pela recessão econômica a retornar à terra natal. Já em **Memórias do Oriente**, os diretores Niklas Kullström e Martti Kaartinen justapõem a biografia e os escritos do renomado diplomata e linguista finlandês Gustaf John Ramstedt (1873-1950) sobre suas experiências de vida e trabalho no Oriente às transformações socioeconômicas, políticas e culturais ocorridas nos países asiáticos onde ele viveu, como China, Japão e, especialmente, Mongólia. Em contraposição, a quarta produção, **Ma'Ohi Nui**, realizada na Polinésia Francesa, sob a direção de Annick Guijzelings,

focaliza a brutalidade e violência intrínsecas aos desastres ambientais e sanitários, incluindo óbitos, provocados por testes nucleares executados intermitentemente no Taiti pelo exército francês durante trinta anos (1966-1996). As sequelas afetam até hoje os habitantes desses arquipélagos do Oceano Pacífico, que ainda permanece sob jugo colonial.

Violência, brutalidade e sofrimento estão subjacentes, já no início de **A Baleia de Lorino**, na narrativa do mito Chukchi sobre as relações simbióticas entre seres humanos e as baleias; sobrepondo-se às belíssimas imagens e sons dos mares do Estreito de Bering, o relato do assassinato original da baleia pelo irmão homem prenuncia alegoricamente tempos difíceis. Cenas subsequentes revelam a paisagem inóspita de Lorino, as compras feitas a crédito no pequeno mercado local em preparação para a tradicional caça anual às baleias monumentais, a moradia e móveis precários, entre os quais uma TV que parece não funcionar, e os diálogos sobre a falta de dinheiro, sinalizando as dificuldades pelas quais passam seus moradores.

Na sequência, um solitário busto de Lenin numa praça deserta de Lorino, aparentemente entregue ao abandono, permanece como símbolo da Revolução Bolchevique de 1917, evocando as lembranças nostálgicas de um dos moradores Chukchis que rememora os bons salários nos tempos em que a Sibéria fazia parte da União Soviética (1922-1991). Essa imagem

Siberia, whose mythology and social organization are historically linked to whale hunting. Bahman Kiarostami's Exodus, in turn, takes place in a reintegration center for migrant returnees located on the border of Iran and Afghanistan during the collapse of the Iranian currency in 2018, as a result of new US sanctions against Iran, which forced numerous migrant workers from Afghanistan affected by the economic recession to return to their homeland. In Eastern Memories, directors Niklas Kullström and Martti Kaartinen juxtapose the biography and writings of the renowned Finnish diplomat and linguist Gustaf John Ramstedt (1873-1950) on his experiences of living and working in the East with the socioeconomic, political and cultural transformations that have occurred in the Asian countries where he lived, such as China, Japan and especially Mongolia. In contrast, the fourth production, Ma'Ohi Nui, directed by Annick Guijzelings and shot in French Polynesia, focuses on the brutality and violence, including deaths, intrinsic to environmental and health disasters. Nuclear tests were carried out intermittently for thirty years (1966-1996) by the French army in Tahiti, and the inhabitants of this archipelago of the Pacific Ocean, which is still under colonial rule, face their consequences until today.

*At the very beginning of **The Whale from Lorino**, violence, brutality, and suffering underlie the narrative of the Chukchi myth about the*

symbiotic relations between human beings and whales. Overlaid with beautiful images and sounds of the Bering Strait seas, the account of the whale's original murder by his human brother allegorically foreshadows difficult times ahead. Subsequent scenes reveal Lorino's inhospitable landscape, purchases made on credit at the small local market in preparation for the traditional annual monumental whale hunt, precarious living and furniture, including a TV that appears to be out of order, and dialogues about lack of money, showing the economic hardship affecting its residents.

In a deserted square in Lorino, a lonely bust of Lenin, apparently abandoned, remains as a symbol of the Bolshevik Revolution of 1917, evoking the nostalgic memories of one of the Chukchi residents who remembers the good salaries of the times when Siberia was part of the Soviet Union (1922-1991). This image of abandonment can also be interpreted as a metaphor for the dissolution of the USSR, when the regional government broke up, state subsidies dwindled, and large numbers of ethnic Russians who made up the majority of the population, as well as their Ukrainian compatriots, left, migrating to other places. In this context, the Chukchis, faced with socioeconomic vulnerability and dispossession, in what appears to be a paradox, turned to traditional ways of life and to the hunting of endangered whales as their main means of subsistence.

de abandono também pode ser interpretada como metáfora da dissolução da URSS, quando o governo regional se desfez, os subsídios estatais minguaram e grande número dos russos étnicos que formavam a maioria da população, assim como seus compatriotas ucranianos, foram embora, migrando para outros lugares. Nessa conjuntura, os Chukchis, diante da vulnerabilidade socioeconômica e da despossessão, se voltaram, num aparente paradoxo, aos modos tradicionais de vida e à caça às baleias ameaçadas de extinção como o seu principal meio de subsistência.

Através do uso de uma estrutura narrativa circular, o filme nos faz acompanhar a vida cotidiana durante a preparação de mais uma caça anual às baleias. Esse estilo narrativo nos faz atentar em que, não obstante a situação precária na qual vivem e as dificuldades, sofrimentos e paradoxos que confrontam – inclusive o alcoolismo e a emigração, que não são mostrados no filme –, os Chukchis que vivem na localidade persistem em investir na continuidade de seu povo, como aliás é o caso de outros povos originais, como, por exemplo, os Guaraní Kaiowá, no Brasil. Esses esforços são evidenciados na sua interação com o meio ambiente, na celebração dos rituais, como os de casamento, que levam à reprodução social, e na transmissão da história, tradições e saberes para as novas gerações, seja na escola, no centro cultural, nas visitas das crianças ao museu ou nas brincadeiras e inclusão dos meninos no processo de traba-



Memórias do Oriente *Eastern Memories*

lho. Se o documentário nos informa sobre a falta de perspectivas e possível desaparecimento não só das baleias, mas também dos Chukchis, parece prevalecer ainda, entre os que vivem em Lorino, uma aposta no futuro.

Questões de geopolítica também estão presentes em *Exodus*. Mas, enquanto *A Baleia de Lorino* nos faz refletir sobre o retorno aos modos de vida ancestrais daqueles que permaneceram na localidade, *Exodus* nos fala de um retorno geográfico, protagonizado por um contingente de mulheres e homens que se movimentam na fronteira terrestre entre Irã e Afeganistão. Aberta inicialmente para acolher refugiados da Guerra afgã-soviética de 1979, essa fronteira propiciou no decorrer dos anos a travessia de cerca de dois milhões e meio de migran-

Using a circular narrative structure, the film takes us on a journey throughout an all-day preparation for another annual whale hunt. Although this narrative style calls attention to the precarious situation under which the Chukchis in Lorino live, one full of difficulties, sufferings, and paradoxes – including alcoholism and emigration, which are not shown in the film –, the Chukchis insist on investing in the continuity of their people, as is the case with other native peoples, such as the Guaraní Kaiowá, in Brazil. These efforts are revealed in their interaction with the environment, in the celebration of rituals, such as marriage, which lead to social reproduction, and in the transmission of history, traditions and knowledge

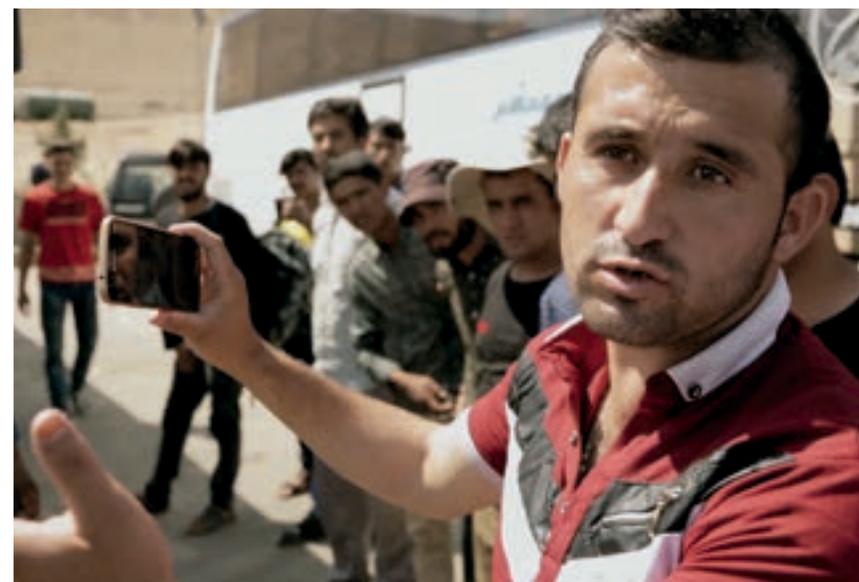
to the new generations, whether at school, at the cultural center, in the children's visits to the museum or in the games and inclusion of children in the work process. While the documentary informs us about the lack of perspectives and possible disappearance not only of whales but also of the Chukchis, it also brings attention to the fact that the Lorino people still bet on the future.

Geopolitical issues are also present in *Exodus*. But while *The Whale from Lorino* makes us reflect on the return to the ancestral ways of life of those who remained in the region, *Exodus* tells us about a geographical return, led by a contingent of women and men crossing the Afghan-Iranian border. Opened initially to help refugees of the 1979 Afghan-Soviet War, over the years this border has facilitated the crossing of about two and a half million Afghan migrants to Iran, many of whom undocumented. Today, due to the Iranian crisis, the largest flows are made up of contingents of Afghans attempting return migration.

If the coming and going of migrants across borders has been a historical phenomenon, since the last decades of the 20th century – with intensified migration flows and the development of a global regime of migration that criminalizes undocumented migrants –, there has been a pronounced increase in border controls, which became even more accentuated in the 21st century. Bahman Giarostami's cinema verité registers this phenomenon

tes afegãos para o Irã, muitos dos quais em situação indocumentada. Na atualidade, dada a crise iraniana, os fluxos maiores são formados por contingentes de afegãos tentando realizar a migração de retorno.

Se as idas e vindas de migrantes através de fronteiras constituem um fenômeno histórico, desde as últimas décadas do século XX – com a intensificação dos fluxos migratórios e a construção de um regime global de migrações que criminaliza migrantes em situação indocumentada –, houve um aumento de controle nas fronteiras, que se acentuou ainda mais no decorrer do século XXI. Ao se utilizar do cinema-verdade e focalizar a sua câmara nesse posto de controle de fronteiras, Bahman Kiarostami registra as interações, marcadas por desigualdades, entre os migrantes afegãos que querem voltar para casa e os funcionários responsáveis pela fiscalização, liberação ou proibição da saída do território iraniano. Essas relações desiguais são aparentes no modo como os funcionários organizam e controlam o fluxo das filas, formadas predominantemente por homens jovens. Ao mesmo tempo, a composição etária e de gênero indica que a migração desses jovens provavelmente faz parte de projetos familiares, implicando, portanto, em obrigações e reciprocidades, que incluem o envio de remessas para a terra natal, como atestam os casos dos homens jovens senegaleses, malineses, congolese ou haitianos, entre outros, que migraram desacompanhados para diferentes localidades brasileiras.



Exodus Exodus

Nesse cenário, o registro fílmico tanto das interações entre migrantes afegãos e funcionários, como também das conversas entre os funcionários sobre uma alegada falta de clareza acerca de suas funções expõem situações que ocorrem durante processos migratórios em diferentes partes do mundo. Assim, muitas das perguntas aparentemente desconexas formuladas por esses funcionários manifestam preconceitos e discriminação engastados nas noções em voga que criminalizam imigrantes considerados, a priori, “indesejáveis”. Esses preconceitos, reforçados por visões em geral estereotipadas sobre migrantes, surgem no filme nas indagações dirigidas aos homens jovens sobre drogas, bebidas, tatuagens e deportações anteriores. Outras questões

by placing his camera on this border checkpoint and recording the interactions – marked by inequalities – between Afghan migrants who want to return home and officials responsible for overseeing, releasing or prohibiting them from leaving Iranian territory. These unequal relationships are exposed in the way officials organize and control the flow of queues, made up predominantly of young men. At the same time, the age and gender composition indicates that the migration of these young men is probably part of family projects, thus implying obligations and reciprocity, which include sending remittances to their homeland, as evidenced by the cases of young Senegalese, Malian, Congolese, or Haitian men, among

others, who migrated unaccompanied to different Brazilian locations.

In this scenario, the film shows both the interactions between Afghan migrants and officials and conversations among the latter about an alleged lack of clarity concerning their roles, exposing situations that occur during migration processes in different parts of the world. Thus, many of the apparently disconnected questions posed by these officials express prejudice and discrimination embedded in popular ideas that criminalize the immigrants considered “undesirable” a priori. These prejudices, reinforced by general stereotyped views about migrants, can be witnessed in questions addressed to the young men about drugs, drinking, tattoos, and previous deportations. Other scenes reveal the bureaucracy intrinsic to the migrant entry and exit process, which is controlled by officials. Several other discussions bring out the constant crossing between borders, including migrants in undocumented situation who have already undergone deportation. They also bring to light the long-lasting emotional connections with one’s homeland, as in the case of family members who, fulfilling the request made by a relative before dying, try to transport their corpse to be buried in Afghanistan.

From a different angle, **Eastern Memories** uses Gustaf John Ramstedt’s (1873-1950) narratives about his (migrant) experience in the East, marked by long separations from his

revelam a burocracia intrínseca aos processos de entrada e saída de migrantes, cujo poder decisório cabe aos funcionários, em diferentes contextos. Também, vários questionamentos nos fazem perceber os constantes trânsitos de mão dupla entre fronteiras, inclusive de migrantes em situação indocumentada que já passaram por experiências de deportação. Trazem ainda à tona as duradoras conexões afetivas com a terra natal, como no caso de familiares que, atendendo ao pedido feito por um parente antes de morrer, tentam transportar seu cadáver para ser enterrado no Afeganistão.

A partir de um ângulo diverso, **Memórias do Oriente** se vale das narrativas de Gustaf John Ramstedt (1873-1950) sobre a sua vivência (migrante) no Oriente, marcada por longas separações da família – seja devido às suas pesquisas linguísticas na Mongólia, seja por sua atuação como diplomata na China e no Japão –, para nos apresentar visualmente as continuidades da tradição em conjunção com as (drásticas) descontinuidades sociais ocorridas nesses países no decorrer dos últimos 100 anos. Assim, através das sobreposições, conexões e contrastes entre imagens do passado e do presente, o filme nos revela a reconfiguração das paisagens rurais do passado em efervescentes metrópoles globalizadas, assim como as junções entre tradição e modernidade em decorrência das transformações geopolíticas, socioeconômicas e culturais. Mas é especialmente no caso da Mongólia, um forte aliado da extinta URSS,



Ma’Ohi Nui Ma’Ohi Nui

cujá inserção na economia do mercado se deu somente em 1992, que nos deparamos com um dramático contraste entre um passado (rural) e a flagrante modernidade da vida urbana contemporânea, com seus arrojados arranha-céus, clubes e rappers. Se, nos tempos em que Gustaf John Ramstedt conduzia pesquisas linguísticas na Mongólia para o seu doutorado, um interlocutor lhe informou que “não possuímos a terra, a terra nos possui”, hoje, a questão fundiária e a sua transformação em propriedade privada estão no âmago da metamorfose urbana e de indagações sobre quem tem direito à cidade.

Comparativamente, **Ma’Ohi Nui** apresenta um retrato cinematograficamente poético que traz à tona uma aparente (i)mo-

family – either because of his linguistic research in Mongolia or because of his work as a diplomat in China and Japan – to visually present us with the continuities of tradition in conjunction with the (drastic) social discontinuities that have occurred in these countries over the past 100 years. Thus, through the overlaps, connections and contrasts between images of the past and present, the film reveals to us the reconfiguration of the rural landscapes of the past into effervescent global cities, as well as the marriage between tradition and modernity as a result of geopolitical, socio-economic and cultural transformations. But it is especially in the case of Mongolia, a strong ally of the now defunct USSR, whose insertion into the mar-

ket economy didn't take place until 1992, that we are presented with a dramatic contrast between a (rural) past and the blatant modernity of contemporary urban life, with its bold skyscrapers, clubs and rappers. While in the days when Gustaf John Ramstedt conducted linguistic research in Mongolia for his doctorate, an interlocutor informed him that "we don't own the land, the land owns us"; today, the land issue and its transformation into private property are at the heart of urban metamorphosis and discussions over who has a right to the city.

Comparatively, Ma'Ohī Nui presents a cinematographically poetic portrait that brings to light an apparent (im)mobility of Tahitian and French Polynesian peoples in the wake of the violent and interminable effects of 30 years of nuclear tests initiated at the behest of colonial power on July 2, 1966, causing radioactivity and the destruction of their habitat. Initially, as one of the narrators recalls, the population was lured into promises of good earnings and material goods, abandoning, therefore, agriculture and fishing "without understanding this dangerous decision would destroy us." Another one sadly admits that "we have no more voices, no more memories, no history. And what is a people without history, without language, without land? Well, there is no such thing".

Images from the first nuclear test, combined with scenes of poverty in the slums, and of women, men and children lying idly in hammocks

bilidade dos povos originários do Taiti e da Polinésia Francesa em face dos violentos e intermináveis efeitos dos 30 anos de testes nucleares que, iniciados a mando do poder colonial em 2 de julho de 1966, causaram radioatividade e a destruição de seu habitat. Inicialmente, como lembra um dos narradores, esse programa colonial atraiu a população, que, diante das possibilidades de trabalho com bons ganhos e aquisição de bens materiais, abandonou a agricultura e a pesca, "sem compreender que era um perigo que nos destruiria". Outro tristemente avalia que "não temos mais vozes, não temos mais memórias, não temos história. E o que é um povo sem história, sem língua, sem terra? Bem, isso não existe".

Imagens do primeiro teste nuclear, junto a cenas de pobreza nas favelas e de mulheres, homens e crianças largados em redes dão essa sensação de imobilidade. Mas há também aqueles que, após migrarem, decidem fazer o caminho de volta, começando a agricultura, relembando saberes transmitidos pelos seus antepassados, trazendo de volta vozes ancestrais, buscas de identidade e, com elas, perspectivas de futuro, que incluem movimentos de libertação do jugo colonial.

Apenas em 2019, a França reconheceu pela primeira vez, oficialmente, que os polinésios franceses foram forçados a aceitar quase 200 testes nucleares conduzidos ao longo de 30 anos¹, que trouxeram devastação, morte e doença para os habitantes dos arquipélagos. Mas os desastres ambientais

resultantes dos grandes projetos hidroelétricos ou de extração de minério – como os de Mariana e Brumadinho, no Brasil –, que estão ocorrendo em diversas partes do mundo, com impactos destrutivos nos povos e lugares, numa conjuntura do capitalismo neoliberal que prescinde do colonialismo, mas se assemelha a ele, permanecem como chagas abertas.

Desse ângulo, esse conjunto de filmes, embora muito diferentes entre si, provoca nossa reflexão sobre esse momento tão difícil que estamos vivendo, à luz das temporalidades e espacialidades de processos de globalização – ou do sistema-mundo, que, como tão bem nos ensinou Immanuel Wallerstein, se iniciou com as conquistas e emergência dos colonialismos dos séculos XV e XVI. Por isso, de forma talvez à primeira vista surpreendente, ao assistirmos a esses filmes e aprendermos sobre povos e lugares distantes que ficam no continente asiático ou no meio do Oceano Pacífico, nos deparamos com processos históricos e contemporâneos, relações de poder, deslocamentos da economia política, despossessão e destruição do meio ambiente muito familiares para nós da América Latina e do Brasil, em especial. A tragédia dos Chukchis, conquistados e dominados pelo czarismo ainda no século XVI, ressoa nos dramas das populações originárias da Amazônia frente à destruição e escassez do meio ambiente, como corolário de um capitalismo altamente destruidor e dos avanços da extrema direita, a extirpar direitos duramente conquistados.

give this feeling of immobility. But there are also those who, after migrating, decide to make their way back, resuming agriculture and recalling the knowledge transmitted by their ancestors. In an effort to revive ancestral voices and to regain their identity, they also rekindle prospects for the future, which include liberation movements from the yoke of colonialism.

Only in 2019 France officially recognized for the first time that the French Polynesians were forced to accept almost 200 nuclear tests conducted over a period of 30 years, during which devastation, death and disease were brought to the archipelago inhabitants. But the environmental disasters resulting from large hydroelectric or mineral extraction projects – like those of Mariana and Brumadinho in Brazil – occurring in various parts of the world as we speak, with destructive impacts on peoples and places, in a neoliberal capitalism context that foregoes colonialism yet resembles it, remain an open wound.

From this angle, this set of films, albeit quite different from one another, instigates us to reflect on this challenging moment we are living, in the light of the spatialities and temporalities of the globalization processes – or the world-system, which, as Immanuel Wallerstein taught us so well, began with the conquests and emergence of 15th and 16th century colonialism. So, although we might find it surprising initially, as we watch these films

and learn about distant peoples and places lying on the Asian continent or in the middle of the Pacific Ocean, we become aware of historical and contemporary processes, power relations, dislocations of the political economy, dispossession and environmental destruction that are very familiar to us, here in Latin America and Brazil in particular. The tragedy of the Chukchis, conquered and dominated by Czarism in the 16th century, resonates in the dramas of the native populations of Amazonia as a result of the destruction and scarcity of the environment, as a corollary of a highly destructive capitalism and of the advances of the extreme right that extirpates hard-won rights. Similarly, the scenes at the immigrant checkpoint on the Afghan-Iranian border refer to the situations, among others, of Venezuelan immigrants on the Brazilian borders and the increase in deportations of foreigners in general by the Federal Police in these times of pandemic, as well as the deportations of Brazilians in undocumented situations in the United States, with the approval of the Brazilian government. In addition to the rapid transformations of the countryside into deeply unequal cities, the ill-fated nuclear tests carried out by French colonial power on the paradisiacal islands of the Pacific – so far away from us – make us confront the environmental disasters resulting from large development projects that turn cities into mud.

Da mesma forma, as cenas no posto de controle de imigrantes na fronteira entre o Irã e o Afeganistão remetem às situações, entre outras, dos imigrantes venezuelanos nas fronteiras brasileiras e ao aumento de deportações de estrangeiros em geral pela Polícia Federal nesses tempos de pandemia, assim como às deportações de brasileiros em situação indocumentada nos Estados Unidos, com o beneplácito do governo brasileiro. Além das aceleradas transformações do campo em cidades profundamente desiguais, os malfadados testes nucleares executados pelo poder colonial francês nas paradisíacas ilhas do Pacífico – tão distante de nós – nos fazem confrontar os desastres ambientais decorrentes de grandes projetos desenvolvimentistas que transformam cidades em lama.

1 <https://www.defesa.tv.br/governo-frances-admite-ter-forcado-polinesios-e-taitianos-a-aceitarem-seus-testes-nucleares>.

BELA FELDMAN-BIANCO Fundadora e coordenadora do CEMI (Centro de Estudos de Migrações Internacionais), Bela Feldman-Bianco, PhD em Antropologia (Columbia University) com pós-doutorado em História (Yale), é professora sênior do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UNICAMP e bolsista 1A do CNPq. Recebeu, entre outras distinções, o Prêmio ANPOCS de Excelência Acadêmica Gilberto Velho (2017) e o Prêmio Roquete Pinto por suas contribuições à Antropologia (ABA 2014). Suas pesquisas e publicações sobre migrações transnacionais combinam análises de cultura e política em perspectiva comparativa. Coordena atualmente o projeto Desloca (Migra) mentos: Por uma perspectiva global das migrações e deslocamentos. Foi presidente da ABA – Associação Brasileira de Antropologia (2011-2012), representante da Área de Antropologia e Arqueologia da CAPES (2005-2007), co-coordenadora do GT Migración, Cultura y Política da CLACSO (2010-2013) e do Comitê de Antropologias Mundiais da Associação Americana de Antropologia (2012-2015), entre outras atividades. Atualmente, coordena o Comitê Migrações e Deslocamentos da ABA, é conselheira do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) no qual representa a SBPC, e representa a área de antropologia no Comitê Acadêmico da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais).

BELA FELDMAN-BIANCO is founder and coordinator of CEMI (Center for International Migration Studies). She has a PhD in Anthropology from Columbia University, a post-doctorate in History from Yale, and is a senior professor at the Graduate Program in Social Anthropology at UNICAMP. She is also a CNPq 1A scholar. She has received, among other distinctions, the ANPOCS Award for Academic Excellence Gilberto Velho (2017), and the Roquete Pinto Award for her contributions to Anthropology (ABA 2014). Her research and publications on transnational migration combine cultural and political analyses from a comparative perspective. She currently coordinates the project Desloca (Migra) mentos: For a Global Perspective of Migrations and Displacements. She was president of ABA – Brazilian Association of Anthropology (2011-2012), representative of CAPES' area of Anthropology and Archaeology (2005-2007), co-coordinator of CLACSO's GT Migración, Cultura y Política (2010-2013) and of the Committee of World Anthropologies of the American Association of Anthropology (2012-2015), among other activities. She currently coordinates the ABA Migration and Displacement Committee, and is a counselor of the National Immigration Council (CNIg), in which she represents the SBPC. She also represents the Anthropology area in the ANPOCS (National Association of Graduate Studies in Social Sciences) Academic Committee.



A Baleia de Lorino

The Whale from Lorino

POLÔNIA, 2019, 59'

Segundo o mito originário do povo chukchi, o ser humano nasceu da união da mãe primordial com uma baleia. Homem e baleia viveram felizes por muito tempo, até que um homem matou seu irmão baleia. A partir de então, a fome e o sofrimento prevaleceram na terra. Para os chukchis, descendentes da mais antiga tribo siberiana, a caça anual de baleia é não só uma tradição, mas uma necessidade para sobreviver ao longo inverno de uma das regiões mais inóspitas do mundo, na localidade de Lorino, próxima ao Estreito de Bering.

According to the origin myth of the Siberian Chukchi people, mankind was born from the marriage of a primeval mother with a whale. Man and whale lived happily together for a long time, until a man killed his whale brother. Since then, hunger and suffering have prevailed on earth. This myth introduces a keenly observed portrait of the remote town of Lorino, in the far northeast of Siberia. For the Chukchis, the yearly hunt for the endangered whale is not only a tradition, but a necessity for surviving winter in one of the most inhospitable places on earth.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Maciej Cuske
 PRODUÇÃO **PRODUCER**
Mikolaj Pokromski
 ROTEIRO **SCRIPT**
Maciej Cuske
 FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Piotr W. Bernas
 EDIÇÃO **EDITOR**
Katarzyna Orzechowska
 CONTATO **CONTACT**
arostropowicz@
finedaypromotion.pl



Exodus

Exodus

IRÃ, 2019, 77'

Desde que o Irã abriu suas fronteiras para refugiados da Guerra Soviético-Afegã, em 1979, tornou-se o lar de 2,5 milhões de afegãos, metade dos quais não estão documentados. Quando as sanções norte-americanas, renovadas em 2018, causaram um colapso cambial no Irã, a população vulnerável de migrantes foi severamente afetada pela recessão. Agora, um grande número deles quer voltar para casa, mas, para isso, precisa passar pelo Centro de Retorno, órgão responsável por processar os milhares de ilegais que saem do país regularmente. Sob o olhar humanista de Bahman Kiarostami (filho do falecido diretor Abbas Kiarostami), testemunhamos as trocas entre os funcionários do centro e os afegãos – cada um de um lado do vidro.

Ever since Iran opened its borders to refugees of the Soviet-Afghan War in 1979, it became home to over 2,5 million Afghans, half of whom are not registered. When the renewed North-American sanctions of 2018 caused a currency collapse in Iran, the vulnerable population of migrants was severely hit by the recession. Now, a large number of them wants to return home, but in order to do that, they have to pass through the Return Center, the agency responsible for processing the exit of thousands of illegal immigrants. Under the humanist gaze of Bahman Kiarostami (son of deceased filmmaker Abbas Kiarostami), we eavesdrop a series of exchanges between the employees of the Center and the Afghans – each one on one side of the glass.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Bahman Kiarostami
 PRODUÇÃO **PRODUCER**
Bahman Kiarostami
 ROTEIRO **SCRIPT**
Bahman Kiarostami
 FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Davoud Maleki
 EDIÇÃO **EDITOR**
Bahman Kiarostami
 CONTATO **CONTACT**
naderi@defc.ir



Ma'Ohī Nui

Ma'Ohī Nui

BÉLGICA, 2018, 113'

Por trinta anos, no final do século XX, o povo do Taiti sobreviveu a dezenas de testes nucleares do governo francês no Oceano Pacífico, perto de sua costa. Desde que o país foi colonizado, em 1880, as explosões deixaram o povo taitiano vasculhando pelos restos de suas ilhas e cultura, em um esforço para manter vivos seus conhecimentos tradicionais. O filme oferece um vislumbre poético do Taiti contemporâneo e das lutas coloniais que seu povo ainda enfrenta, enquanto resistem para sustentar seu modo de vida.

For thirty years in the late-twentieth century, the people of Tahiti survived dozens of offshore nuclear tests by the French government. Since the country was colonized in 1880, the blasts left Tahitians picking through the remnants of their islands and culture in an effort to keep indigenous knowledge alive. The film offers a poetic glimpse into contemporary Tahiti and the colonial struggles its people still face as they strive to sustain their way of life.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Annick Ghijzelings
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Isabelle Truc
ROTEIRO **SCRIPT**
Annick Ghijzelings
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Caroline Guimbal,
Annick Ghijzelings
EDIÇÃO **EDITOR**
Annick Ghijzelings
CONTATO **CONTACT**
promo@cbadoc.be



Memórias do Oriente

Eastern Memories

FINLÂNDIA, 2018, 86'

Um inesperado filme de viagem no extremo oriente da Mongólia e no Japão atuais. Se trata do relato das viagens do linguista e diplomata finlandês G. J. Ramstedt ao velho mundo das crenças e tradições do final do século XIX – um mundo hoje substituído por ideologias e pela economia de mercado. Ele testemunhou os eventos dos últimos cem anos, e agora nos lembra de porque e como estamos aqui hoje. O filme entrelaça com perfeição o passado e o presente em uma jornada visualmente deslumbrante de exploração, aventura, amor e morte, conspirações e a queda das nações.

The film is an unexpected road movie through today's Far East of Mongolia and Japan, seamlessly intertwining the past and the present into a visually stunning journey of adventure and exploration, love and death, conspiracies and the fall of nations. It is the story of Finnish linguist and diplomat G. J. Ramstedt's travels into the ancient late 19th century's world of beliefs and traditions, a world replaced today by ideologies and market economy. He witnessed the events of the past one hundred years, and now reminds us why we are here today.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Niklas Kullström e
Martti Kaartinen
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Niklas Kullström
ROTEIRO **SCRIPT**
Martti Kaartinen
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Niklas Kullström
EDIÇÃO **EDITOR**
Niklas Kullström
CONTATO **CONTACT**
contact@hillstream.fi

Olá, IA
Hi, AI

tecnologia
technology

Move fast and break things. O que pode dar errado?

POR DENIS RUSSO BURGIERMAN

Um dia, nossos descendentes – em os havendo – vão estudar na escola o que aconteceu no mundo em nossa época. Talvez esse capítulo do livro de História deles possa começar com a citação da frase de Mark Zuckerberg, que expressa sua filosofia de vida: “*Move fast and break things*”, “Avance rápido e quebre coisas”. Difícil pensar em uma frase que expresse de maneira mais completa o espírito dominante do nosso tempo.

“Move fast and break things.” What can go wrong?

DENIS RUSSO BURGIERMAN

One day, our descendants – if any – will learn at school what happened in the world in our time. Perhaps this chapter in their history book can begin with a quote by Mark Zuckerberg about his philosophy of life: “Move fast and break things.” It is hard to think of a better phrase to express the spirit of our time.

Zuckerberg has lived precisely in this way. His genius revealed itself in college, which he did not bother finishing, as he was already a billionaire. His company, Facebook, owner of WhatsApp and Instagram, has changed human relations possibly as much as any other major revolution in history. In the process, it certainly destroyed things. Like democracy, which has broken down.

Zuckerberg is not the only one living like that in our time. In fact, it is safe to say that the vast majority of the people who run the world today move fast, keeping an eye on quarterly results or four-yearly election campaigns, and destroying things along the way. The last eight editions of the Ecofalante Film Festival discussed a very long list of things that have broken down over the last century as humanity was speeding up its systems – the most striking feature of the industrial era that is ending as

Zuckerberg tem vivido precisamente desse modo. Sua genialidade se revelou ainda na faculdade, que ele nem terminou, pois já era bilionário. Sua empresa, o Facebook, proprietária também do Whatsapp e do Instagram, mudou as relações humanas talvez tanto quanto qualquer outra grande revolução da história. No caminho, inegavelmente, ela quebrou coisas. Como a democracia, que pifou.

Zuckerberg não é o único a viver dessa forma nos nossos tempos. Na verdade, é seguro dizer que a imensa maioria das pessoas que comandam o mundo hoje se movem rápido, de olho em resultados trimestrais ou campanhas eleitorais quadrimestrais, e quebram coisas no caminho. As oito edições passadas da Mostra Ecofalante discutiram uma longuíssima lista de coisas que se quebraram ao longo do último século, enquanto a humanidade acelerava seus sistemas, característica mais marcante da era industrial, que se encerra enquanto escrevo. Na 9ª edição, a Mostra surpreendeu ao incluir uma seleção de filmes diferentes na sua programação. Há quem pense que não são propriamente “filmes ambientais” – são documentários sobre tecnologia. Os quatro mostram consequências humanas de novas tecnologias, enquanto elas avançam à toda velocidade.

Um deles é **Olá, IA** (Alemanha, 2019), que conta as histórias de pessoas que já vivem na companhia de robôs dotados de inteligência artificial. Outro é **Bebês do Futuro** (Áustria, 2016), que segue homens,

mulheres, cientistas, vendedores e bebês participantes do incrível mercado de úteis e embriões humanos. Há ainda **Jawline: Ascensão e Queda de Austyn Tester** (EUA, 2019), que mostra a vida de adolescentes tentando sobreviver emocionalmente dentro do mercado brutal surgido numa das plataformas de Zuckerberg, o Instagram. E, por fim, **O Futuro do Trabalho e da Morte** (Reino Unido, 2016), uma bela contextualização do pensamento que ajuda a explicar o impulso por trás disso tudo. O filme, dividido em duas partes, trata de duas grandes ilusões humanas: a de que industrializando e automatizando tudo seremos ricos e felizes numa vida tranquila, e a de que seremos capazes de vencer a morte. Enquanto seguimos obcecados por essas duas ilusões, nos sentimos cada vez mais oprimidos pelo trabalho e pela morte.

A verdade é que os quatro são filmes ambientais, sim: todos eles tratam de ecologia. Todos contam histórias sobre como as violentas intervenções que temos feito no ambiente, via tecnologia, geram consequências na vida de uma espécie animal específica: o Homo sapiens. Os quatro nos deixam pensando sobre essas consequências.

Como serão as crianças criadas por robôs? Ou as projetadas a partir dos óvulos e espermatozoides encontrados no mercado? Como será a idade adulta das celebridades de redes sociais e de seus fãs, com os rostos sempre enfiados nas telas de celular? Como será o mundo todo *uberizado*, sem nenhuma preocupação com o amanhã?

I write. The Festival's 9th edition surprised us by including a selection of different films in its program. While they might be regarded as not exactly “environmental films”, they are documentaries about technology. The four of them show the consequences of new technologies on humans as they advance at full speed.

One of them is Hi, AI (Germany, 2019), which tells the stories of people who already live in the company of robots endowed with artificial intelligence. Another is Future Baby (Austria, 2016), which follows men, women, scientists, salespeople, and babies participating in the incredible market of human uteruses and embryos. There is also Jawline (USA, 2019), which shows the lives of teenagers trying to survive emotionally within the brutal market that emerged on one of Zuckerberg's platforms, Instagram. And finally, The Future of Work and Death (UK, 2016), a beautiful contextualization of thought that helps explain the momentum behind it all. The film, divided in two parts, deals with two big human illusions – that by industrializing and automating everything we will be rich and happy enjoying a quiet life, and that we will be able to overcome death. As we continue to obsess over these two illusions, we feel increasingly oppressed by work and death.

The truth is that, yes, the four are environmental films – they all deal with ecology. They all tell stories about how the violent interventions we have made in the environment via



Jawline: Ascensão e Queda de Austyn Tester *Jawline*

technology have consequences on the life of a very specific animal species – Homo sapiens. The four films have us think about the consequences.

What will the children raised by robots be like? Or those created from eggs and sperm found on the market? What will adulthood be like for social media celebrities and their fans, with their faces glued to mobile screens all the time? And what about the fully uberized world with no concern for tomorrow?

None of the answers is simple, but something is clear in all four movies: things will be destroyed – they are already being destroyed. These new technologies are generating opportunities and possibilities, but also a lot of suffering and devastation. And even newer technologies are already on

Nenhuma das respostas é simples, mas algo aparece com clareza nos quatro filmes: coisas irão se quebrar – já estão se quebrando. Essas novas tecnologias estão gerando oportunidades e possibilidades, mas também uma montanha imensa de sofrimento e devastação. E tecnologias ainda mais novas já vão chegando atrás delas, mudando ainda mais radicalmente o ambiente, sem que antes paremos sequer para pensar nas consequências.

Claro que o sentido disso tudo muda em meio a uma pandemia, quando subitamente estamos tendo de parar de nos mover rápido. Os quatro filmes foram gravados antes disso tudo começar, e geram aquela sensação estranha que temos com qualquer cena captada antes de março de

2020. Agora, qualquer imagem banal de gente se abraçando na rua, misturando os hálitos, já gera um turbilhão de emoções. Mas o germe do que estamos vivendo agora pode ser entrevistado nos quatro documentários, ainda que ninguém apareça usando máscara. Afinal, a pandemia também é, evidentemente, sintoma de que algo se quebrou enquanto acelerávamos. Pestes são, por definição, desequilíbrios ambientais. Passamos o último século focados em aumentos de produtividade e em disrupções nos jeitos tradicionais de fazer todas as coisas, ao mesmo tempo em que desvalorizávamos todos os sistemas de cuidado coletivo na nossa sociedade. Pelo jeito, chegamos a um limite.

Agora ficou impossível acelerar – quebramos até o acelerador. Qualquer tentativa de retomar a velocidade de antes tem sido punida inexoravelmente duas semanas depois, com a mortandade causada pelo vírus. A natureza nos colocou de castigo, contemplando tudo o que quebramos. Não acho que velocidade seja naturalmente má. A verdade é que precisamos de velocidade mais do que nunca agora: ao menos na busca para uma cura para a doença que está matando o nosso modelo de sociedade. O que me parece que teremos de mudar é o descuido com as coisas que quebramos no caminho. Se queremos continuar nos movendo rápido, teremos que dedicar ao menos parte da humanidade ao trabalho de consertar o que se quebra e de buscar caminhos menos destrutivos. Só será pos-

the way, changing the environment even more radically, with no stopping to think about the consequences.

Of course, the meaning of all that has changed in the midst of a pandemic, when we suddenly must stop moving fast. The four films were shot before it all started, and they create that strange feeling when we watch scenes shot before March 2020. Now, any trivial image of people hugging each other in the street, mixing their breath, will generate a whirl of emotions. But the germ of what we are living now can be seen in all four documentaries, although no one is shown wearing a mask. After all, the pandemic is also a symptom that something was destroyed while we were accelerating. Pests are, by definition, environmental imbalances. We have spent the last century focusing on productivity increase and disruptions in the traditional ways of doing things, while devaluing all collective care systems in our society. Apparently, we have reached a limit.

Now it has become impossible to accelerate – we have broken down even the accelerator. Any attempt to resume the previous speed has been inexorably punished with a death caused by the virus two weeks later. Nature has grounded us, contemplating everything we have destroyed. I do not think speed is, in and on itself, bad. The truth is that now more than ever we need speed: at least in the search for a cure for a disease that is killing our model of society.

What I think we will have to change is how careless we are about

the things we break down on the way. If we wish to continue moving fast, we will have to devote at least part of humanity to the work of fixing what is broken and looking for less destructive paths. It will only be possible to live in an innovative and technological society if we have strong systems of protection and care. Without them, this state of permanent disruption will end up killing us and the planet.

I do not know if these systems will be created and maintained by the State – a solution that suddenly became popular as we realized that a society without public health has no resilience at all. I tend to believe that many systems will emerge differently, from bottom up, from the bonds created within communities. Community is an old human technology, slowing us down as it imposes values that slow down change. On the other hand, it offers us a safety network. If we had strong communities, we would have fewer needs and illusions, like those painfully portrayed in the four films.

The fact is that we cannot envision a very promising future for humanity if it remains entirely in the hands of individuals moving fast and not looking back to check if something has been broken. The problem of all the technologies portrayed in the four films is not technology itself, but rather our unpreparedness to deal with their unexpected consequences. We are unprotected against what can go wrong, and at the speed we are moving, it is almost inevitable

sível viver em uma sociedade inovadora e tecnológica se tivermos sistemas fortes de proteção e cuidado. Sem eles, esse estado de disrupção permanente vai acabar nos matando – e matando o planeta.

Não sei se esses sistemas serão criados e mantidos pelo Estado – uma solução que subitamente voltou à moda quando percebemos que uma sociedade sem saúde pública não tem resiliência nenhuma. Tendo a acreditar que muitos deles surgirão diferentes, de baixo para cima, a partir dos laços das comunidades. Comunidade é uma velha tecnologia humana: uma que reduz nossa velocidade, porque impõe valores que desaceleram a mudança. Mas, em compensação, ela nos oferece uma rede de proteção. Se tivéssemos comunidades fortes, teríamos menos carências e ilusões, como aquelas dolorosamente retratadas nos quatro filmes.

O fato é que não dá para imaginar um futuro muito promissor para a humanidade se ela continuar inteiramente nas mãos de indivíduos, cada um deles se movendo rápido e sem olhar para trás, para checar se quebrou alguma coisa. O problema de todas as tecnologias retratadas nos quatro filmes não está nelas: está no nosso despreparo para lidar com as suas consequências inesperadas. Estamos desprotegidos contra o que pode dar errado – e, na velocidade em que estamos, é quase inevitável que algo dê errado.

Inteligência artificial e robótica não são tecnologias más – tampouco são uma

solução mágica para a dissolução de laços comunitários, a epidemia de solidão e a crise mundial de cuidado. As novas tecnologias reprodutivas tampouco são más – mas não têm como dar certo se forem dominadas por clínicas que manipulam carências humanas para fazer dinheiro rápido. Nada contra a conectividade à distância das redes sociais – mas não dá para abandonar crianças e adolescentes num experimento social desse tamanho, sem proteção social alguma. Faz todo o sentido continuar procurando formas melhores de trabalhar e de adiar a inevitável morte. Mas não faz sentido algum colocar uma grande proporção dos recursos da humanidade a serviço de estender a vida dos bilionários alguns anos mais, enquanto tudo ao redor do sistema vai se quebrando. Enquanto a humanidade toda adoce de uma virose generalizada.

Quando nossos descendentes estudarem o período histórico que estamos vivendo hoje, espero que o capítulo que talvez se abra com a frase de Zuckerberg feche-se em 2020. E que algo diferente – e menos destrutivo – comece em seguida.

DENIS R. BURGIERMAN é jornalista e escreveu livros como *O Fim da Guerra*, sobre políticas de drogas, e *Piratas no Fim do Mundo*, sobre a caça às baleias na Antártica. É roteirista do “Greg News”, foi diretor de redação de revistas como “Superinteressante” e “Vida Simples”, e comandou a curadoria do TEDx Amazônia, em 2010.

that something will go wrong.

Artificial intelligence and robotics are not evil technologies – nor are they a magic solution to the dissolution of community ties, the epidemic of loneliness, and the global crisis of care. New reproductive technologies are not evil either – but they cannot work if they are dominated by clinics that manipulate human needs in order to make quick money. Nothing against remote connectivity of social networks – but children and adolescents cannot be abandoned and left without social protection in a social experiment of this scale. It is only sensible to keep looking for improved ways of working and of postponing death. But it does not make any sense to use a high proportion of humanity’s resources to extend the lives of billionaires just a few years while everything surrounding the system is collapsing, while humanity is becoming sick with a contagious disease.

When our descendants study the historical period we are living today, I do hope that the chapter that might open with Zuckerberg’s phrase will close in 2020. And that something different – and less destructive – begins next.

DENIS BURGIERMAN is a journalist and has written books such as *O Fim da Guerra*, on drug policy, and *Piratas no Fim do Mundo*, on whale hunting in Antarctica. He is a screenwriter for “Greg News”, was editor of magazines such as *Superinteressante* and *Vida Simples*, and TEDxAmazônia’s Head Curator in 2010.



Bebês do Futuro

Future Baby

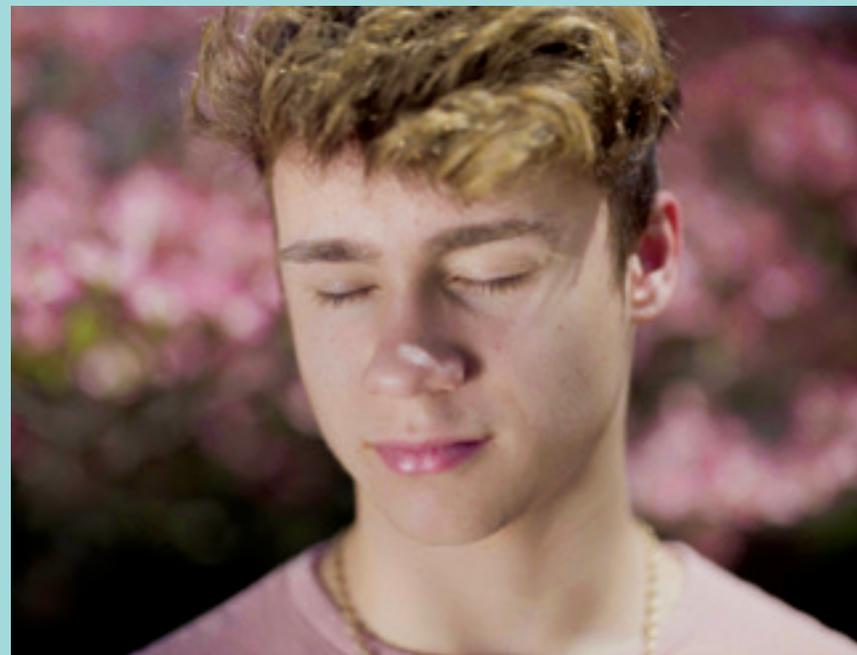
ÁUSTRIA, 2016, 91'

O que começou como uma tentativa de ajudar casais inférteis a terem filhos é hoje um lucrativo negócio de 'bebês industrializados'. As esperanças e desejos de futuros pais se misturam com pesquisas e uma tecnologia que aperfeiçoa embriões ao selecionar os genes mais desejáveis a dedo. O filme nos leva a pacientes, pesquisadores, doadores de óvulos, mães de aluguel, clínicas e laboratórios, e nos faz perguntar: quanto longe queremos ir?

What originally began as an attempt to help infertile couples to have a child has now become a lucrative business of factory-made designer babies. The hopes and wishes of future parents mesh with research on how to "upgrade" embryos by selecting the most desirable genes. The film takes us to patients, researchers, egg donors, surrogate mothers, laboratories and clinics and makes us ask ourselves: how far do we want to go?



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Maria Arlamovsky
 PRODUÇÃO **PRODUCER**
Michael Kitzberger, Wolfgang
Widerhofer, Nikolaus
Geyrhalter & Markus Glaser
 ROTEIRO **SCRIPT**
Maria Arlamovsky
 FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Sebastian Arlamovsky
 EDIÇÃO **EDITOR**
Natalie Schwager
 CONTATO **CONTACT**
info@geyrhalterfilm.com



Jawline: Ascensão e Queda de Austyn Tester

Jawline

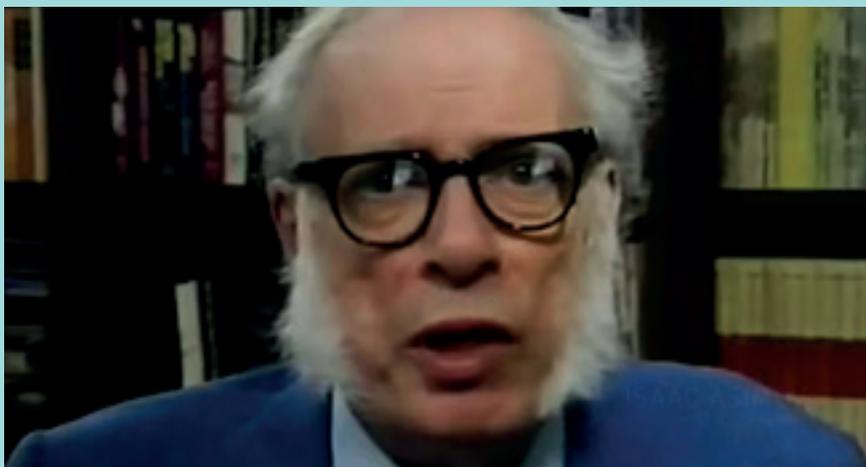
EUA, 2019, 93'

O documentário segue a ascensão de Austyn Tester, um adolescente de 16 anos de uma pequena cidade rural de Tennessee, EUA, nas redes sociais. Suas lives cheias de um otimismo ingênuo são seguidas por mais de 20 mil garotas ensandecidas. A diretora premiada Liza Mandelup, que começou a carreira na fotografia e como caçadora de talentos, faz um retrato complexo do universo impiedoso e explorador das mídias sociais, expondo os bastidores dessa tecnologia ainda relativamente nova.

Jawline follows the rise of social influencer Austyn Tester, a doe-eyed 16-year-old from a rural small-town in Tennessee. His naive upbeat live-streams are followed by over 20 thousand adoring teenage girls. Award-winning filmmaker Liza Mandelup, whose career began in photography and as a casting scout, draws a nuanced portrait of the ruthless and exploitative universe of social media, laying bare the sidelines of this relatively new technology.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Liza Mandelup
 PRODUÇÃO **PRODUCER**
Bert Hamelinck, Sacha
Ben Harroche, Hannah
Reyer, Lauren Cioffi
 FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Noah Collier
 EDIÇÃO **EDITOR**
Alex O'Flinn
 CONTATO **CONTACT**
stephanie@autlookfilms.com



O Futuro do Trabalho e da Morte

The Future of Work and Death

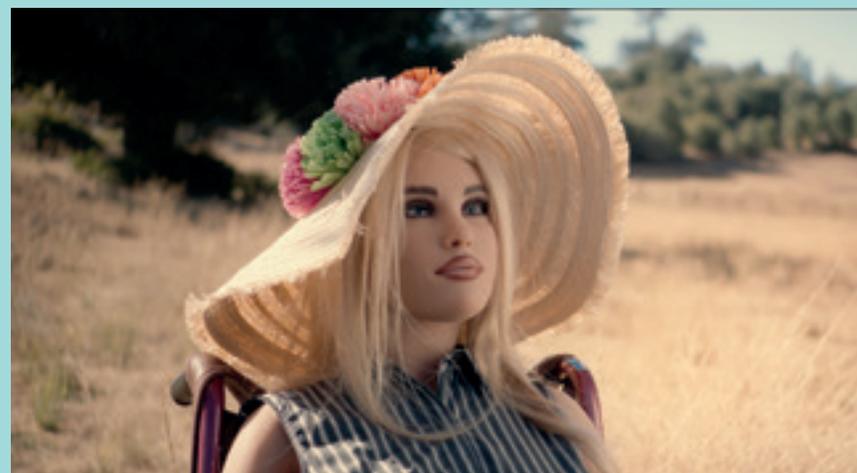
REINO UNIDO, 2016, 98'

O documentário explora os impactos que a tecnologia do futuro pode vir a ter sobre duas características intrínsecas à experiência humana: o trabalho e a morte. Com a automação avançada e a inteligência artificial, a utopia do fim do trabalho humano ou a distopia do desemprego generalizado podem não ser mais coisa de ficção científica. Cientistas, engenheiros e acadêmicos compartilham suas ideias sobre o futuro.

The documentary focuses on how future technology could significantly change the two inevitable features of the human experience: punching the clock and fading away. With advanced automation and artificial intelligence, the utopia of the end of human labor or the dystopia of widespread unemployment could not be a thing of science fiction. Scientists, engineers and academics all come together to share their thoughts on the future.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Sean Blacknell & Wayne Walsh
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Sean Blacknell & Wayne Walsh
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Sean Blacknell & Wayne Walsh
EDIÇÃO **EDITOR**
Wayne Walsh
CONTATO **CONTACT**
info@thefutureofworkanddeath.com



Olá, IA

Hi, AI

ALEMANHA, 2019, 85'/88'

Mistura ao mesmo tempo reveladora e lacônica de ficção científica e documentário, *Olá, IA* explora o universo eticamente complexo da inteligência artificial. Alternando entre um cientista americano solitário e uma família japonesa em busca de um companheiro para a avó, este drama futurista cheio de humor retrata pessoas em busca de uma conexão humana com os robôs que entraram em suas vidas.

Insightful and laconic melding of sci-fi and documentary, Hi, AI explores the ethically complex universe of artificial intelligence. Moving between a lonely American scientist and an estranged Japanese family, this often funny futuristic drama portrays people seeking human connection with the robots that have entered their lives.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Isa Willinger
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Stefan Kloos
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Julian Krubasik
EDIÇÃO **EDITOR**
Stephan Krumbiegel & Olaf Voigtländer
CONTATO **CONTACT**
info@riseandshine-berlin.de

trabalho *work*

A Degradação e a Resistência do Trabalho em Suas Múltiplas Dimensões

RICARDO FESTI

A crise sanitária causada pela pandemia da Covid-19 é global e totalitária. Ela atingiu todos os países e camadas da vida social, convertendo-se, em muitas regiões, em crises econômicas, sociais e políticas. Dentre as esferas que mais têm sido atingidas – e gerado incertezas sobre o nosso futuro –, está a do mundo laboral.

Sendo o trabalho um elemento constitutivo do ser social e, portanto, estruturador da sociedade, a sua radical transformação poderá ter consequências incalculáveis. Fala-se de uma inflexão histórica e do surgimento de um

The Degradation and Resistance of Work in Its Multiple Dimensions

RICARDO FESTI

The health crisis caused by the Covid-19 pandemic is global and totalitarian. It has affected all countries and layers of social life, becoming, in many regions, an economic, social and political crisis. Among the spheres that have been most affected by it – and that have generated uncertainty about our future – is the world of labor. Since work is a constituent part of the social being and, therefore, a structuring element of society, its radical transformation may have incalculable consequences. It is said that the post-Pandemic will see a historical inflection and the emergence of a “new normal”. However, everything indicates that the tendency towards greater precariousness of work will intensify, turning into rules some exceptions in these viral times.

Before the pandemic, it was believed we were in the midst of a fourth technological revolution. Regarded as disruptive, new information and communication technologies, as well as new automated machines, would be incorporated into the world of labor and into our daily lives. A brave new ultramodern world of self ruled machines that communicate with themselves was contemplated by various sectors of society. However, at the beginning

“novo normal” no pós-pandemia. No entanto, tudo indica que se intensificarão as tendências de maior precarização do trabalho, transformando algumas exceções dos tempos viróticos em regras.

Antes da pandemia, afirmava-se que estávamos em pleno processo de uma quarta revolução tecnológica. Disruptivas, as novas tecnologias de informação e comunicação, assim como as novas máquinas automatizadas, passariam a ser incorporadas no mundo do trabalho e no cotidiano de nossas vidas. Um admirável mundo novo, ultramoderno, de máquinas que se autogovernam e se autocomunicam, era contemplado por vários setores da sociedade. No entanto, o planeta se viu obrigado, no início deste ano, a paralisar suas cadeias globais de produção, fechar suas fronteiras e submeter parcelas significativas da população ao isolamento social. Com isso, viu-se que o projetado era uma ilusão, trazendo à tona suas contradições.

Um impacto visível na vida das pessoas, ainda durante a pandemia, foi o salto qualitativo na necessidade de medirmos as nossas relações sociais com os recursos virtuais. Exemplo disso é a excepcionalidade desta edição da **Mostra Ecofalante**, que acontecerá por via remota, com o auxílio de uma plataforma digital. No caso da seção sobre o mundo do trabalho, ela conta com quatro espetaculares filmes que abordam diferentes realidades e perspectivas sobre as condições de trabalho e sua exploração por parte do capital, assim como suas múltiplas formas de resistências.

Nas últimas décadas, o capitalismo em sua fase neoliberal globalizou sua produção, deslocando-a dos países ricos para os periféricos, em particular os asiáticos. Aqui, encontrou-se uma força de trabalho muito mais barata e disposta a altas jornadas de trabalho. Consequentemente, baratearam-se os produtos e acelerou-se o processo de desindustrialização dos países centrais. Essa é a realidade retratada em **Botando pra Quebrar**, filme de Lech Kowalski, no qual os operários da fábrica de autopeças GM&S, localizada em La Souterraine, no interior da França, viram-se obrigados a ocupá-la diante da possibilidade de seu fechamento e da perda de seus postos de trabalho, ameaçando explodi-la caso suas demandas não fossem atendidas.

Indústria Russa, documentário de Petr Horký, explora os conflitos e resistências ocorridos no interior da lendária fábrica de automóveis AvtoVAZ quando da chegada de um novo CEO, o sueco Bo Inge Andersson. Este promete tirá-la de sua aguda crise econômica e reestruturá-la sob a lógica do capitalismo. Famosa nos tempos soviéticos, com a fabricação do automóvel Lada, a fábrica está localizada na cidade de Tolyatti, à margem do rio Volga, e ainda hoje é uma das maiores empresas estatais da Rússia. O filme nos lembra o vencedor do Oscar **Indústria Americana** (2019) [*American Factory*], de Reichert e Bogner. Em ambos, os cinegrafistas puderam registrar várias das reuniões dos executivos e acompanhar as tentativas de implementação de uma nova

of this year, the planet was forced to paralyze its global production chains, close its borders and subject significant parts of the population to social isolation. It then became clear that the project was an illusion, as its contradictions were brought to light.

A visible impact on people’s lives, even during the pandemic, was the qualitative leap in the need to mediate our social relations with virtual resources. An example of that is the exceptionality of this edition of the Ecofalante Film Festival, which will take place remotely, with the help of a digital platform. Concerning the section on the world of labor, it features four spectacular films that approach different realities and perspectives on the working conditions and their exploitation by capital, as well as their multiple forms of resistance.

*In recent decades, capitalism in its neoliberal phase has globalized its production, displacing it from rich countries to the periphery countries, particularly the Asian ones. Here, a much cheaper labor force was found, willing to work long working hours. As a result, products were cheapened and the process of deindustrialization of the central countries accelerated. This is the reality portrayed in **Blow It to Bits**, a film by Lech Kowalski, in which the workers of the GM&S auto parts factory, located in La Souterraine, in a farming area of France, were forced to occupy it, faced with the possibility of its closure and the loss*

of their jobs, threatening to blow it up if their demands were not met.

The Russian Job, a documentary by Petr Horký, explores the conflicts and resistance that occurred inside the legendary AvtoVAZ automobile factory when a new CEO, Swedish Bo Inge Andersson, arrived. He promises to ease its acute economic crisis and restructure the company under the logic of capitalism. Famous in Soviet times for manufacturing the Lada automobile, the factory is located in the city of Tolyatti, on the banks of the Volga River, and is still one of Russia's largest state-owned companies today. The film reminds us of the Oscar winner American Factory (2019), by Reichert and Bogner. In both films, the filmmakers were able to record several meetings with the executives and follow their attempts to implement a new management culture in the companies. In Andersson's view, the Russian plant was permeated by gross inefficiencies, redundant jobs, mismanagement, and lack of management initiatives. However, his reform proposal, which included layoffs and the interruption of the purchase of parts produced in the region, did not take into account the fact that the factory is the city's economic and social driving force and, as a result, resistance to his project was unanimous. As one of the company's electrical engineers said, "a human dies when his heart stops beating. When a factory dies, our city dies with it!"

cultura de gestão nas empresas. Na ótica de Andersson, a fábrica russa estava permeada por grosseiras ineficiências, empregos redundantes, vícios de gestão e falta de iniciativas na gerência. No entanto, sua proposta de reforma, que incluía demissões e a interrupção da compra de peças produzidas na região, não levou em consideração o fato de que a fábrica é a força motriz econômica e social da cidade e, por conta disso, a resistência ao seu projeto foi unânime. Como disse um engenheiro elétrico da empresa, “um humano morre quando seu coração para de bater. Quando uma fábrica morre, nossa cidade morre com ela!”.

O filme de Horký ilustra bem a Rússia dos tempos de Putin e a nostalgia dos tempos soviéticos entre sua população. Por isso, o diretor retrata muito bem o contraditório desejo dos operários de tornar a AvtoVAZ uma fábrica competitiva globalmente, sem, contudo, abandonar seus tradicionais hábitos e costumes locais. Como ressalta Svetlana Alexievitch, em seu clássico O Fim do Homem Soviético, “só um soviético pode compreender um soviético. Nós somos todos uma só e mesma memória comunista. Nós somos vizinhos de memória” (p. 19). Andersson não compreendeu isso e sucumbiu no posto.

Dispostos a defender os seus empregos a todo custo – e, conseqüentemente, um certo modo de vida ameaçado de desaparecer –, os trabalhadores da França e da Rússia, retratados nos documentários, subordinaram-se por diferentes vias. No he-

xágono, os trabalhadores e trabalhadoras reafirmaram a tradição operária de maio-junho de 1968, quando milhares de fábricas foram ocupadas em todo o território francês. O filme de Kowalski, na perspectiva em que dá voz ao coletivo de trabalhadores e não a uma única “liderança”, lembra-nos os trabalhos do grupo Medvedkine, composto por Chris Marker e Jean-Luc Godard.

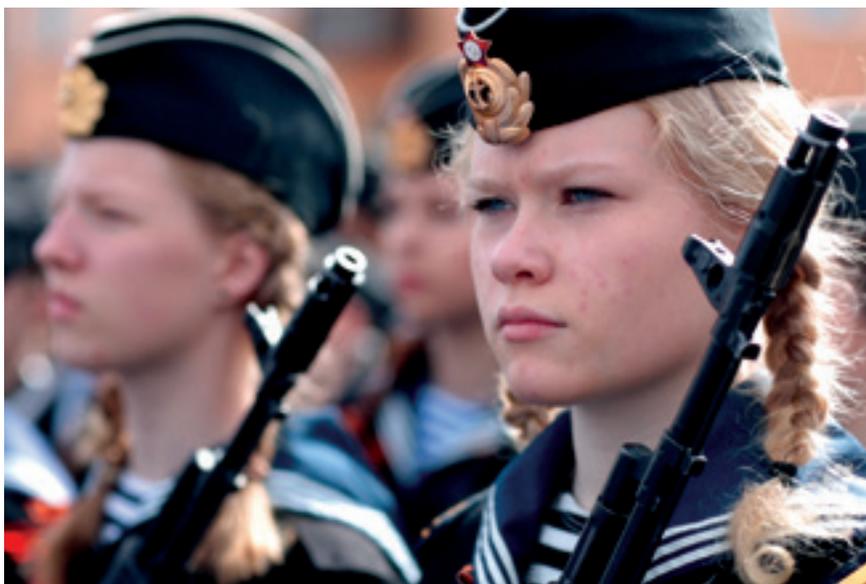
Assim, a ação radical de ocupar a fábrica e ameaçar sua explosão fez com que a GM&S se tornasse um problema nacional, obrigando até mesmo o Presidente da República a se pronunciar sobre o assunto. No entanto, diferente do contexto dos “Trinta Gloriosos” – como ficou conhecido o excepcional período de crescimento econômico da Europa ao longo do pós-II Guerra Mundial – de 1968, *Botando pra Quebrar* nos remete mais à situação da Argentina de 2001, quando o país foi brutalmente atingido pela crise do neoliberalismo, o que fez com que centenas de fábricas falissem e milhares de trabalhadores decidissem ocupá-las e colocá-las sob o seu controle.

Enquanto a economia concreta parece estar ruindo rumo a uma nova grande crise econômica, assistimos ao florescimento do capitalismo de plataforma e da economia digital. A revolução nesse setor acabou por borrar as barreiras tradicionais das fronteiras que antes separavam o trabalho intelectual do manual, o produtivo do improdutivo, a indústria do serviço, a esfera do trabalho da esfera do lazer ou do domicílio e, por fim, o trabalho pago do não pago. É

Horký's film illustrates very well Russia of Putin and the nostalgia of the Soviet times among its population. For this reason, the director portrays so well the contradictory desire of workers to turn AvtoVAZ into a globally competitive factory, without, however, abandoning their traditional local habits and customs. As Svetlana Alexievitch points out in her classic The Last of the Soviets, "only a Soviet can understand another Soviet. We are all one and the same communist memory. We are neighbors in memory". Andersson failed to understand this and ended up succumbing to the post.

Willing to defend their jobs at all costs – and, consequently, a way of life threatened to disappear – the workers of France and Russia portrayed in the documentaries became insubordinate through different ways. In the hexagon, workers reaffirmed the workers' tradition of May-June 1968, when thousands of factories were occupied throughout the French territory. Kowalski's film, viewed from the perspective that it gives voice to the workers collective group and not to a single "leadership", reminds us of the work of the Medvedkine group, composed by Chris Marker and Jean-Luc Godard.

Thus, the radical action of occupying the plant and threatening its explosion made GM&S a national problem, forcing even the President of the Republic to speak out on the matter. However, different from the context of the "Glorious Thirty" – as the exceptional period of economic



Indústria Russa *The Russian Job*

growth in Europe throughout post-World War II was known – of 1968, Blow It to Bits refers us further to the situation in Argentina in 2001, when the country was brutally hit by the crisis of neoliberalism, which caused hundreds of factories to go bankrupt and thousands of workers to decide to occupy them and place them under their control.

While the established economy seems to be dismantling and moving towards a new great economic crisis, we are witnessing the platform capitalism and the digital economy thrive. The revolution in this sector has blurred the traditional barriers of the frontiers that would previously separate intellectual labor from manual labor, productive from unproductive, manufacturing from

esse último aspecto que a diretora Cosima Dannoritzer aborda em **Ladrões do Tempo**. Segundo o argumento central do filme, nos últimos anos passamos a ser cada vez mais trabalhadores de empresas de que antes éramos apenas clientes, sem que ganhamos nada pelas atividades exercidas. Se nos anos 1990 as jornadas de trabalho aumentaram por meio da flexibilização das legislações trabalhistas e da legalização das horas extras, agora, com o auxílio das novas tecnologias informacionais-digitais, o trabalho não pago estendeu-se para o nosso tempo livre. Assim, passamos de trabalhadores precários a consumidores precários.

Ladrões do Tempo problematiza uma série de atividades que os manuais empresariais chamam, desde os anos 1950, de

“trabalho parcial” realizado pelo consumidor. Trata-se de uma estratégia do capital para diminuir os custos e aumentar os lucros. “Ao golpe de um like, não deixamos de fornecer os nossos dados, que se converteram em um negócio”, ressalta o documentário num dado momento. No mundo da mercadorização total, nunca a consigna liberal “tempo é dinheiro” fez tanto sentido. Mas o dinheiro é produzido para aqueles que nos expropriam o tempo e, com isso, perdemos o controle sobre ele.

Por fim, **Ouro da Morte** nos faz retornar para a ponta da cadeia produtiva, no caso, a extração de ouro na África Austral. O filme, produzido ao longo de três anos por Richard Pakleppa e Catherine Meyburgh, é baseado em uma sistemática pesquisa de arquivos e coleta de depoimentos na África do Sul, Moçambique, Lesoto e Suazilândia. Seu conteúdo denuncia como o racismo e o colonialismo, duas formas estruturantes da modernidade capitalista, construíram e enriqueceram uma sociedade pautada na supremacia branca, sob o regime da repugnante exploração de mais de 5 milhões de corpos negros ao longo de 120 anos da África do Sul. No documentário, uma voz em off lê as transcrições dos arquivos da Câmara de Minas, uma entidade empresarial criada no final do século XIX para fortalecer a competição de suas associadas no mercado mundial. Na ata da reunião de 1894, ficam explícitos dois objetivos fundamentais da instituição: a manutenção do suprimento e a redução dos salários.

services, the sphere of labor from the sphere of leisure or home, and finally paid labor from unpaid labor. It is the latter aspect that director Cosima Dannoritzer addresses in Time Thieves. According to the film’s central argument, in recent years we have gradually become workers of the companies we used to be just customers of, without earning anything for the activities we perform. If in the 1990s, the working hours increased through flexibilization of labor laws and the legalization of overtime practices, now, with the help of new information-digital technologies, unpaid work has extended into our free time. Thus, we have gone from precarious workers to precarious consumers.

Time Thieves has problematized a series of activities that since the 1950s business manuals have called “partial work” performed by consumers. It is a business capital strategy to lower costs and increase profits. “By clicking the “like” button, we are providing our data, which has become a business”, the documentary emphasizes at a given moment. In the world of total merchandising, never has the liberal slogan “time is money” made so much sense. But money is produced for those who are stealing time from us, and we are losing control over it.

Finally, Dying for Gold takes us back to the end of the productive chain, which in this case is the extraction of gold in Southern Africa. The film, produced over a three year period by Richard Pakleppa

and Catherine Meyburgh, is based on systematic archival research and statement-taking in South Africa, Mozambique, Lesotho and Swaziland. Its content denounces how racism and colonialism, two structural forms of capitalist modernity, have built and enriched a society based on white supremacy under the repugnant regime that exploited more than 5 million black bodies over 120 years in South Africa. In the documentary, an off-screen voice reads the transcripts of the archives of the Chamber of Mines, a business entity created at the end of the 19th century to strengthen the competition of its members in the world market. In the minutes of the 1894 meeting, two fundamental objectives of the institution are explicit: maintaining supply and reducing salaries.

Capital, in its various contexts, must create and recreate the conditions for the social reproduction of the workforce. In rich countries, a solid protective legislation is a social conquest. As a result, workers are granted some concessions that provide them with a better quality of life. In periphery countries, especially those marked by a racist and colonial history, (black) lives do not matter! When a worker gets sick from working in the mines, and is forced to return to his community, others come to replace him. But for this endless cycle to occur, the State acts litigiously by creating laws – such as land taxes – that make life difficult for individuals, forcing them to supply their healthy children to work

O capital, em seus diversos contextos, precisa criar e recriar as condições para a reprodução social da força de trabalho. Em países ricos, com legislações protetivas consolidadas e arrancadas por lutas sociais, algumas concessões são fornecidas para uma melhor qualidade de vida dos trabalhadores. Já em países periféricos, principalmente aqueles marcados por uma história racista e colonial, as vidas (negras) não importam! Quando um trabalhador adoece por conta do trabalho nas minas, sendo obrigado a voltar para a sua comunidade, outros vêm para substituí-lo. Mas, para que esse ciclo interminável ocorra, o Estado atua litigiosamente criando leis – como os impostos sobre a terra – que dificultam a vida dos indivíduos e os obrigam a fornecer seus filhos saudáveis para trabalhar em outra localidade – no caso, retratado no filme, nas minas de ouro. Sela-se, assim, sob o comando de alguns homens brancos, o destino de milhares de seres humanos.

Os filmes escolhidos para esta seção da **Mostra Ecofalante** demonstram, por diferentes perspectivas, o papel central do trabalho na constituição da vida social. Ele é definidor na formação de subjetividades, na organização de economias locais e nacionais e na constituição das culturas. A depender de como é organizado, pode ser tanto um fator de coesão, como se evidencia nos filmes russo e francês, como de desagregação social, como fica explícito em **Ouro da Morte**. Nos primeiros casos, o fechamento ou a reestruturação de uma

fábrica ameaçou a vida local e impulsionou seus operários e operárias a lutarem para manter um certo modo de vida. Já no caso africano, o trabalho nas minas de ouro é a ilustração cabal da degradação total do ser humano, semelhante à escravidão. Aqui, os corpos negros são reificados para alimentar a luxúria de alguns poucos brancos.

O título original do documentário francês é *On va tout pêter*, que pode ser traduzido como “vamos explodir tudo”. Trata-se da frase pichada no tanque de gás líquido, logo na entrada do prédio ocupado pelos trabalhadores, envolto por um dispositivo explosivo. No entanto, além de sua mensagem direta, a frase tem um outro sentido metafórico. Nas manifestações operárias francesas, recorrentemente se canta “*Ça va pêter!*” (Isso vai explodir!), em referência à disposição de luta quando parece não haver mais nada a perder diante da falta de perspectivas no atual sistema econômico e político, como pudemos ver recentemente com os Coletes Amarelos.

O mundo pós-pandemia tende a aumentar a exploração do trabalho, a desigualdade social e econômica e as formas mais precárias de trabalho. Num processo de desagregação da integração social, a sociedade capitalista tem intensificado as formas arcaicas de dominação, como o patriarcado e o racismo. Nesse cenário, há indicações de que muitas fábricas falirão e postos de trabalho serão fechados ou substituídos por máquinas automatizadas. Enquanto isso, o 1% segue aumentando as

elsewhere – in this case, portrayed in the film, in the gold mines. Thus, under the command of some white men, the fate of thousands of human beings is sealed.

The films chosen for this section of the *Ecofalante Film Festival* show, from different perspectives, how pivotal the role of work is in the very fabric of social life. It is a defining element in the formation of subjectivities, in the organization of local and national economies, as well as in the creation of cultures. Depending on how it is organized, it can be both a factor of cohesion, as it is evidenced in the Russian and French films, and of social disintegration, as it becomes explicit in *Dying for Gold*. In the first cases, the closing down or the restructuring of a factory saw local life threatened, encouraging its workers to fight in order to maintain their way of life. In the African case, the work in the gold mines is the full illustration of the total degradation of the human being, similar to slavery. Here, black bodies are reified to feed the lust of a few white people.

The original title of the French documentary is *On Va Tout Pêter*, which may be translated as “let’s blow it all up”. It is the phrase in graffiti on the liquid gas tank, placed right at the entrance of the building occupied by the workers, wrapped in an explosive device. However, besides its objective and direct message, the phrase has another metaphorical meaning. During the French workers’ demonstrations,

“Ça va pêter!” (*This is going to explode!*) is repeatedly chanted!, in reference to the willingness to fight when there seems to be nothing left to lose in the face of the lack of prospects in the current economic and political system, as we have recently seen with the Yellow Vests.

The post-Pandemic world tends to increase labor exploitation, social and economic inequality, and the most precarious forms of labor. In a process of disaggregation of social integration, capitalist society has intensified archaic forms of domination, such as patriarchy and racism. In this scenario, there are indications that many factories will go bankrupt and jobs will be extinguished or replaced by automated machines. Meanwhile, the 1% continues seeing its wealth increase at the expense of the vast majority of the population. It remains to be seen what will become of our society when all that is solid disintegrates in the air.

RICARDO FESTI is assistant Professor of Sociology at the University of Brasília. He defended his thesis “O Mundo do Trabalho e os Dilemas da Modernização: percursos cruzados da sociologia francesa e brasileira (1950-1960)” at UNICAMP in 2018. He did his research internship at the École des Hautes Études en Sciences Sociales, in Paris, in 2015-2016. He published articles in scientific journals, and organized dossiers on the works of Michael Löwy and Alain Touraine. He does research in the field of sociology of work.

suas riquezas às custas da grande maioria da população. Resta-nos saber para onde irá a sociedade quanto tudo o que é sólido se desmanchar no ar.

RICARDO FESTI é Professor Adjunto de Sociologia na Universidade de Brasília. É autor da tese “O Mundo do Trabalho e os Dilemas da Modernização: percursos cruzados da sociologia francesa e brasileira (1950-1960)”, defendida em 2018 pela UNICAMP. Fez estágio de pesquisa na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, em 2015-2016. Publicou artigos em revistas científicas e organizou dossiês sobre a obra de Michael Löwy e Alain Touraine. Tem pesquisado no campo da sociologia do trabalho.



Botando pra Quebrar

Blow It to Bits

FRANÇA, 2019, 109'

“Uma mistura de rock’n’roll e blues é o segredo para uma rebelião bem-sucedida”, diz o cineasta. Quando Lech Kowalski, conhecido por seus filmes sobre a era punk, levou sua câmera para a pequena cidade de La Souterraine, no interior da França, onde a fábrica GM&S ameaçava encerrar suas atividades para sempre, sentiu que algo de extraordinário estava por acontecer. E aconteceu. “A letra foi escrita por trabalhadores que não aguentavam mais! A melodia foi composta por pessoas sem medo de ir até contra as próprias regras da revolta! O volume era alto o bastante para atrair a mídia. O seu show operário se propagou por toda a França como um incêndio. Fiquei fora do quadro, câmera na mão, filmando como se pescasse peixes num barril”.

A mix of Rock and Roll and Blues is the secret for a successful rebellion. When I took my camera to the middle of France where the GM&S factory was threatened by a permanent shut down, I felt like something extraordinary was about to take place. And it did. The lyrics were written by workers who have had enough! The tune was composed by people not afraid to go against even the rules of revolt! The volume was loud enough to attract the media. Their working-class concert spread across France like wildfire. I sat out of sight, camera in hand, filming like catching fish in a barrel.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Lech Kowalski
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Peter Raymond
ROTEIRO **SCRIPT**
Lech Kowalski
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Lech Kowalski
EDIÇÃO **EDITOR**
Lech Kowalski, Odile Allard
CONTATO **CONTACT**
odileallard@me.com



Indústria Russa

The Russian Job

REPÚBLICA TCHECA, 2017, 64'

A AvtoVAZ Car, antiga fábrica da Lada, não é só uma das maiores fábricas de automóveis do mundo; construída nos anos 1970 na cidade russa de Tolyatti, às margens do rio Volga, chegou a representar o milagre da prosperidade soviética. Quase cinco décadas mais tarde, a fábrica perde bilhões de rublos todos os anos enquanto a produção vai decaindo. Quando Bo Andersson, gerente sueco especializado em salvar companhias em dificuldades, é contratado, se depara com obstáculos muito maiores do que a simples má gestão.

AvtoVAZ Car, the former Lada factory and one of the world's largest automobile manufacturers, built in the Russian city of Tolyatti by the Volga River in the 1970s, was meant to show the Western world the miracle of Soviet prosperity. Close to five decades later, the plant has been losing billions of rubles every year as it slowly decays. When Bo Andersson, Swedish Manager specialized in saving ailing companies, is called in for this "Russian Job", he is faced with obstacles much larger than mere bad management.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Petr Horký
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Martin J za
ROTEIRO **SCRIPT**
Petr Horký, Milan Bureš, Jan Hála
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Milan Bureš
EDIÇÃO **SCRIPT**
Filip Veselý
CONTATO **CONTACT**
info@riseandshine-berlin.de



Ladrões do Tempo

Time Thieves

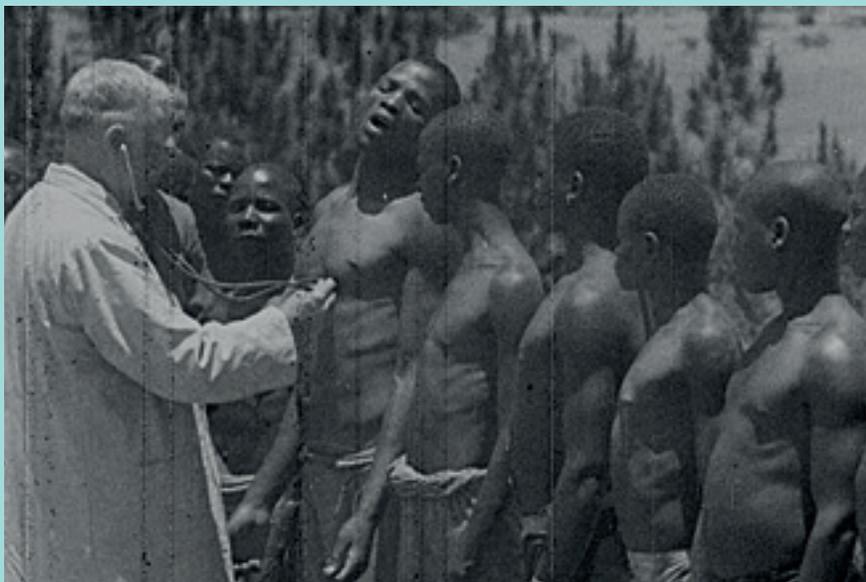
ESPANHA/FRANÇA, 2018, 52'

Deixe a água, o petróleo e os metais raros de lado por um momento. Há um novo recurso cobiçado por todos: o (nosso) tempo. De nos deixar imprimir o próprio cartão de embarque e despachar a bagagem até lucrar com nossas visualizações de páginas e cliques, este filme revela como companhias e redes sociais monetizam o nosso tempo sem o nosso conhecimento, fazendo dele o seu modelo de negócio, destruindo milhões de empregos e controlando nosso comportamento.

Forget water, oil and rare minerals—there is a new resource everyone wants: (our) time. From letting us print our own boarding passes and check our own luggage to generating income with our page views and mouse clicks, this film reveals how companies and social networks monetize our time without our knowledge, making it their business model, destroying millions of jobs and controlling our very behavior.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Cosima Dannoritzer
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Carles Bruguera, Christian Popp, Marieke van den Bersselaar
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Nina Bernfeld
EDIÇÃO **EDITOR**
Guillermo Cobo, Georgia Wyss
CONTATO **CONTACT**
chloe@polarstarfilms.com



Ouro da Morte

Dying for Gold

ÁFRICA DO SUL, 2019, 98'

Quando o governo colonial descobriu ouro na África do Sul, coagiu centenas de milhares de nativos a trabalharem nas minas. Parte de um projeto de remoção dos povos autóctones de suas terras, a entrada quase forçada na mineração significou, para a maioria dos operários, o contato com condições subumanas de trabalho e a exposição ao pó de sílica, o que levou a uma das maiores epidemias de silicose e tuberculose no mundo. Depoimentos devastadores de mineiros e suas famílias são intercalados com materiais de arquivo chocantes que expõem mais de cento e vinte anos dessa história de opressão.

When colonial governments discovered gold in South Africa, they coerced hundreds of thousands of Indigenous men to meet their demands for cheap mining labor. Part of a plot to remove Indigenous peoples from their lands, miners were promised a means to provide for their families but instead were met with working conditions that would spark one of the world's largest epidemics of silicosis and tuberculosis. Devastating stories from miners and their families are interspersed against a shockingly vivid archive that exposes over 120 years of this history of oppression.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Catherine Meyburgh,
Richard Pakleppa
PRODUÇÃO *PRODUCER*
Catherine Meyburgh
ROTEIRO *SCRIPT*
Richard Pakleppa,
Catherine Meyburgh
EDIÇÃO *EDITOR*
Catherine Meyburgh
CONTATO *CONTACT*
catherine.meyburgh@
gmail.com

Competição
Latino-Americana

Latin American
Competition

Este ano, a convocatória da **Competição Latino-Americana** rompeu todos os recordes anteriores da **Mostra**, trazendo 527 obras de 15 países latino-americanos para o processo de seleção da competição, iniciado em novembro – antes, portanto, do desencadeamento da pandemia que vem assolando o mundo em 2020. O fenômeno afetou todo o panorama dos festivais de cinema no Brasil e no mundo, diminuindo as janelas de exibição das produções cinematográficas mais recentes e, com isso, aumentando ainda mais a responsabilidade do comitê e da **Mostra Ecofalante** na composição da competição.

*This year, the call to the **Latin American Competition** broke all previous records, bringing 527 works from 15 Latin American countries to its selection process, which started in January – that is, before the outbreak of the pandemic that has been devastating the world in 2020. The phenomenon has affected the whole landscape of film festivals in Brazil and worldwide, reducing the windows of exhibition of the latest film productions and thus increasing the responsibility of the committee and of **Ecofalante Film Festival** to organize the competition.*

It is no accident the selection ended up revealing strong voices of environmental, social, and political activism, attuned with this delicate historical moment, marked by great ideological clashes, which oftentimes

Não por acaso, a seleção acabou revelando fortes vozes de ativismo ambiental, social e político, em sintonia com um momento histórico delicado, marcado por grandes embates ideológicos, que muitas vezes ofuscam as consequências sofridas pelas diversas comunidades e ecossistemas latino-americanos. O Brasil marca forte presença na competição como um todo, com longas e curtas-metragens que cobrem o país de ponta a ponta, do Ceará ao Mato Grosso, da Amazônia ao Rio de Janeiro, tratando de variados temas como o direito à moradia nas áreas urbanas, o front de batalha nas zonas florestais brasileiras e as mitologias indígenas, entre outros. Filmes históricos e investigativos também integram a seleção, trazendo importantes relatos sobre eventos muitas vezes poucos explorados e expondo as contradições dos discursos oficiais quando confrontados com a realidade dos mais fracos.

Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia e Peru completam a competição com a sua potência tradicional, expondo feridas abertas e o inconformismo diante das injustiças que marcam o cenário da América Latina. A precariedade dos direitos trabalhistas, as ironias da forte presença da religião no continente, o descaso com os recursos naturais e a profunda ancestralidade dos povos originários são alguns dos temas que emergem dos países vizinhos, compondo um horizonte vibrante de uma região em permanente ebulição.

MARCIO PEREZ MIRANDA produtor

overshadow the consequences suffered by several Latin American communities and ecosystems. Brazil has a strong presence in the competition as a whole, with feature and short films covering the entire country, from Ceará to Mato Grosso, from the Amazon to Rio de Janeiro, addressing various themes such as the right to housing in urban areas, the battle front in the Brazilian forest areas, and indigenous mythologies, among others. Historical and investigative films are also among the selection, bringing important accounts of events that are often underexplored, and exposing the contradictions of official discourses when confronted with the reality of the weakest.

Argentina, Bolivia, Chile, Colombia, and Peru complete the competition with their well-known strength, exposing open wounds and non-conformism in the face of the injustices that mark the Latin American landscape. The precariousness of labor rights, the ironies of the strong presence of religion in the continent, the neglect of natural resources, and the deep ancestry of native peoples are some of the issues that emerge in neighboring countries, composing a vibrant horizon of a region in constant effervescence.

MARCIO PEREZ MIRANDA producer

Júri

Jury



BETH FORMAGGINI

Cineasta brasileira. Depois de se graduar em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), foi para a Itália e especializou-se em documentário na Universidade de Roma. Colaborou com Eduardo Coutinho, como produtora e pesquisadora, nos filmes *Babilônia 2000*, *Edifício Master* e *Peões*. Foi presidente da seção Rio de Janeiro da Associação Brasileira de Documentaristas.

Brazilian filmmaker. After graduating in History from the Universidade Federal Fluminense (UFF), she specialized in documentary at the University of Rome, Italy. She collaborated with Eduardo Coutinho as a producer and researcher in the films Babilônia 2000, Edifício Master and Peões. She was president of the Rio de Janeiro section of the Brazilian Association of Documentarists (ABD).



CARU ALVES

Caru Alves de Souza é diretora, produtora e roteirista paulistana. Dirigiu longas e curtas-metragens de ficção e documentários para a televisão. Seu recente longa-metragem *Meu Nome É Bagdá* foi premiado como melhor filme pelo júri internacional da Mostra Generation 14plus do 71º Festival Internacional de Berlim. Também faz parte do Coletivo Vermelha e do Coletivo Casadalapa.

Director, producer and screenwriter from São Paulo. She has directed fiction features and short films and documentaries for television. Her recent feature My Name is Baghdad was awarded best film by the international jury of the Generation 14plus competition at the 71st Berlin International Film Festival. She is also part of the Vermelha Collective and the Casadalapa Collective.



KIKO GOIFMAN

Antropólogo e Mestre em Multimeios na UNICAMP, dirigiu vários curtas e longas-metragens premiados no Brasil e no exterior. É diretor dos longas *33* (Festival de Locarno), *Atos dos Homens* (Festival de Berlim), *FilmeFobia* (Festival de Locarno e Grande Vencedor do Festival de Brasília), *Olhe pra Mim de Novo* (Festival de Berlim), *Periscópio* (Festival de Rotterdam) e *Bixa Travesty* (Premiado no Festival de Berlim e em mais de 20 festivais dentro e fora do Brasil). Dirigiu séries para TV Cultura e SescTV. No Canal Brasil, foi o Coordenador Geral de *Transando com Laerte* e atualmente dirige *TransMissão*.

Anthropologist and Graduate in Multimedia from UNICAMP. He has directed several award-winning short and feature films both in Brazil and abroad. He is director of the following feature films: 33 (Locarno Festival), Acts of Men (Berlin International Film Festival), FilmPhobia (Locarno Festival and Big Winner of Brasília Festival), Look at Me Again (Berlin International Film Festival), Periscope (Rotterdam Festival) and Bixa Travesty awarded at the Berlin International Film Festival and at more than 20 festivals in Brazil and abroad). He has directed series for TV Cultura and SescTV. At Canal Brasil, he was the General Coordinator of Transando com Laerte. He is currently directing TransMissão.

competição longa-metragem

feature competition



A Jangada de Welles

Welles' Raft

BRASIL, 2019, 75'

Em 1942, Orson Welles filmava no Brasil o documentário *It's All True (É Tudo Verdade)*, sobre o carnaval carioca e os jangadeiros cearenses. O líder desses pescadores, Manuel "Jacaré", morreria acidentalmente nas filmagens no Rio de Janeiro. Este fato evoca memórias do Estado Novo, da atribulada passagem de Welles pelo Brasil e da luta dos jangadeiros por direitos trabalhistas.

The sailor Manuel Jacaré was swallowed up by the sea during Orson Welles' filming of It's All True, in 1942. The fact evokes memories of the dictatorship of the Estado Novo, of World War II, of Ceará fishermen's struggle for labor rights and housing in their traditional space — target of real estate speculation.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Firmino Holanda,
Petrus Cariry
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Barbara Cariry
ROTEIRO **WRITER**
Firmino Holanda,
Petrus Cariry
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Petrus Cariry
EDIÇÃO **EDITOR**
Firmino Holanda e
Petrus Cariry
ELENCO **CASTING**
Orson Welles, Helena Ignez,
José Olímpio Meira (Jacaré)
CONTATO **CONTACT**
iluminurafilmes@uol.com.br



Acqua Movie

Acqua Movie

BRASIL, 2019, 105'

Numa fria manhã na cidade de São Paulo, Cícero, um menino de 12 anos, depara-se com seu pai morto no banheiro de casa, vitimado por um infarto fulminante. Sua mãe está na floresta amazônica realizando um documentário sobre causas indígenas. Esse é o ponto de partida deste filme de estrada onde mãe e filho tentam, em meio ao sol escaldante do semiárido nordestino, atravessado por canais de transposição das águas do Rio São Francisco, reinventar a narrativa do afeto.

Twelve-year old Cicero stumbles upon his father, Jonas, dead from a massive heart attack. His mother is filming a documentary in the Amazon rainforest. This is the starting point of Acqua Movie, a road movie where mother and son try to reinvent the narrative of affection under the scorching sun of the northeastern semiarid terrain, crisscrossed by channels transposing the waters of the São Francisco River.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Lírio Ferreira
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Chica Mendonça e
Lírio Ferreira
ROTEIRO **WRITER**
Lírio Ferreira, Marcelo
Gomes, Paulo Caldas
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Gustavo Hadba
EDIÇÃO **EDITOR**
Vânia Debs
ELENCO **CAST**
Alessandra Negrini, Antonio
Haddad, Augusto Madeira,
Guilherme Weber, Marcelia
Cartaxo, Zezita Matos
CONTATO **CONTACT**
chicamendonca@gmail.com



Amazônia Sociedade Anônima

Amazon Uncovered

BRASIL, 2019, 72'

Diante do fracasso do governo brasileiro em proteger a Amazônia, índios e ribeirinhos, em uma união inédita liderada pelo Cacique Juarez Saw Munduruku, enfrentam máfias de roubo de terras e desmatamento ilegal para salvar a floresta.

Due to the failure of the Brazilian government to protect the Amazon, Cacique Juarez Saw Munduruku leads an unprecedented union of indigenous and riverside people to save the forest confronting land grabbers and illegal deforestation.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Estêvão Ciavatta
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Estêvão Ciavatta
ROTEIRO **WRITER**
Estêvão Ciavatta
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Dudu Miranda e Daniel Venosa
EDIÇÃO **EDITOR**
Bernardo Pimenta e Fernando Acquarone
ELENCO **CAST**
Cacique Juarez Saw Munduruku, Chico Catitu, Eduardo Viveiros de Castro, Beto Veríssimo
CONTATO **CONTACT**
ciavatta@pindoramafilmes.com.br



Deus

God

CHILE, 2019, 63'

Em um país no fim do mundo, chega a mais alta autoridade da Igreja Católica. O Papa vem trazer a palavra de Deus, mas o Chile o espera em meio à crise religiosa mais importante de sua história.

In 2018, Pope Francis travelled to Chile on an official visit. The country was then undergoing a serious spiritual crisis. Despite the efforts of the Catholic Church, the parishes are increasingly empty, while in the streets people are demonstrating their anger against institutionalized power.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Christopher Murray, Josefina Buschmann, Israel Pimentel
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Diego Pino Angutia
ROTEIRO **WRITER**
Antonio Luco, Israel Pimentel, Josefina Buschmann
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Adolfo Mesías
EDIÇÃO **EDITOR**
Andrea Chignoli, Javiera Vellozo
CONTATO **CONTACT**
diego.pino.a@gmail.com



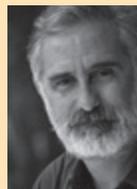
Estou Me Guardando para Quando o Carnaval Chegar

Waiting for the Carnival

BRASIL, 2019, 85'

A cidade de Toritama é um microcosmo do capitalismo implacável: a cada ano, mais de 20 milhões de jeans são produzidos em fábricas de fundo de quintal. Os moradores trabalham sem parar, orgulhosos de serem os donos do seu próprio tempo. Durante o Carnaval – o único momento de lazer do ano –, eles transgridem a lógica da acumulação de bens, vendem seus pertences sem arrependimentos e fogem para as praias em busca de uma felicidade efêmera.

The small village of Toritama is a microcosm of relentless capitalism. Each year, more than 20-million pairs of jeans are produced in make-shift factories. The locals work non-stop, proud to be the masters of their own time. During Carnival – the only leisure moment of the year – they transgress the logic of goods accumulation, sell their belongings without regret and flee to the beaches in search of ephemeral happiness. When Ash Wednesday arrives, a new work cycle begins.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Marcelo Gomes
 PRODUÇÃO **PRODUCER**
João Vieira Jr.
 ROTEIRO **WRITER**
Marcelo Gomes
 FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Pedro Andrade
 EDIÇÃO **EDITOR**
Karen Harley
 CONTATO **CONTACT**
nara@carnavalfilmes.com.br
joão@carnavalfilmes.com.br



Indianara

Indianara

BRASIL, 2019, 92'

A revolucionária Indianara luta com seu bando pela sobrevivência das pessoas transgêneras no Brasil. No abrigo que ela fundou, nas ruas e nas manifestações, ela se empenha em colocar em prática seus ideais, inclusive em seu relacionamento com Maurício, seu marido. Perto dos seus cinquenta anos, frente aos ataques do seu partido político e sofrendo o avanço do totalitarismo, ela junta suas forças para um último ato de resistência.

Revolutionary Indianara fights alongside her group for the survival of transgender people in Brazil. Faced with the attacks of her own political party and the totalitarian advance in the country, she gathers her forces and sets out for a last act of resistance.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Aude Chevalier-Beaumel,
Marcelo Barbosa
 PRODUÇÃO **PRODUCER**
Aude Chevalier-Beaumel
e Marcelo Barbosa
 ROTEIRO **WRITER**
Aude Chevalier-Beaumel,
Michele Frantz e
Marcelo Barbosa
 FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Aude Chevalier-Beaumel
e Marcelo Barbosa
 EDIÇÃO **EDITOR**
Quentin Delaroché
 CONTATO **CONTACT**
audechevalierb@gmail.com



Soldados da Borracha

Rubber Soldiers

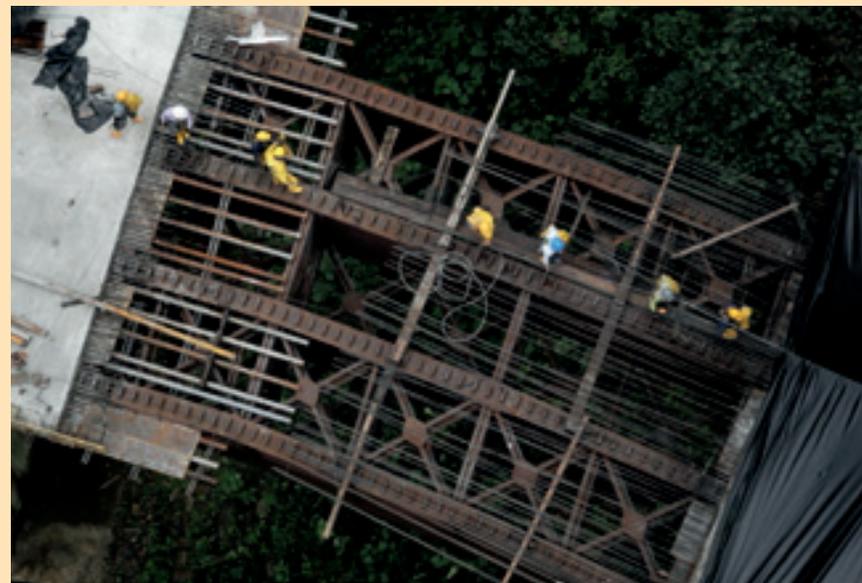
BRASIL, 2019, 82'

A saga de cerca de 60 mil brasileiros enviados para a região amazônica pelos governos do Brasil e dos Estados Unidos durante a segunda Guerra Mundial em um mirabolante plano para extrair látex, material estratégico imprescindível para a vitória dos Aliados. As promessas da volta para casa como heróis da pátria e da aposentadoria equivalente à dos militares nunca se cumpriram. Hoje, centenas deles, já em idade avançada e em situação de pobreza, esperam o dia do reconhecimento oficial.

During the Second World War, a cooperation agreement between the Brazilian and US governments led to the transportation of around 60,000 men from the Northeast of Brazil to the Amazon Region to work on the extraction of latex destined for the American arms industry. Half of these men died before they could return home and many others are still awaiting recognition as "national heroes" and the pensions equal to those of servicemen they had been promised.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Wolney Oliveira
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Margarita Hernandez
ROTEIRO **WRITER**
Wolney Oliveira
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Eusélio Gadelha, Juarez Pavelak e Rogério Resende
EDIÇÃO **EDITOR**
Leyda Nápoles e Mair Tavares
CONTATO **CONTACT**
info@docrio.com



Suspensão

Suspension

COLÔMBIA, 2019, 73'

Nas selvas do sul da Colômbia, há uma grande ponte de concreto abandonada. A ponte colide com a montanha, e é o fim de uma estrada que não leva a lugar algum. Esse trabalho de infraestrutura simboliza a obsessão de várias gerações de engenheiros, que tentaram transpor as imponentes montanhas ao pé da Amazônia. Depois de quase um século de tentativas, as promessas de uma estrada moderna se perderam, e a ponte se tornou cenário das situações mais absurdas. Trabalhadores, engenheiros e turistas passam pelo teatro ilusório da infraestrutura. Todos parecem perdidos no tempo, até que ocorre um incidente inesperado.

Deep in southern Colombia, a concrete bridge lies abandoned in the middle of a dense forest. It crashes against a mountain, and that is the end of a road heading nowhere. The bridge epitomizes the madness of a century-old engineering fantasy aimed at subduing the geography of the Andean-Amazon piedmont. As time goes by, the promises of modernity fizzle while the bridge becomes the backdrop of absurd situations. Workers, engineers and tourists wander through the illusory theater of infrastructure. All of them seem stuck in time, until an unexpected disaster occurs.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Simón Uribe
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Joaquín Uribe
ROTEIRO **WRITER**
Joaquín Uribe, Simón Uribe
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Andrés Hilarión
EDIÇÃO **EDITOR**
Mateo Rudas, Gustavo Vasco
CONTATO **CONTACT**
joaquinuribem@gmail.com

competição curta-metragem

short film competition



C.I.T.A. (Cooperativa Industrial Têxtil Argentina)

C.I.T.A. (Cooperativa Industrial Textil Argentina)

ARGENTINA, 2019, 19'

C.I.T.A. (Cooperativa Industrial Têxtil Argentina) relata a resistência e o espírito de luta de um grupo de trabalhadores que seguem funcionando de modo cooperativo, apesar das diferentes políticas neoliberais que atentam contra o crescimento da indústria nacional. A filmagem teve lugar em plena crise do governo macrista, e ninguém sabia que as imagens da produção industrial da cooperativa aqui recolhidas seriam as últimas.

C.I.T.A. tells the story of a resilient group of workers fighting to keep the spirit of cooperativism alive in the face of neoliberal policies threatening national industries in Argentina.

DIREÇÃO **DIRECTOR**
Lucas Molina, Tadeo Suarez, Marcos Pretti
PRODUÇÃO **PRODUCER**
La Mula Cine
ROTEIRO **WRITER**
Lucas Molina, Tadeo Suarez, Marcos Pretti
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Lucas Molina, Tadeo Suarez, Marcos Pretti
EDIÇÃO **EDITOR**
Lucas Molina, Tadeo Suarez, Marcos Pretti
CONTATO **CONTACT**
lamulacine@gmail.com



Caranguejo Rei

The King Crab

BRASIL, 2019, 23'

Eduardo tem uma doença misteriosa em seu corpo. A aparição de caranguejos por toda a cidade do Recife pode ter algo a ver com isso.

Eduardo's body is overtaken by a mysterious disease. The appearance of crabs all over the city of Recife might have something to do with this.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Enock Carvalho, Matheus Farias
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Enock Carvalho, Matheus Farias
ROTEIRO **WRITER**
Enock Carvalho, Matheus Farias
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Maira labrudi
EDIÇÃO **EDITOR**
Matheus Farias
ELENCO **CAST**
Tavinho Teixeira, Arilson Lopes, Clebia Sousa, Marconi Bispo e João Vígo
CONTATO **CONTACT**
gatopardofilmes@gmail.com



Guaxuma

Guaxuma

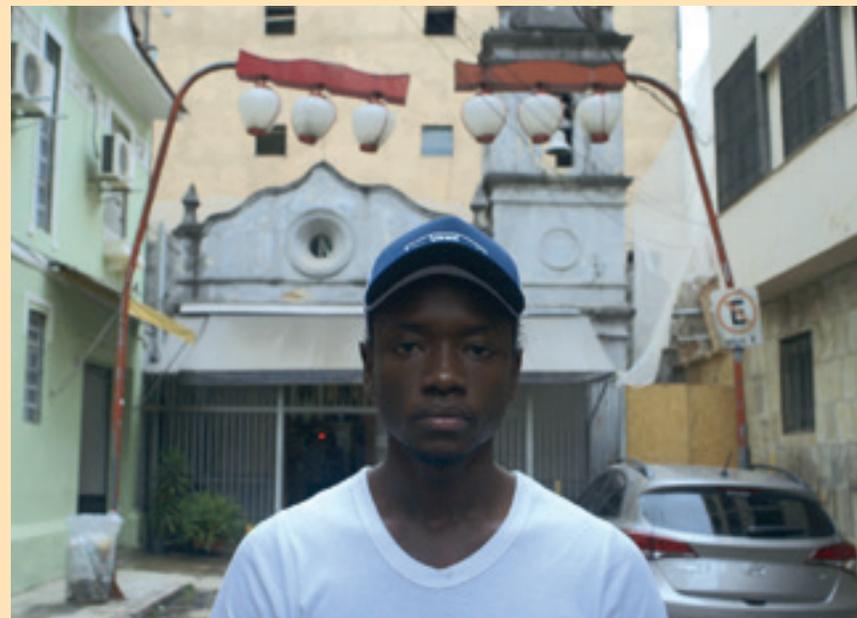
BRASIL, 2018, 14'

Eu e a Tayra crescemos juntas na praia de Guaxuma. A gente era inseparável. O sopro do mar me traz boas lembranças.

Nara grows up on a beach in Brazil with her best friend Tayra. Her home is a paradise which will soon be lost.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Nara Normande
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Livia de Melo, Justin Pechberty
ROTEIRO **WRITER**
Nara Normande
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Pedro Sotero, Maira Iabrudi
EDIÇÃO **EDITOR**
Eduardo Serrano
ELENCO **CAST**
Tavinho Teixeira, Arilson Lopes, Clebia Sousa, Marconi Bispo e João Vigo
CONTATO **CONTACT**
naranormande@gmail.com



Liberdade

Liberdade

BRASIL, 2018, 25'

Sow, Abou e Satsuki se encontram em um bairro de São Paulo chamado Liberdade. Uma história sobre imigração, assombrações e resistência.

Sow, Abou, and Satsuki meet in a neighborhood in Sao Paulo called Liberdade (Freedom). A story about immigration, hauntings and resistance.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Pedro Nishi, Vinícius Silva
PRODUÇÃO **PRODUCER**
João Pedro Bim
ROTEIRO **WRITER**
Pedro Nishi, Vinícius Silva
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Lucas Silva Campos
EDIÇÃO **EDITOR**
Mariana Moraes, Victor Miaciro
ELENCO **CAST**
Aboubacar Sidibé, Cristina Sano, Mamadou Yaya Sow
CONTATO **CONTACT**
joaop.mbb@gmail.com



Mamapara

Mamapara

PERU/ARGENTINA/BOLÍVIA, 2020, 17'

No altiplano peruano, Honorata Vilca, uma senhora analfabeta de ascendência quíchua, mora com seu cão e se dedica à venda de doces. Quando começa a estação das chuvas, ela relata passagens de sua vida, até que, em uma tarde, algo fatal acontece que parece fazer o próprio céu chorar.

In the Peruvian highlands, Honorata Vilca, an illiterate woman of Quechua descent, lives with her dog, and dedicates her life to the sale of sweets. As the rainy season begins, she recounts passages of her life, until one evening something fatal happens that seems to make the heavens cry.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Alberto Flores Vilca
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Mario Manríquez
ROTEIRO **WRITER**
Alberto Flores Vilca
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Alberto Flores Vilca
EDIÇÃO **EDITOR**
Alberto Flores Vilca,
Mario Manríquez
ELENCO **CAST**
Honorata Vilca Mamani,
Alberto Flores Vilca
CONTATO **CONTACT**
mariomanriquez@hotmail.es



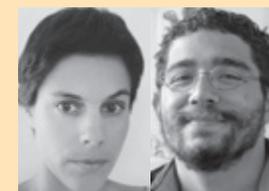
Mitos Indígenas em Travessia

Ancient Stories

BRASIL, 2019, 22'

Seis histórias indígenas dos tempos antigos das etnias Kuikuro (Aldeia Afukuri, Terra Indígena Parque do Xingu, Mato Grosso), Javaé (Aldeia São João, Terra Indígena Parque do Araguaia, Ilha do Bananal, Tocantins) e Kadiwéu (Aldeia São João, Terra Indígena Kadiwéu, Mato Grosso do Sul). Entre as histórias: A Ema, O Menino-Peixe, As Mulheres Sem Rosto, A Via Láctea, A Menina Cobra e O Urubu-Rei.

Six indigenous myths of the Kuikuro, Javaé and Kadiwéu tribes. Amongst the stories: The Emu, The Fish-Boy, The Faceless Women, The Milky Way, The Serpent-Girl and the Vulture-King.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Julia Vellutini, Wesley Rodrigues
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Julia Vellutini & Carol Moraes
ROTEIRO **WRITER**
Julia Vellutini, Wesley Rodrigues
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Eduardo Makino
EDIÇÃO **EDITOR**
Julia Vellutini, Wesley Rodrigues
CONTATO **CONTACT**
julia@zuretafilmes.com



Nova Iorque, Mais Uma Cidade

New York, Just Another City

BRASIL/EUA, 2019, 18'

Jovem liderança e realizadora audiovisual, Patrícia Ferreira vem sendo reconhecida pelos documentários que realiza com o seu povo, os Guarani Mbya. Ao ser chamada para debater seus trabalhos em um dos maiores festivais de cinema etnográficos do mundo, o Margaret Mead Film Festival, realizado no Museu Americano de História Natural, em Nova Iorque, Patrícia se depara com uma série de exposições, debates e atitudes que a fazem refletir sobre o mundo dos "juruá", contrastando-o com os modos de existência guarani.

A young leader and filmmaker, Patrícia Ferreira has been recognized for the documentaries she makes with her people, the Guarani Mbya. She was called to debate her work at one of the world's largest ethnographic film festivals, the Margaret Mead Film Festival, held at the American Museum of Natural History in New York. There, Patrícia comes across some exhibitions, debates and attitudes that make her think about the "juruá" people's world, contrasting it with the Guarani's modes of existence.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
André Lopes, Joana Brandão
 PRODUÇÃO **PRODUCER**
André Lopes, Joana Brandão
 ROTEIRO **WRITER**
André Lopes, Joana Brandão
 FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
André Lopes, Joana Brandão
 EDIÇÃO **EDITOR**
André Lopes, Joana Brandão
 ELENCO **CAST**
Patrícia Ferreira
 CONTATO **CONTACT**
joanabrandao@hotmail.com



Nove Águas

Nine Waters

BRASIL, 2019, 25'

Em 1930, Marcos e seu grupo de descendentes de escravizados saíram do Vale do Jequitinhonha rumo ao Vale do Mucuri. Fugindo da seca, da fome e da violência no campo, os quilombolas buscavam um novo território para construir sua comunidade. Dos tempos do desbravamento aos atuais, a história de luta por água e terra protagonizada pelos moradores do Quilombo Marques, no Vale do Mucuri, em Minas Gerais.

In 1930, Marcos and his group, all descendants of enslaved people, left the Jequitinhonha Valley for the Mucuri Valley. Fleeing from the drought, hunger and violence so present in the countryside, the story of struggle for water and land is carried out by the residents of Quilombo Marques, in the Mucuri Valley of Minas Gerais.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Gabriel Martins, Quilombo dos Marques
 PRODUÇÃO **PRODUCER**
Paula Kimo
 ROTEIRO **WRITER**
Oficina de Roteiro no Quilombo dos Marques, Gabriel Martins
 FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Daniilo Candombe
 EDIÇÃO **EDITOR**
Daniilo Candombe
 CONTATO **CONTACT**
cardes@gmail.com



O Delegado

The Sheriff

COLÔMBIA, 2019, 26'

Fernando, um indígena Kamëntsó comum, foi eleito delegado. Ele deve superar seus próprios dilemas e decidir se realmente gosta do que faz, ou se quer voltar à sua antiga vida.

Fernando, an ordinary Kamëntsó who has been elected Sheriff, must overcome his own dilemmas and decide whether he really likes what he does or wants to return to his old life.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Samuel Moreno Alvarez
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Pedro Jamioy
ROTEIRO **WRITER**
Samuel Moreno Alvarez
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Samuel Moreno Alvarez
EDIÇÃO **EDITOR**
Juan Alvarez Duran,
David Aguilera
CONTATO **CONTACT**
tropicoatomicofilms@
gmail.com



O Fim da Eternidade

The End of Eternity

ARGENTINA/PERU, 2019, 10'

O filme reúne crônicas antigas, que registram sonhos coletivos por meio de testemunhos dos moradores mais antigos da comunidade Ese Eja, evidenciando a solidão e o esquecimento da comunidade nativa.

Through testimonies of the oldest settlers of the Ese Eja community, the film shows the loneliness and the oblivion of the native community. A film about ancient chronicles that record collective dreams.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Pablo Radice
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Pablo Radice
ROTEIRO **WRITER**
Pablo Radice
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Pablo Radice
EDIÇÃO **EDITOR**
Pablo Radice
ELENCO **CAST**
Amazon Community
Ese Eja de Palma Real
CONTATO **CONTACT**
pablradice@hotmail.com



O Fogo Que Vimos

The Fire We Saw

ARGENTINA, 2019, 12'

Depois de ver uma foto em um jornal sobre uma série de incêndios florestais na Patagônia, duas jovens decidem, em um jogo aleatório, viajar para Bariloche. Elas vão procurar o fogo e, em vez disso, encontram os membros da brigada da S.P.L.I.F. (Serviço de Prevenção e Combate a Incêndios Florestais). Enquanto estiveram com eles, não houve fogo. O único fogo que viram foi gerado especialmente para elas. Um ensaio que procura, através desses homens, fazer uma reflexão sobre a escala humana em relação à paisagem.

After seeing a newspaper photograph of a series of forest fires in Patagonia, two girls decide almost at random to go to Bariloche. Once there, they head out in search of the fire and meet members of the Forest Fire Brigade. No fires happen while they're with them: the only one they see is made especially for them. A letter found by chance offers a glimpse of what is to come: a group of men frozen in time, inspecting the land and heading out on labyrinthine journeys through the South, slowly merging with the landscape.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Pilar Condomí,
Candelaria Gutierrez
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Candelaria Gutierrez
ROTEIRO **WRITER**
Pilar Condomí,
Candelaria Gutierrez
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Pilar Condomí
EDIÇÃO **EDITOR**
Pilar Condomí,
Candelaria Gutierrez
CONTATO **CONTACT**
pcondomi@gmail.com



O Levante dos Andes – A Cidade-Tampão Que Se Reinventa Através da Arquitetura

*Andes Uprising, a Buffer City Re-inventing
Itself Through Architecture*

ALEMANHA/BOLÍVIA, 2019, 14'

El Alto, na Bolívia, está crescendo rapidamente – sem controle, mas não sem forma. Investigando a estética urbana, encontramos os Cholets: palácios em miniatura que servem como instalações residenciais e comerciais para ricas famílias indígenas Aymara. As construções coloridas e brilhantes se assemelham a naves espaciais perdidas nos terrenos baldios urbanos. O duplo movimento entre os comentários dos especialistas e a sinfonia da cidade revela as bases sociais dessa arquitetura eclética.

El Alto, Bolivia, is growing fast – wild, but not shapeless. An investigation into urban aesthetics comes across the Cholets: miniature palaces which serve as residential and business premises for wealthy indigenous Aymara families. The colourful, shining constructions may resemble spaceships lost in the urban wastelands. But a double movement of expert commentary and city symphony lays bare the social foundations of this eclectic architecture.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Bernardo Villagra Meruvia
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Bernardo Villagra Meruvia
EDIÇÃO **EDITOR**
Bernardo Villagra Meruvia
CONTATO **CONTACT**
bervillagra@gmail.com



Por Trás da Cortina Verde

Behind the Green Curtain

BRASIL, 2019, 29'

O documentário apresenta a dura realidade enfrentada pelas comunidades camponesas da região do Alto Vale do Jequitinhonha, no Nordeste de Minas Gerais, diante da degradação socioambiental provocada pela implantação da monocultura do eucalipto desde a década de 1970. Este é um pequeno recorte narrado por sujeitos do próprio lugar em sintonia com diversos estudos científicos realizados sobre o caso.

A documentary about the harsh realities faced by the rural communities of the High Valley of Jequitinhonha, in the Northeast of Brazilian state of Minas Gerais, brought about by the socioenvironmental degradation induced by the implantation of eucalyptus monoculture since the 1970s.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Caio Silva Ferraz, Paulo Plá
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Rosana Pereira
ROTEIRO **WRITER**
Clebson Souza e
Ronaldo Pereira
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Paulo Plá
EDIÇÃO **EDITOR**
Caio Silva Ferraz, Paulo Plá
CONTATO **CONTACT**
caiosferraz@gmail.com



Resplendor

Resplendor

BRASIL, 2019, 52'

A Comissão Nacional da Verdade, instalada em 2011 para apurar crimes cometidos durante a ditadura militar, trouxe a público um capítulo ainda muito obscuro da nossa história: a existência de um centro de detenção indígena, na cidade de Resplendor (MG), chamado Reformatório Krenak. Instalado primeiramente dentro do território da etnia Krenak, e posteriormente transferido para Carmésia, aprisionou e torturou não apenas indígenas Krenak, mas diversas outras etnias como os Pataxó, impondo restrições às suas práticas ancestrais sob implacável vigilância dos militares.

The National Truth Commission, installed in 2011 to uncover the truth about crimes committed during the Military Dictatorship, brought to light a chapter of our history that is still obscure: the existence of an indigenous detention center in the city of Resplendor (state of Minas Gerais), called Krenak Reformatory. Originally installed inside the Krenak territory, and later on transferred to the city of Carmésia, it witnessed the imprisonment and torture not only of people from the Krenak tribe, but also of natives from other tribes, such as the Pataxó. Under ruthless military supervision, restrictions were imposed to their ancestral practices.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Claudia Nunes, Erico Rassi
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Luana Otto
ROTEIRO **WRITER**
Claudia Nunes, Erico Rassi
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Cris Lyra
EDIÇÃO **EDITOR**
Eduardo Aquino
CONTATO **CONTACT**
claudianunes@riseup.net



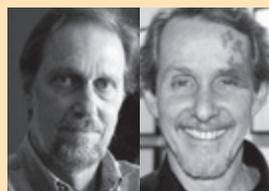
Ruivaldo, o Homem que Salvou a Terra

Ruivaldo, the Man Who Saved the Earth

BRASIL, 2019, 45'

No Brasil, no estado de Mato Grosso do Sul, na região do rio Taquari, o crescente e contínuo assoreamento dos rios levou ao transbordamento de águas e inundações de terras ao longo dos anos, causando mudanças significativas na vida de seus habitantes. Isso tornou impossível cultivar o solo e criar gado, um meio de subsistência para as famílias locais. Um membro dessas famílias, Ruivaldo Nery Andrade, nosso personagem guia, luta para salvar sua fazenda, construindo um sistema de diques manual para conter e alterar o curso das águas invasoras e, assim, retomar suas atividades e garantir a sobrevivência da terra.

In Brazil, in the state of Mato Grosso do Sul, in the Taquari River region, the increasing and continuous siltation of the rivers has led to overflowing of waters and flooding of land over the years, causing significant changes in the lives of its inhabitants. This has made it impossible to cultivate the soil and raise livestock, a means of livelihood for local families. A member of one of these families, Ruivaldo Nery Andrade, our guide character, struggles to save his farm by building a manual dike system to contain and alter the course of the invading waters and thus resume his activities and ensure the survival of the earth



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Jorge Bodanzky, João Farkas (codiretor)
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Mônica Guimarães
ROTEIRO **WRITER**
Jorge Bodanzky e Bruna Callegari
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Jorge Bodanzky
EDIÇÃO **EDITOR**
Bruna Callegari
ELENCO **CAST**
Ruivaldo Nery de Andrade
CONTATO **CONTACT**
monica@mogprodutora.com



Suquía

Suquía

ARGENTINA, 2019, 13'

Uma jornada pela memória do rio Suquía, um rio escuro, cheio de desespero e ressentimento pelo seu povo. Mas, como o Nilo, o Sena ou o Ganges, é um rio que tem muito a sussurrar sobre a cidade que viu crescer nas suas margens.

We follow this unusual journey through the memories of a menacing river that is overflowing with vengeful and jealous feelings about the people living around it. But the Suquía — like his better-known brothers, the Nile, the Seine and the Ganges — has plenty to say about the city that has grown up along its banks.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Ezequiel Salinas
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Eva Cáceres
ROTEIRO **WRITER**
Ezequiel Salinas
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Ezequiel Salinas
EDIÇÃO **EDITOR**
Martín Sappia
CONTATO **CONTACT**
bittervictoryfilms@gmail.com



Tuã Ingugu (Olhos d'Água)

Tuã Ingugu (Olhos d'Água)

BRASIL, 2019, 11'

Na cosmogonia dos Kalapalo, etnia que vive no parque indígena do Xingú, a água é tão antiga quanto os humanos e é a fonte da vida. É dali que vem todo o sustento dos originários, seu alimento, sua bebida, seu banho, sua alegria. A ideia de usar a água como lixeira, de envenenar a água, é uma distopia. Em *Tuã Ingugu (Olhos D'Água)* o cacique Faremá – da aldeia Caramujo, nas margens do rio Kuluene – nos conta sobre o nascimento da água e nos adverte sobre as consequências de desrespeitá-la.

The Kalapalo, an ethnic group that lives in the Xingu Indigenous Park, say that water is as old as mankind and that it is the source of all life: from the water, come their food, their drink, their bath, their joy. To them, to foul and poison the water is a dystopia. In this documentary, chief Faremá, from the indigenous village of Caramujo, talks about the birth of water and the consequences of disrespecting it.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Daniela Thomas
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Daniel van Hoogstraten
ROTEIRO **WRITER**
Daniela Thomas
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Léo Bittencourt
EDIÇÃO **EDITOR**
Daniela Thomas
ELENCO **CAST**
Faremá Kalapalo,
Kanho Matipu
CONTATO **CONTACT**
daniel@syndromefilms.com

Concurso
Curta Ecofalante

Ecofalante
Short Film Contest

O Concurso Curta Ecofalante é um estímulo à produção audiovisual brasileira, incentivando aqueles que estão no início de suas carreiras. Apresentamos uma seleção criteriosa de filmes universitários, de alunos de escolas técnicas e de cursos livres de cinema. Os filmes concorrem a Melhor Curta Ecofalante – com prêmio de R\$ 4.000,00 – e Melhor Filme pelo Público.

The Ecofalante Short Film Competition is an incentive to the Brazilian audiovisual production, encouraging those who are at the beginning of their careers. We present a careful selection of films by college students as well as students of technical schools and free cinema courses. Two prizes will be awarded: an Audience Award and R\$ 4,000.00 for Best Ecofalante Short Film.

UM ESTÍMULO A JOVENS REALIZADORES

Este ano, foram selecionados 24 filmes para o Concurso Curta Ecofalante. A Mostra bateu o recorde de inscrições nesta edição – foram 134 filmes inscritos por estudantes de 77 instituições de ensino em 16 estados, representando todas as regiões do Brasil.

Seus temas dialogam com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela ONU na Agenda 2030. Criada em 2015, a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável é um plano de ação para os próximos 15 anos com objetivos que visam ao desenvolvimento sustentável do planeta – são 17 ODS que abrangem temas como erradicação da pobreza, combate às mudanças climáticas e redução de desigualdades.

AN INCENTIVE FOR YOUNG FILMMAKERS

This year, 24 films were selected for the Ecofalante Short Film Competition. There was a record number for entries in this edition – students from 77 educational institutions in 16 states representing all regions of Brazil submitted a total of 134 films.

The themes are connected to the Sustainable Development Goals (SDGs) proposed by the UN in Agenda 2030. Created in 2015, Agenda 2030 for Sustainable Development is an action plan for the next 15 years with objectives aimed at the sustainable development of the planet – 17 SDGs that cover topics such as poverty eradication, fight against climate change and inequality.

Júri

Jury



FELIPE ANDRÉ SILVA

É cineasta e escritor. No cinema dirigiu, entre outros, os longas *Santa Monica* (2015), e *Passou* (2020), e o curta *cinema contemporâneo* (2019). Atuou também como produtor e preparador de elenco em diversos projetos, e colabora regularmente como curador no festival Janela Internacional de Cinema do Recife. Na literatura, lançou as plaquetes *o escritor antônio xerxenesky*, *o aniversário de billie eilish*, e *o autocad de britney spears*, e também a coletânea de poemas *sorry.gif* (Macondo Edições, 2020).

Filmmaker and writer. He directed, among other feature films: Santa Monica (2015) and Passou (2020), and the short cinema contemporâneo (2019). He has also worked as a producer and acting coach in several projects. He collaborates regularly as a curator in the Janela Internacional de Cinema do Recife festival. In literature, he published the booklets o escritor antônio xerxenesky, o aniversário de billie eilish, and o autocad de britney spears, besides the collection of poems sorry.gif (Macondo Edições, 2020).



GABRIELA YAMAGUCHI

É Diretora de Sociedade Engajada da organização socioambiental WWF-Brasil desde 2017. É responsável pelas estratégias de Produção e Consumo Sustentáveis, Cidadania Ativa, Educação e Voluntariado. Jornalista pela USP – Universidade de São Paulo, atuou na Superinteressante, da Editora Abril, e no movimento Planeta Sustentável. No Instituto Akatu, gerenciou campanhas e projetos corporativos em Consumo Consciente e Produção Sustentável. No Laboratório de Mudanças Climáticas da Purpose Brasil, atuou na articulação em rede de instituições da sociedade civil para valorizar os temas de Mobilidade, Energia Limpa, Áreas Verdes e Gestão de Resíduos nos Programas de Metas municipais.

Has been Director of Social Engagement of WWF-Brazil since 2017. She is responsible for the strategies of Sustainable Production and Consumption, Active Citizenship, Education and Volunteering. A journalist from University of São Paulo (USP), she has worked in the magazine Superinteressante, published by Editora Abril, and in the movement Sustainable Planet. At Akatu Institute, she managed corporate campaigns and projects in Conscious Consumption and Sustainable Production. At the Climate Change Laboratory of Purpose Brasil, she worked in the networking of civil society institutions to value the themes of Mobility, Clean Energy, Green Areas and Waste Management in the municipal Goal Programs.



KÊNIA FREITAS

É professora, crítica e curadora de cinema, com pesquisa sobre Afrofuturismo e o Cinema Negro. É doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Realizou a curadoria das mostras Afrofuturismo: cinema e música em uma diáspora intergaláctica, A Magia da Mulher Negra e Diretoras Negras no Cinema brasileiro. Atualmente integra a equipe curatorial do IX CachoeiraDoc. Já ministrou as oficinas: “Corpo Crítico: Cinema em Perspectivas”, no FestCurtas BH 2019; “Crítica de Cinema Negro”, no Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul 2019; “Afrofuturismo no Cinema”, na Mostra Sesc de Cinema 2019; e “Cinema, fabulação e ficções especulativas” na Escola Pública de Audiovisual da Vila das Artes, em 2020. Escreve críticas para o site Multiplot! (<http://multiplotcinema.com.br>) desde 2012. Integra ainda o Elviras – Coletivo de Mulheres Críticas de Cinema.

Kênia Freitas is a professor, critic and film curator, with research on Afrofuturism and Black Cinema. She has a PhD in Communication and Culture from UFRJ. She curated the festivals Afrofuturismo: cinema e música em uma diáspora intergaláctica, A Magia da Mulher Negra and Diretoras Negras no Cinema brasileiro. She is currently part of the curatorial team of the IX CachoeiraDoc. She has conducted the following workshops: “Corpo Crítico: Cinema em Perspectivas”, at FestCurtas BH 2019; “Crítica de Cinema Negro”, at Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul 2019; “Afrofuturismo no Cinema”, at Mostra Sesc de Cinema 2019; and “Cinema, fabulação e ficções especulativas” at Escola Pública de Audiovisual da Vila das Artes, in 2020. She has been writing reviews for the Multiplot! website (<http://multiplotcinema.com.br>) since 2012. She is also part of Elviras – Collective of Film Critic Women.



Ângelo

Angelo

BRASIL, 2020, 28'

Retrato íntimo e multifacetado de Ângelo Machado: avô, cientista, professor, dramaturgo, escritor, ambientalista e zoólogo, estudioso de libélulas e borboletas.

An intimate portrait of the versatile Angelo Machado: grandfather, scientist, teacher, playwright, writer, environmentalist and zoologist, an expert on dragonflies and butterflies.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Mariana Machado
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Mariana Machado
ROTEIRO **WRITER**
Mariana Machado & Ângelo Machado
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Mariana Machado
EDIÇÃO **EDITOR**
Mariana Machado
ELENCO **CASTING**
Ângelo Machado
CONTATO **CONTACT**
xmariamamachado@gmail.com

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
UFMG - Universidade
Federal de Minas Gerais



Beat É Protesto - O Funk pela Ótica Feminina

Beat Is Protest - Funk from a Female Perspective

BRASIL, 2019, 23'

Onde estão e quem são as minas que compõem o movimento do funk? O funk sempre foi uma forma de protesto e ser mulher também é! *Beat É Protesto - O Funk pela Ótica Feminina* retrata a cena underground das mulheres no funk de protesto da última década em São Paulo. Os depoimentos vêm de mulheres transgênero e cisgênero que transitam em diferentes funções dentro desse universo, como cantoras, DJs, beatmakers, produtoras, empresárias, MCs, dançarinas e também de drag queens.

Who are the chicks that make up the funk movement, and where are they? Funk has always been a form of protest, just as being a woman is! Beat Is Protest – Funk from a Female Perspective depicts the last decade underground scene of the funk women protesters in São Paulo. The testimonies come from transgender and cisgender women who navigate this universe in different roles, such as singers, DJs, beat-makers, producers, entrepreneurs, rappers, dancers, and also from drag queens.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Mayara Efe
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Sabrina Ferreira & Ana Maia
ROTEIRO **WRITER**
Mayara Efe & Michelle Bianca
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Giovanna Gil
EDIÇÃO **EDITOR**
Mayara Efe & Michelle Bianca
ELENCO **CASTING**
Renata Prado, Juju ZL, Pablo Vittar, Linn da Quebrada, Amanda Coelho, Kiara Felipe, Rubia Mara, MC Dezyrre, Meeduza, Urias, Badsista, Kaya Conky, Mc Keron, Mc Fatinossa & Mafalda
CONTATO **CONTACT**
mayaraefe@gmail.com

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
Universidade Metodista



Cancha - Domingo É Dia de Jogo

Sunday Is Soccer Day

BRASIL, 2020, 18'

Há 20 anos, a Vila Verde encontrou no futebol de várzea o caminho para a autonomia da comunidade. Através da paixão de Carlinhos, vemos a trajetória do Campeonato de Futebol da Vila Verde.

Vila Verde has found the path for its autonomy as a community in the waste ground soccer 20 years ago. Through Carlinhos's passion, we can see the trajectory of the Vila Verde Soccer Tournament.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Welyton Crestani
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Welyton Crestani
ROTEIRO **WRITER**
Nat Araújo, Jade Azevedo & Welyton Crestani
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Welyton Crestani
EDIÇÃO **EDITOR**
Dejean França & Welyton Crestani
ELENCO **CASTING**
Carlos César
CONTATO **CONTACT**
crestaniwelyton@gmail.com

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
IFPR - Instituto Federal do Paraná



Cantos de Origem

Crossing Out Loud

BRASIL, 2019, 20'

Qual é o lugar de fala das mulheres migrantes na antropofágica São Paulo? Quais os extremos desse território? Em Cantos de Origem, as vozes de três cantoras migrantes são entrelaçadas com música e percorrem o coração econômico da América Latina, resgatando suas origens enquanto projetam seu futuro sem fronteiras.

What is the migrating women's speaking place in the anthropophagic city of São Paulo? What are the farthest reaches of this territory? In Crossing Out Loud, the voices of three migrant women are intertwined with music, journeying into the economic heart of Latin America and rediscovering its origins as they design their future without borders.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Marcella Ferrari, Brenda Zacharias, Paulina Meza, Chico Sales & Gislene Nogueira

PRODUÇÃO **PRODUCER**
Marcella Ferrari, Brenda Zacharias, Paulina Meza, Chico Sales & Gislene Nogueira

ROTEIRO **WRITER**
Marcella Ferrari, Brenda Zacharias, Paulina Meza, Chico Sales & Gislene Nogueira

FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Marcella Ferrari, Brenda Zacharias, Paulina Meza, Chico Sales & Gislene Nogueira

EDIÇÃO **EDITOR**
Marcella Ferrari, Brenda Zacharias, Paulina Meza, Chico Sales & Gislene Nogueira

ELENCO **CASTING**
Jéssica Areias, Nduduzo Siba & Pitoniza Gómez

CONTATO **CONTACT**
marcellaferrari.jor@gmail.com

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
Academia Internacional de Cinema



Cerrado de Volta: A Restauração na Chapada dos Veadeiros

Cerrado Restored: Rehabilitation in Chapada dos Veadeiros

BRASIL, 2019, 14'

Na contramão do desmatamento, moradores da Chapada dos Veadeiros e pesquisadores se empenham na restauração de áreas degradadas por pastagens e incêndios. Todos os anos, eles se reúnem em Alto Paraíso para discutir pesquisas que ajudam a trazer o cerrado de volta. Em 2019, acompanhamos o VII Encontro de Pesquisadores da Chapada dos Veadeiros, realizado na cidade de Alto Paraíso (GO).

Running counter to the practice of deforestation, researchers and residents of the Chapada dos Veadeiros have committed to restore de areas affected by pastures and fires. Every year they gather in the city of Alto Paraíso to discuss research works that could help bring back the Cerrado. In 2019 we followed the VII Gathering of Researchers of Chapada dos Veadeiros, hosted in the city of Alto Paraíso (state of Goiás).



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Cleisyane Quintino

PRODUÇÃO **PRODUCER**
Cleisyane Quintino

ROTEIRO **WRITER**
Cleisyane Quintino

FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Maurício Neves

EDIÇÃO **EDITOR**
Raíssa Ferreira e Ig Uractan

CONTATO **CONTACT**
cleisyanelq@gmail.com

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
UnB - Universidade de Brasília



Cidade de Quem Corre

Hastened City

BRASIL, 2019, 11'

Documentário sobre o cotidiano de entregadores de aplicativos que percorrem a cidade de São Paulo em bicicletas.

Documentary showing the day-by-day of bike riders for food delivery apps who race across the city of São Paulo at all hours of day and night



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Fernando Martins
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Pedro Valentim, Giulia Soeiro & Diego Barbosa
ROTEIRO **WRITER**
Fernando Martins & Larissa Darc
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Flávio Fonseca, Giulia Soeiro & Larissa Darc
EDIÇÃO **EDITOR**
Lucas Martins
CONTATO **CONTACT**
leonardo@inbrasilcultural.com.br

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
É NÓIS NA FITA



Como se Fossem Máquinas

As If They Were Machines

BRASIL, 2018, 28'

Documentário que discute a escravidão contemporânea na construção civil – “Sabe-se que hoje não se encontra mais a figura do antigo escravo negro, acorrentado a uma bola de ferro. Porém, esse é o estereótipo que aparece no imaginário das pessoas” – e seu terrível impacto na vida dos trabalhadores.

Documentary discussing contemporary slavery in civil construction – “It is a well-known fact that the image of black slaves shackled by iron ball and chain is not to be seen today. However, this is the stereotype present in the collective imagination” – and its terrible impact on the workers’ lives.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
João de Mari
PRODUÇÃO **PRODUCER**
João de Mari, Leonardo Nascimento & Paula Ferraz
ROTEIRO **WRITER**
João de Mari, Leonardo Nascimento & Paula Ferraz
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
João de Mari
EDIÇÃO **EDITOR**
Tamires Cardoso
ELENCO **CASTING**
Antônio*, Amarilis Costa, Avilson de Santana, Carlos Bezerra Junior, Livia Ferreira, Ruy Cavalheiro & Vanderlei Lemos
CONTATO **CONTACT**
joademari@gmail.com

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
UMC - Universidade
de Mogi das Cruzes



Contratempos

Setbacks

BRASIL, 2019, 8'

Quando Isaac rasga a calça a caminho de um importante teste de violino que poderá mudar seu futuro, seu pai Kleber conta os minutos para o teste procurando uma costureira com o filho.

When Isaac rips his pants on the way to an important violin audition that might change his future, his father Kleber counts the minutes for his son's audition while they both search for a seamstress.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Matheus Santos
PRODUÇÃO *PRODUCER*
Luiz Santana
ROTEIRO *WRITER*
Alexandre Gabriel
FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Beatriz Alcântara
EDIÇÃO *EDITOR*
Eduardo Vinícius
CONTATO *CONTACT*
leonardo@inbrasilcultural.com.br

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
É NÓIS NA FITA



Cor de Pele

Skin Color

BRASIL, 2019, 4'

Cor de Pele se enuncia através de um poema, retratando questões que permeiam a vida de mulheres negras, como o machismo e o racismo, mas também a ancestralidade e a força que essas mulheres encontram em sua união, entendendo que essas narrativas, apesar de distintas, estão calcadas em uma mesma raiz.

Skin Color sets itself out through a poem, depicting issues such as sexism and racism – which permeate the lives of black women – and also the ancestry and strength these women find in their unity as they understand that these narratives, despite being distinct, stem from the same root.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Larissa Barbosa
PRODUÇÃO *PRODUCER*
Lorena Scarpel & Dalila Prado
ROTEIRO *WRITER*
Larissa Barbosa & Isabela Israel
FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Ana Clara Martins
EDIÇÃO *EDITOR*
Rynnard Dias & Larissa Barbosa
ELENCO *CASTING*
Aislene da Silva Lopes, Alberto Leon Hernao, Ana Cecilia Pereira Souza, Caio Cesar de Assunção, Daniella Choco Nazant, Eliana Del Rosario, Eliziane Batista, Joelma de Brito, Ellen Santos da Silva, Fabíola Loide Vicente, Felipe Abner Ramos Alecrim, Hermine Alcin, Izábia Coutinho da Silva, Isac Morais Lages, Jhey Rodrigues, João Emanuel Barbosa, Joana Gonçalves da Silva, Marcos Vinícius Batista, Suelly Souza Terezinha Ribeiro dos Santos, Thiago Pagani Silva e Victor Jardimetti Gimenes.
CONTATO *CONTACT*
icm.isabela@gmail.com

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana



Correntes

Sealed

BRASIL, 2020, 15'

Mãe, esposa e filha falam sobre a realidade de se conviver com a ausência de um ente querido encarcerado.

Mother, wife, and daughter discuss the reality of having to live with the absence of an incarcerated loved one.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Charles dos Santos
 PRODUÇÃO **PRODUCER**
Gabriela Marciano & Guilherme Carvalho
 ROTEIRO **WRITER**
Charles dos Santos
 FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Leonardo Grecco
 EDIÇÃO **EDITOR**
Leonardo Grecco
 CONTATO **CONTACT**
charlescristiano49@gmail.com

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
USP - Universidade de São Paulo



De Canto em Canto

Walking and Singing

BRASIL, 2019, 13'

Nascido no dia do músico, Francisco Alves é um reciclador que encanta as pessoas com sua linda voz enquanto busca o sustento da sua família através das coisas que encontra pelas ruas. Apesar da imensa dificuldade econômica, Francisco acredita que a música o ajuda a ser um homem melhor e mais feliz.

Born on the musician's day, Francisco Alves is a recycler who delights people with his beautiful voice while searching the streets for things that will help him bring food to the table of his family. Despite his huge financial difficulties, Francisco believes music can help him be a better and happier man.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Júlia Maria
 PRODUÇÃO **PRODUCER**
Mário Zeymison & Rayza Rodrigues
 ROTEIRO **WRITER**
Júlia Maria
 FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Raí Araújo
 EDIÇÃO **EDITOR**
Júlia Maria & Raí Araújo
 ELENCO **CASTING**
Francisco Alves
 CONTATO **CONTACT**
mariozeymison1982@gmail.com

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
Escola Estadual Humberto Mendes



Desculpe Interromper o Silêncio de Sua Viagem

Sorry to Disturb Your Commute

BRASIL, 2018, 12'

Documentário que retrata o dia a dia dos vendedores ambulantes do Rio de Janeiro. Eles contam seus sonhos, anseios e a dura realidade que enfrentam todos os dias nos ônibus da cidade.

Documentary about the day-by-day of street vendors in Rio de Janeiro. They tell their dreams, longings, and the harsh reality faced inside the city buses every day.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Maiara Astarte
 PRODUÇÃO *PRODUCER*
Matheus Braz
 ROTEIRO *WRITER*
Maiara Astarte
 FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Felipe Paiva
 EDIÇÃO *EDITOR*
Leonardo Bremer
 CONTATO *CONTACT*
eumaiaraastarte@gmail.com

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
**Curso Cinema, Criação e
 Pensando da Pontifícia
 Universidade Católica
 do Rio de Janeiro**



Elemento Suspeito

The Usual Suspect

BRASIL, 2019, 9'

Um retrato da relação de jovens negros da periferia com a atividade policial.

A portrait of the relationship of young black people living in the poor outskirts of the city with the police activity.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Gustavo Paixão
 PRODUÇÃO *PRODUCER*
Adriano Solidário
 ROTEIRO *WRITER*
**Viviane Santos &
 Gustavo Paixão**
 FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Gleice Kelle
 EDIÇÃO *EDITOR*
Leticia Lakatos
 CONTATO *CONTACT*
**leonardo@
 inbrasilcultural.com.br**

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
É NÓIS NA FITA



Entre Mães

Mothers

BRASIL, 2019, 25'

Através de entrevistas com 3 mães de origens e vivências diferentes, *Entre Mães* discute os locais comuns presentes no universo da mulher e da mãe. Buscando questionar a existência de um amor materno incondicional, o documentário discursa acerca do papel da mulher na sociedade e cria um espaço de escuta e reflexão.

Based on interviews with 3 mothers of different origins and backgrounds, Mothers discusses what the common places in the woman and mother universe are. Seeking to question the existence of a maternal unconditional love, the documentary addresses the role of the woman in society, creating a space for listening and thinking.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Nicolay Cruvinel
PRODUÇÃO *PRODUCER*
Nicolay Cruvinel
ROTEIRO *WRITER*
Nicolay Cruvinel
FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Aline Gonçalves
EDIÇÃO *EDITOR*
Olivia Cabral & Amanda Montanini
CONTATO *CONTACT*
nicolaycruvinel@gmail.com

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
Centro Universitário Senac



Estado de Neblina

State of Fog

BRASIL, 2019, 19'

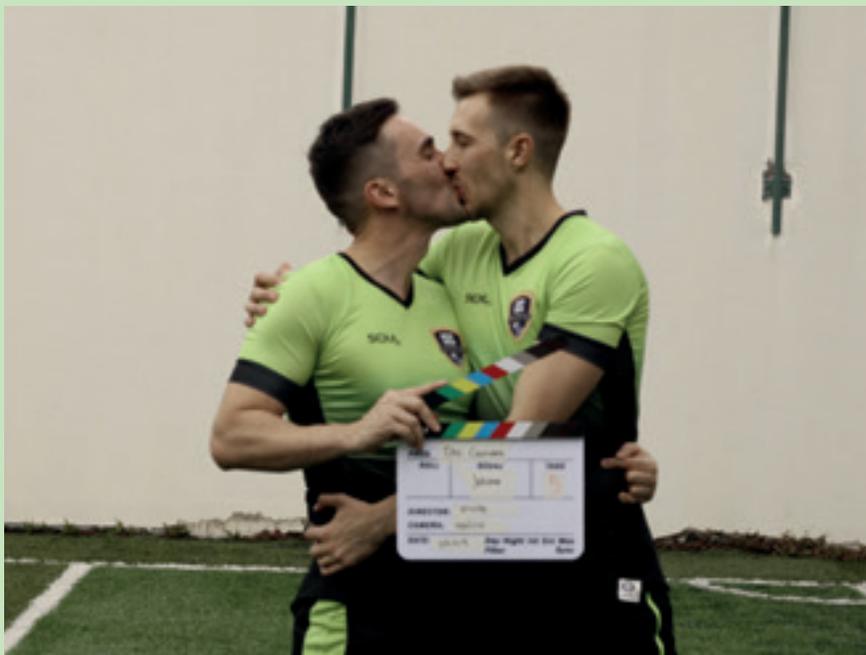
Numa quebrada em ruínas, um grupo de adolescentes vive à deriva, até que um deles adentra a floresta assombrada para saber o que há adiante.

A group of teenagers live adrift in a hood in ruins, until one of them takes a walk through the spooky woods eager to discover what lies further ahead.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Bruno Ramos
PRODUÇÃO *PRODUCER*
Renata Ricardini
ROTEIRO *WRITER*
Bruno Ramos
FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
William Oliveira
EDIÇÃO *EDITOR*
Diego Camara
ELENCO *CASTING*
JF MC, Julia Ferreira, Luiza Prado Santos, Murilo Monteiro & Pedro Felipe Santos Souza
CONTATO *CONTACT*
bruno.emmanuel1991@gmail.com

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
Centro Universitário Senac



Hoje Eu Não Fico no Vestiário

Coming out of the Locker Room

BRASIL, 2019, 12'

Não é novidade que o esporte move paixões, especialmente quando se trata de futebol no Brasil. Mas nem todas as formas de amor são permitidas dentro e fora de campo. Nesse cenário, o time poliesportivo curitibano Capivara Esporte Clube relata as suas experiências no combate à homofobia e na inclusão de homens e mulheres homossexuais no esporte tradicional.

People are driven by their passion for sports, which is nothing new when it comes to football in Brazil. Yet not all forms of love are allowed inside and outside the field. In this scenario, the multi sport team from the Southern State of Curitiba, Capivara Esporte Clube, tells its experience in fighting homophobia and trying to include both male and female homosexuals in the traditional sport.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Nicole Lopes
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Guilherme Busato
ROTEIRO **WRITER**
Nicole Lopes
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Carlos Matrix & Sabrina Gues
EDIÇÃO **EDITOR**
Guilherme Busato & Sabrina Gues
ELENCO **CASTING**
Carlos César, Capivara Futebol Clube
CONTATO **CONTACT**
busato.guilherme51@gmail.com

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
UFPR - Universidade
Federal do Paraná /
Hollywood Film Academy



Hoje Sou Felicidade

Today I'm Happiness

BRASIL, 2019, 20'

Em *Hoje Sou Felicidade*, Aldir Felicidade, negro, cadeirante, periférico e intérprete de samba 14 vezes campeão de desfile das escolas de samba no carnaval de Recife, conta: se faz samba, não é apesar das dificuldades, mas para enfrentá-las.

In Today I'm Happiness, Aldir Felicidade, black, wheel-chair bound, a resident of the poor outskirts and samba singer – 14 times carnival champion in the carnival parades in Recife –, says: you do samba not despite your difficulties, but rather to face them.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
João Luís & Tiago Aguiar
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Myrianna Albuquerque
ROTEIRO **WRITER**
João Luís & Tiago Aguiar
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Lucas Ceccino, Sylara Silvério & Tiago Aguiar
EDIÇÃO **EDITOR**
Tiago Aguiar
CONTATO **CONTACT**
tiagozevedodeaguiar@gmail.com

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
UFPE - Universidade
Federal de Pernambuco



Nem Puta nem Santa

Neither Whore nor Saint

BRASIL, 2019, 7'

A partir de seu lugar de fala, a diretora Alana Ferreira vive Bruna, uma travesti de 40 anos do interior de Goiás. No dia de seu aniversário, percorremos com ela um caminho de desejo e coragem.

From her speaking place, female director Alana Ferreira plays Bruna, a 40-year-old cross-dresser from the countryside of the state of Goiás, in central Brazil. On her birthday, she walks us through a path of desire and courage.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Alana Ferreira
 PRODUÇÃO *PRODUCER*
Alana Ferreira
 ROTEIRO *WRITER*
Alana Ferreira
 FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Hélio Simplicio
 EDIÇÃO *EDITOR*
Alana Ferreira
 ELENCO *CASTING*
Alana Ferreira
 CONTATO *CONTACT*
mirrafilmes@hotmail.com

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
 EDUCATIONAL INSTITUTE
IFG - Instituto
Federal de Goiás



O Garoto do Fim do Mundo

The Boy from the End of the World

BRASIL, 2019, 20'

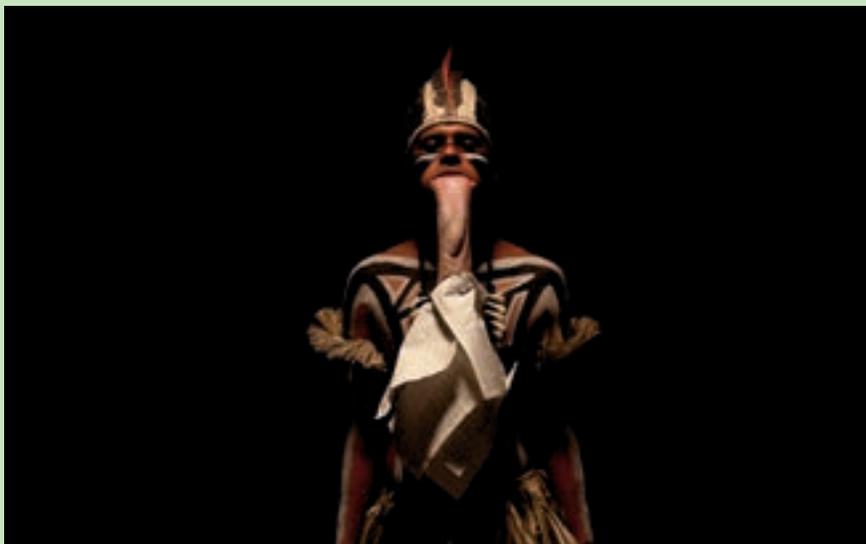
Quando seu pai, um caminhoneiro, sofre um acidente doméstico que o impede de trabalhar por alguns meses, Gean tem seu futuro colocado em questão: seguir os planos do pai e trabalhar como motorista ou seguir seu sonho de se tornar uma drag queen?

When his father, a truck driver, suffers an accident that prevents him from working for some months, Gean questions his future: should he follow in his father's footsteps and become a truck driver, or follow his dream of becoming a drag queen?



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Antônio Victor & Lailson Brito
 PRODUÇÃO *PRODUCER*
Antônio Victor
 ROTEIRO *WRITER*
Antônio Victor
 FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Antônio Victor & Lailson Brito
 EDIÇÃO *EDITOR*
Lailson Brito
 ELENCO *CASTING*
Aldri Anunciação, Hamilton Junior, Ana Maria Fernandes & Léo Teles
 CONTATO *CONTACT*
antonio_victor_ss@hotmail.com

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
 EDUCATIONAL INSTITUTE
UFRB - Universidade Federal
do Recôncavo da Bahia



O Verbo Se Fez Carne

The Word Became Flesh

BRASIL, 2019, 6'

A invasão dos europeus em Abya Yala nos deixou cicatrizes. Ziel Karapotó utiliza seu corpo para denunciar cinco séculos de colonização e suas consequências nos povos originários.

The European invasion in Abya Yala has left us many scars. Ziel Karapotó uses his body to denounce five centuries of colonization and its consequences on the native people.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Ziel Karapotó
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Ziel Karapotó
ROTEIRO **WRITER**
Ziel Karapotó
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Tata Quintero
EDIÇÃO **EDITOR**
Tata Quintero & Karkará
Tunga Tarairiu
CONTATO **CONTACT**
zielmendess@gmail.com

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
UFPE - Universidade
Federal de Pernambuco



Perpétuo

Perpetual

BRASIL, 2018, 24'

Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, Rio de Janeiro: Silvia e Alex voltam a morar juntos. As ruínas do passado se atualizam no presente. Vida em movimento.

Nova Iguaçu, metropolitan region of Rio de Janeiro: Silvia and Alex move back in together. The ruins of their past get updated in the present. Life in motion.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Lorrán Dias
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Daniele Araujo & Gabriela Amadei
ROTEIRO **WRITER**
Lorrán Dias
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Suelen Menezes
EDIÇÃO **EDITOR**
Clarissa Ribeiro
ELENCO **CASTING**
Rainha Timbuca, Gustavo Dias, Edna Toledo, Kesia Farias, Elvecio Martins & Marilda Batista
CONTATO **CONTACT**
lorrandiasdesousa@gmail.com

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
UFRJ - Universidade
Federal do Rio de Janeiro



Território: Nosso Corpo, Nosso Espírito

Territory: Our Body, Our Spirit

BRASIL, 2019, 27'

Atualmente, as mulheres indígenas estão mobilizadas e organizadas, assumindo a linha de frente nas reivindicações e demandas dos povos originários. Elas resistem em um cenário pessimista em relação às políticas para a garantia dos direitos e de permanência em seus territórios, buscando espaços, como o Acampamento Terra Livre (ATL), para denunciar as constantes violações. A fim de testemunhar essas posições políticas, o documentário evidencia diferentes mulheres indígenas, apresentando pautas que atravessam as diferenças dos grupos étnicos e conformam as singularidades das mulheres A'uwe Xavante.

Today, indigenous women are mobilized and organized, taking the lead in the claims and demands of the native peoples. They resist in a pessimistic scenario concerning policies to guarantee their rights and ensure they can remain in their territories, seeking spaces such as the Acampamento Terra Livre [Free Land Camp] to denounce the constant violations. Intending to act as a witness of these political positions, the documentary shows different indigenous women, addressing issues that go beyond the differences among ethnic groups and shape the singularities of the A'uwe Xavante women.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Clea Torres & João Paulo Fernandes
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Clea Torres Guedes
ROTEIRO **WRITER**
Clea Torres Guedes
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
João Paulo Fernandes
EDIÇÃO **EDITOR**
João Paulo Fernandes
CONTATO **CONTACT**
joaopaulo.sst@gmail.com

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
UFMT - Universidade
Federal de Mato Grosso



Vidas Que Correm

Runaway Lives

BRASIL, 2019, 10'

Documentário realizado por jovens estudantes do ensino médio de um colégio de Jundiá, *Vidas que Correm* mostra que a degeneração do rio que corta a cidade tem um severo impacto na paisagem social e transtorna a vida dos moradores que habitam ao seu redor.

A documentary made by young high-school students from a school located in the city of Jundiá, Runaway Lives shows that the degeneration of the river cutting through the city has a strong impact on its social landscape, transforming the lives of the residents living in areas surrounding it.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Coletivo de Alunos
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Coletivo de Alunos
ROTEIRO **WRITER**
Coletivo de Alunos
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Coletivo de Alunos
EDIÇÃO **EDITOR**
Fabrício Borges & Coletivo de Alunos
ELENCO **CASTING**
Antônio, Alaide, Creuza & Adriano
CONTATO **CONTACT**
fabriciobpf@gmail.com

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
Colégio Paulo Freire Jundiá



Vivi Lobo e o Quarto Mágico

Vivi Wolf and the Magical Room

BRASIL, 2019, 13'

Muito prazer! Meu nome é Vivi Lobo. Essa história é sobre as portas que devemos abrir ao longo da vida, enquanto humanos, enquanto meninas.

Nice to meet you! My name is Vivi Wolf. This story is about the doors we must open throughout our lives, both as humans and as girls.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Isabelle Santos & Edu MZ Camargo
PRODUÇÃO *PRODUCER*
Anne Lise Ale
ROTEIRO *WRITER*
Isabelle Santos & Edu MZ Camargo
FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Nathalia Cavalcante
EDIÇÃO *EDITOR*
Thalita Zukeram
ELENCO *CASTING*
Uyara Torrente, Ana Luisa Caron, Danielle Rocha, Isabele Blasius, Luiza Ribeiro Bravim & Victor Hugo Filartiga
CONTATO *CONTACT*
julieta.audiovisual@gmail.com

INSTITUIÇÃO DE ENSINO
EDUCATIONAL INSTITUTE
UFPR - Universidade Federal do Paraná

Clássicos & Premiados

Classics & Ecofalante Award Winners

A 9ª Mostra Ecofalante de Cinema abre uma importante janela para se discutir o estado do mundo. E isso ocorre no momento em que a crise sanitária escancara as diferenças brutais no Brasil. As pesquisas não negam – negros e pardos e grupos com menor escolaridade e renda são as maiores vítimas da Covid-19. E, como se não bastassem os milhares de mortos, os milhões de infectados, as queimadas e o desmatamento são o espetáculo nosso de cada dia.

Tudo isso já seria uma tragédia, mas a conjuntura brasileira ainda inclui os ataques à cultura, o desmonte do audiovisual e o descaso com a Cinemateca Brasileira, que pode destruir uma parte significativa da memória do país.

Vivemos hoje no Brasil dilacerados entre o otimismo da vontade e o pessimismo da razão. Mais até que a irresponsabilidade, a insensibilidade de quem manda cobra seu

The 9th Ecofalante Film Festival opens an important window for the discussion of the current state of the world. It takes place at a time when the health crisis is exposing the brutal inequalities in Brazil, which researches only confirm: blacks and mulattos, and the less educated and less privileged are the biggest victims of Covid-19. Added to that, the thousands of dead, the millions of infected, the fires and the deforestation are our daily horror show.

To make matters worse, the Brazilian nightmare includes attacks on culture, the dismantling of the audiovisual industry and the utter carelessness towards the Cinemateca Brasileira (Brazilian Film Archive), which can destroy a significant part of the country's memory.

Today in Brazil we are torn between the optimism of will and the pessimism of reason. More than the irresponsibility – the insensitivity of those in command takes its toll. It is time to feed on our classics, as proposed by the ninth virtual edition of Ecofalante. The Classics and Ecofalante Award Winners program rescues the eternal Silvio Tendler, honored in last year's edition, besides Vincent Carelli, Jorge Bodanzky, Orlando Senna, Wolf Gauer, Hermano Penna, Aurélio Michiles, Ricardo Dias and Evaldo Mocarzel; and also brings new talents such as Márcio Isensee e Sá, André Campos, Carlos Juliano Barros, Cauê Angeli, Marcelo

preço diariamente. É hora de nos alimentarmos de nossos clássicos, como propõe a nona edição, toda ela virtual, da Ecofalante. O programa *Clássicos e Premiados* resgata o eterno Silvio Tendler, homenageado na edição do ano passado, além de Vincent Carelli, Jorge Bodanzky, Orlando Senna, Wolf Gauer, Hermano Penna, Aurélio Michiles, Ricardo Dias e Evaldo Mocarzel; e traz ainda novos talentos como Márcio Isensee e Sá, André Campos, Carlos Juliano Barros, Cauê Angeli, Marcelo Pedroso, Tatiana Almeida e Ernesto de Carvalho. Jorge Bodanzky, homenageado pela Mostra em 2014, ganha uma retrospectiva com oito títulos, um deles a sua célebre parceria com Orlando Senna, *Iracema – Uma Transa Amazônica*, e outros três com Wolf Gauer.

O que todos esses filmes têm a nos dizer é muito forte. Silvio Tendler põe o “dedo na ferida”. Quem o acompanha conhece a militância. Silvio acredita no cinema como uma arma de luta, como ferramenta de reflexão e pensamento. Discute o dinheiro na sociedade contemporânea e a forma como os grandes conglomerados, em especial os bancos, concentram a riqueza e sacramentam a exclusão.

Silvio é contundente. Seu filme traz um depoimento de Costa-Gavras, o cineasta greco-francês que fez todos aqueles filmes engajados nos anos 1960, 70 e até 80. Através de *Z, A Confissão, Estado de Sítio e Missing (Desaparecido, Um Grande Mistério)*, sobre o envolvimento dos EUA no golpe militar no Chile, é possível entender o des-

Pedroso, Tatiana Almeida and Ernesto de Carvalho. Jorge Bodanzky, honored by the Festival in 2014, wins a retrospective with eight titles, one of them – his famous partnership with Orlando Senna, Iracema, and three others with Wolf Gauer.

All these films have a very strong message. Silvio Tendler touches a sore spot. Those who follow him are aware of his mission. Silvio believes in cinema as a weapon of struggle, as a tool for reflection and thought. He discusses money in contemporary society and the way large conglomerates, especially banks, concentrate wealth and officialize exclusion.

Silvio is blunt. In his film, there is a statement by Costa-Gavras – the Greek-French filmmaker who made all those engaged films in the 1960s, 70s and even 80s. Through Z, The Confession, State of Siege and Missing, about the US involvement in the military coup in Chile, it is possible to understand the dismantling of political and community organizations that got us to the present moment. The graphs do not lie – from 2010 to 2015, the poor became 38% poorer and the rich 45% richer. Back to the health crisis, every day the surveys point to an increase in unemployment. Absolute horror. Without money and basic sanitation, those at the bottom of the social pyramid struggle to survive. There is no solution without solidarity. The statistics on the TV news showing the advance of the virus among the traditionally vulnerable native populations are

monte das organizações políticas e comunitárias para se chegar ao momento atual. Os gráficos não mentem – de 2010 a 2015, os pobres ficaram 38% mais pobres e os ricos, 45% mais ricos. De volta à crise sanitária, todo dia as pesquisas apontam para um aumento do desemprego. O horror, o horror. Sem dinheiro e sem saneamento básico, a base da pirâmide social vira-se como pode. Sem solidariedade, não há solução. No noticiário de TV não causam mais espanto as estatísticas que mostram o avanço do vírus entre as populações nativas, tradicionalmente vulneráveis. É mais um capítulo a acrescentar ao que Vincent Carelli, homenageado pela Mostra em 2017, já documentou em **Corumbiara** e **Martírio**. O massacre numa gleba no sul de Rondônia, em 1985, é o fio através do qual **Corumbiara** documenta como fazendeiros, madeireiros, posseiros e grileiros avançam sobre territórios indígenas, impedindo a demarcação e promovendo o desmonte da Funai – agudizado no atual governo.

Martírio, como o próprio título indica, aborda a violência sofrida pelo grupo Guarani Kaiowá, num processo de destruição que tem origem na Guerra do Paraguai. Codirigido por Tatiana Almeida e Ernesto de Carvalho, o filme tem momentos que valem por mil palavras – as crianças brincando na aldeia, em contato com a natureza, e os adultos sofridos em que se transformaram pela sistemática espoliação dos seus direitos. O homem que reclama que não tem mais o que caçar na reserva e o arrogante

no longer a surprise. This is another chapter to add to what Vincent Carelli, honored by the Festival in 2017, had already registered in Corumbiara: They Shoot Indians, Don't They? and Martírio. The massacre in a village in southern Rondônia in 1985 is the thread with which Corumbiara registers how farmers, loggers and squatters advance over indigenous territories, preventing demarcation and promoting the dismantling of FUNAI, exacerbated by the current government.

Martírio [martyrdom], as the very title indicates, addresses the violence suffered by the Guarani Kaiowá group, in a process of destruction that originated in the War of Paraguay. Codirected by Tatiana Almeida and Ernesto de Carvalho, the film has moments that are worth a thousand words – the children playing in the village, in contact with nature, and the distressed adults they have become, suffering from the systematic spoliation of their rights. The man who complains that he has nothing left to hunt in the reserve and the arrogant representative of the wealthy landowners in the Congress, who asks “why hunt?” if the remaining Kaiowas are living at the expense of the government, receiving basic food baskets? So much cynicism, if not sordidness, of the ruling class, eventually moves Carelli to tears. As excessive as it may seem, it has grounds. The extermination of the indigenous people becomes a path to economic progress.

representante do latifúndio no Congresso, que pergunta “caçar para quê?”, se os remanescentes kaiowás já vivem às custas do governo, recebendo cestas básicas? Tanto cinismo, para não dizer sordidez da classe dominante, leva Carelli às lágrimas no final. Por excessivo que pareça, tem fundamento. O extermínio do indígena vira condição para o progresso econômico.

Com **Fronteira das Almas** e **Mario**, Hermano Penna procura acompanhar as mudanças nas relações do país com a Amazônia. Da Amazônia do “Inferno Verde”, impenetrável, à Amazônia como o último pasto do colonialismo interno. Logo, temos **Brasil S/A**, de Marcelo Pedroso. O cortador de cana que vive o processo de transformação com a chegada das máquinas à lavoura e que luta para se converter no primeiro astronauta brasileiro. O grande salto – do atraso à modernidade. De todos esses filmes, é o mais estranho – inclassificável. Sátira social? O S/A no título não deixa margem à dúvida: o Brasil virou um imenso modelo de companhia com fins lucrativos, sabemos todos para quem. A tal modernidade já estava lá atrás em **Iracema – Uma Transa Amazônica**. **Iracema** surgiu em plena ditadura cívico-militar, quando o governo Médici resolveu criar a rodovia BR230, com uma extensão implantada de mais de 4 mil km, com o objetivo de integrar o Norte ao resto do país. A obra nunca foi concluída e, desde a origem, sofreu ataques de ambientalistas e povos indígenas por provocar desmatamento e disputas por terras.

With Souls' Boundary and Mario, Hermano Penna attempts to follow the changes in the country's relationship with the Amazon. From the “Green Hell” Amazon, impenetrable, to the Amazon as the last pasture of internal colonialism. Then, we have Brazilian Dream, by Marcelo Pedroso: the sugarcane cutter who experiences the transformation that comes with the arrival of the machines at the plantation and who fights to become the first Brazilian astronaut – a huge leap from backwardness to modernity. It is the strangest film of all – impossible to define. Social satire? It leaves no room for doubt: Brazil has become an immense profit-oriented model of company; we all know for whom. Such modernity was already back there in Iracema. Iracema appeared in the midst of the civic-military dictatorship, when the Medici administration decided to create the BR230 highway, with an implanted extension of more than 4 thousand km, to create a new highway to connect the North to the rest of the country. The work was never completed, and from the very beginning it suffered attacks from environmentalists and indigenous peoples for causing deforestation and land disputes.

In a recently published book – New Frontiers of Documentary, by Piero Sbragia, (Chiado Ed., 2020) – the author analyzes the genre between factuality and fictionality, on the edges. Orlando Senna is interviewed. He theorizes over the documentary's commitment to the

Num livro recém editado – *Novas Fronteiras do Documentário*, de Piero Sbragia, (Chiado Ed., 2020) –, o autor analisa o gênero entre a factualidade e a ficcionalidade, nas bordas. Orlando Senna é entrevistado. Teoriza sobre o comprometimento do documentário com a verdade e relativiza a questão. Ninguém é isento ao escolher uma parte da realidade para filmar. E, se não é a realidade inteira, mas uma parte, onde está a verdade? *Iracema* é um marco nesse híbrido de fato e ficção. Orlando Senna conta como a linguagem estética do filme foi nascendo à medida que Bodanzky e ele mais se aproximavam do objeto que queriam filmar. Os dois fizeram uma longa viagem de pesquisa. Colocaram no filme o que encontraram na estrada. A despeito da presença numericamente superior de indígenas, os caminhoneiros tinham a presença mais forte. Esse tipo de homem fomentava a prostituição, e de preferência a infantil, com mulheres bem novinhas. A Transamazônica virou Transa Amazônica e a integração nacional virou a degradação do corpo jovem feminino. Foi a verdade que Bodanzky e ele descobriram na estrada, filmando *on the road*.

A reação da ditadura foi imediata e *Iracema*, tão logo foi lançado, em 1974, entrou no índice da Censura e ficou interdito por seis longos anos, até 1980. Durante todo esse tempo, criou-se uma espécie de culto ao grande filme inovador e contestador. Paulo César Pereio, um ator emblemático do Cinema Novo, substituiu o Gaúcho/Átila

truth. He relativizes this idea by arguing that no one is unbiased when choosing what part of reality to film – if it is just part of reality rather than the whole reality, then where is the truth? Iracema is a milestone in this hybrid of fact and fiction. Orlando Senna describes how the aesthetic language of the film was born as he and Bodanzky got closer to the object they wished to film. They both took a long research trip. They included what they found on the road in the film. Despite the numerically superior presence of indigenous people, the truck drivers had the strongest presence. This type of man encouraged prostitution – preferably child prostitution, with very young women. The Transamazonica (Transamazonian Highway) became Transa Amazônica (Amazonian Fuck), and national integration became the degradation of the young female body. That was the truth that he and Bodanzky discovered on the road, shooting.

The reaction of dictatorship was immediate and Iracema, as soon as it was launched in 1974, entered the Censorship index and was banned for six long years, until 1980. During all this time, a kind of cult was created around the great innovative and contesting film. Paulo César Pereio, an emblematic actor of Cinema Novo, replaced the Gaúcho/Átila lório, Ruy Guerra's truck driver in The Guns, ten years earlier. The very title – Iracema – is an anagram of America, but this was a discovery by José de Alencar himself when he created his

lório, caminhoneiro de Ruy Guerra em *Os Fuzis*, dez anos antes. O próprio título – *Iracema* – é um anagrama de América, mas essa era uma descoberta do próprio José de Alencar, quando criou sua virgem dos lábios de mel. Há 40 e poucos anos, portanto, havia uma situação concreta de censura. Passado todo esse tempo – a redemocratização, a Constituinte – o controle de conteúdo no audiovisual voltou com força. Já antes da pandemia, ao longo de todo o ano de 2019, tudo foi feito, pelo governo federal, para tentar calar a oposição no audiovisual. Rememorando, Bodanzky havia feito sua formação cinematográfica na Alemanha, na Universidade de Ulm. No Brasil, a par da dupla com Senna – que prosseguiu em *Gitirana* –, teve outro importante parceiro em Wolf Gauer.

A Mostra resgata três filmes que fizeram juntos – *Os Mucker, Jari* e *Terceiro Milênio*. Mesmo que de forma discutível, o episódio dos Mucker costuma ser referido como o Canudos do Sul, com uma equivalente feminina de Antônio Conselheiro. Durante a colonização alemã do Rio Grande do Sul, por volta de 1870, uma família, liderada por uma mulher – Jacobina –, resolve formar uma comunidade inspirada na Bíblia. Rígidos preceitos religiosos, negação do dinheiro como moeda de troca. Cada vez mais a Jacobina era vista por seus seguidores como o Cristo feito mulher. A comunidade passou a ser malvista e foi massacrada por forças do governo – como Canudos. Bodanzky e Gauer contaram essa história com

virgin of honey lips. Therefore, about 40 years ago, there was actual censorship. After all this time, with re-democratization and the Constituent, the control over audiovisual content returned at full force. Even before the pandemic, throughout 2019, the federal government did everything within its reach to try to silence the opposition in the audiovisual industry. Bodanzky had studied cinema in Germany, at the University of Ulm. In Brazil, along with the duo with Senna – which continued in Gitirana – he saw another important partner in Wolf Gauer.

The Festival brings back three films they made together – The Muckers, Jari and Third Millennium. As debatable as it may sound, the Mucker episode is usually referred to as the southern Canudos, with a female equivalent of Antônio Conselheiro. During the German colonization of Rio Grande do Sul, around 1870, a family, led by a woman called Jacobina, decided to build a community inspired by the Bible, with rigid religious precepts and a refusal to use money as a bargaining chip. Jacobina was regarded by her followers as the woman Christ. The community, which was considered evil, was massacred by government forces – like Canudos. Bodanzky and Gauer told this story with extreme rigor – on the edges. Many actors were descendants of the Muckers, with the exception of some roles, including that of Jacobina, which was played by a theater actress, Marlise Saueressig. The en-

extremo rigor – nas bordas. Atores naturais, descendentes dos Mucker, com exceção de alguns papéis, inclusive o de Jacobina, interpretada por uma atriz de teatro, Marlise Saueressig. Todo o elenco falava um dialeto germânico, o Hunsruckish, que era difundido na região, na época.

Seria interessante comparar **Os Mucker** com a única experiência de direção do ator Matheus Nachtergaele – *A Festa da Menina Morta*, décadas mais tarde. No filme de Matheus, a comunidade é amazônica, ribeirinha. E, embora estejam ambos nas bordas, **Os Mucker** puxa mais para o fato, enquanto *A Festa* orienta-se para a ficção. Qual é o sentido de desencavar um episódio como esse? O caminhoneiro e a Jacobina são estrangeiros que, cada um à sua maneira, participam de movimentos desestabilizadores da brasilidade. Isso levou Bodanzky e Gauer ao filme seguinte, *Jari*, que tem tudo a ver com o que ocorre hoje na Amazônia. Em pleno governo militar, o milionário norte-americano Daniel Keith Ludwig criou um enclave multinacional entre o Pará e o Amapá. Na época, era a maior ocupação de terras do mundo, com leis próprias e uma devastação brutal – avalizada pelos militares, malgrado seu discurso nacionalista.

O que levou a **Terceiro Milênio** – de novo *on the road* e colhendo depoimentos na Amazônia brasileira e na peruana, o filme discute a sustentabilidade, comprometida pela corrupção na política indigenista e pela facilidade de poluir concedida a empresários que instalam suas fábricas na re-

gion. The truck driver and Jacobina are foreigners who, each in their own way, participate in movements that destabilize the notion of brazilianess. This led Bodanzky and Gauer to their next film, Jari, which resonates entirely with what takes place today in the Amazon. In the midst of the military government, the American millionaire Daniel Keith Ludwig created a multinational enclave between Pará and Amapá. At the time, it was the largest land occupation in the world, with its own laws and brutal devastation – endorsed by the military, despite their nationalist discourse.

That led to Third Millennium – again on the road and collecting testimonies in the Brazilian and Peruvian Amazon, the film discusses how sustainability is compromised by corruption in indigenous politics and by smoothing the way for entrepreneurs to pollute as they set up their factories in the region. They come full circle. And again they touched a sore spot. All pow-

er to the capital, in order to maintain inequality as the touchstone of Brazilian society. Bodanzky never gave up filming the contradictions of Brazil – Navegaramazônia – Uma Viagem com Jorge Mautner (codireção de Evaldo Mocarzel), No Meio do Rio, Entre as Árvores, Era Uma Vez Iracema, Pandemonium. The Classics and Ecofalante Award Winners do not end with these titles.

gião. Fecha-se um ciclo. De novo o dedo na ferida. Todo o poder ao capital para manter a desigualdade como pedra de toque da sociedade brasileira. Bodanzky nunca desistiu de filmar as contradições do Brasil – **Navegaramazônia – Uma Viagem com Jorge Mautner** (codireção de Evaldo Mocarzel), **No Meio do Rio, Entre as Árvores, Era Uma Vez Iracema, Pandemonium**. Os **Clássicos e Premiados** não se esgotam nesses títulos.

Ricardo Dias, em *Rio das Amazonas*, faz uma viagem de Belém a Manaus, com o naturalista Paulo Vanzolini, revelando a ecologia e o modo de vida das populações ribeirinhas do baixo Amazonas. Márcio Isensee e Sá, com **Sob a Pata do Boi** (Menção Honrosa do Júri, na 7ª Mostra Ecofalante, em 2018), investiga a relação da pecuária com o desmatamento na Amazônia. Aurélio Michiles recupera um pioneiro, Silvino Santos – autor das primeiras imagens em movimento de uma Amazônia ainda desconhecida do grande público – em **O Cineasta da Selva**. Mas a questão ambiental não estaria completa sem o trio André Campos, Carlos Juliano Barros e Cauê Angeli. Em 2017, ganharam o prêmio do público, na **Mostra Ecofalante**, com **Não Respire – Contém Amianto**. Presente em diversos aparatos da construção civil – telhas, caixas d'água, etc –, o amianto é uma fibra vegetal altamente cancerígena para quem respira seu pó, causando problemas pulmonares irreversíveis e mortes dolorosas. Os realizadores integram a ONG Repórter Brasil. Mostram como o amianto contaminou trabalhado-

er to the capital, in order to maintain inequality as the touchstone of Brazilian society. Bodanzky never gave up filming the contradictions of Brazil – Navegaramazônia – A Trip with Jorge Mautner (co-directed by Evaldo Mocarzel), Within the River, Among the Trees, Once Upon a Time There Was Iracema, Pandemonium. The Classics and Ecofalante Award Winners do not end with these titles.

Ricardo Dias, in On the River of the Amazons, makes a trip from Belém to Manaus with the naturalist Paulo Vanzolini, revealing the ecology and way of life of the riverside populations of the lower Amazon. Márcio Isensee e Sá, with Grazing the Amazon (Honorable Mention from the Jury at the 7th Ecofalante Festival in 2018), investigates the relationship between cattle raising and deforestation in the Amazon. Aurélio Michiles brings back a pioneer, Silvino Santos – author of the first moving images of an Amazon still unknown to the general public –, in The Filmmaker of the Amazon. But the environmental issue would not be complete without the trio André Campos, Carlos Juliano Barros and Cauê Angeli. In 2017, they won the public's award at the Ecofalante Festival for Do Not Breathe - Contains Asbestos. Present in several civil construction materials – roof tiles, water tanks, etc. –, asbestos is a vegetable fiber highly carcinogenic for those who breathe its dust, causing irreversible pulmonary problems and painful

res no Brasil e no mundo. Em contrapartida, a indústria, indiferente ao sofrimento humano, faz lobby para impedir a proibição da substância e continuar lucrando.

Ainda bem que existe a **Mostra Ecofalante** para nos fazer pensar. O que faremos com essa consciência fica a cargo de cada um, e de todos. Avançaremos na luta?

death. The directors are members of the NGO Repórter Brasil. They show how asbestos has contaminated workers in Brazil and the world. On the other hand, the industry, indifferent to human suffering, lobbies to prevent the prohibition of the substance and continue profiting.

We are fortunate to have Ecofalante to get us to think. Now, what we choose to do with this newly acquired awareness is up to each and every one of us. Will we keep up the fight?

LUIZ CARLOS MERTEN é jornalista e crítico de cinema. Teve passagens pelos jornais Folha da Manhã e Diário do Sul. Atualmente, publica suas críticas no jornal O Estado de S. Paulo. É autor do livro *Anselmo Duarte: O Homem da Palma de Ouro*, publicado pela Imprensa Oficial, entre outros.

LUIZ CARLOS MERTEN is a journalist and film critic. He has worked for the newspapers Folha da Manhã and Diário do Sul. Currently, he writes on O Estado de S. Paulo. He is the author of the book Anselmo Duarte: O Homem da Palma de Ouro (Anselmo Duarte), published by Imprensa Oficial, among others.



Brasil S/A

Brazilian Dream

BRASIL, 2014, 64'

No Brasil dos últimos 500 anos, Edilson esteve cortando cana-de-açúcar. Um dia, as máquinas chegaram e ele deixou o corte para se engajar em sua primeira missão espacial. Um pequeno passo para ele, um salto enorme para o Brasil.

Edilson spent the last five-hundred years of Brazilian history cutting sugar cane. Then, one day, the machines arrived, and he left the cane fields to sign up for his first space mission. One small step for Edilson, a giant leap for Brazil.



DIREÇÃO *DIRECTOR*

Marcelo Pedroso

PRODUÇÃO *PRODUCER*

Livia de Melo, Kika Latache

ROTEIRO *WRITER*

Marcelo Pedroso

FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*

Ivo Lopes Araújo

ELENCO *CAST*

Edilson Silva, Clébia

Souza, Wilma Gomes,

Adeilton Nascimento

CONTATO *CONTACT*

marcelo.pedroso@gmail.com



Corumbiara

Corumbiara: They Shoot Indians, Don't They?

BRASIL, 2009, 117'

Em 1985, o indigenista Marcelo Santos denuncia um massacre de índios na Gleba Corumbiara (RO) e Vincent Carelli filma o que resta das evidências. Bárbaro demais, o caso passa por fantasia e cai no esquecimento. Marcelo e sua equipe levam anos para encontrar os sobreviventes. Duas décadas depois, *Corumbiara* revela essa busca e a versão dos índios.

In 1985, indigenist Marcelo Santos reported the massacre of indigenous people in Corumbiara (in the Amazonian state of Rondônia), and Vincent Carelli filmed what was left of the evidence. Excessively barbaric, the case was understood as folk tale and was soon forgotten. It took Marcelo and his team years to find the survivors. Two decades later, Corumbiara shows that search and the indigenous people's side of the story.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Vincent Carelli
 PRODUÇÃO *PRODUCER*
Vincent Carelli
 ROTEIRO *WRITER*
Vincent Carelli
 FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Vincent Carelli
 EDIÇÃO *EDITOR*
Mari Corrêa
 CONTATO *CONTACT*
olinda@videonasaldeias.org.br



Dedo na Ferida

A Sore Spot

BRASIL, 2017, 90'

O filme trata do fim do estado de bem-estar social e da interrupção dos sonhos de uma vida melhor para todos, em um cenário em que a lógica homicida do capital financeiro inviabiliza qualquer alternativa de justiça social. Milhões de pessoas peregrinam em busca de melhores condições de vida enquanto a perversão do capital só aspira à concentração da riqueza em poucas mãos. Nesse cenário de tensões sociais, artistas e intelectuais lutam para transformar o mundo, levantando temas como os fins dos direitos sociais, o desemprego, o mercado e o consumo. A arte se converte em ferramenta de mudança social, provocando discussões que não interessam ao 1% mais rico.

The film discusses the end of the welfare state and the collapse of dreams of a better life for everyone, in a place where the financial capital's homicidal logic prevents any achievement of social justice. Millions of people migrate in search of better life conditions, while the corrupt capital has only one aim: the concentration of wealth in a few hands. In this scenario of social tensions, artists and intellectuals fight to change the world, bringing up issues such as the end of social rights, unemployment, mass consumption and market. Art has become a tool for social changes, fueling discussions that are of no interest for the richest 1%.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Silvio Tendler
 PRODUÇÃO *PRODUCER*
Ana Rosa Tendler
 ROTEIRO *WRITER*
Silvio Tendler
 FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Lúcio Kodato
 EDIÇÃO *EDITOR*
Francisco Slade
 CONTATO *CONTACT*
executivo@caliban.com.br



Era Uma Vez Iracema

Once Upon a Time There Was Iracema

BRASIL, 2005, 45'

Um making-of dirigido pelo próprio Bodanzky, o documentário discute a linguagem do filme *Iracema* 30 anos depois de sua realização, reunindo entrevistas com os autores, atores, críticos e com os próprios cineastas.

A making-of directed by Jorge Bodanzky, the documentary discusses the language of Bodanzky's own Iracema, produced 30 years earlier, and gathers interviews with the authors, actors, critics and the filmmakers of this classic of Brazilian Cinema.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Jorge Bodanzky
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Marcia Bodanzky
EDIÇÃO **EDITOR**
Marcelo Moraes, Isabel Vidor
ELENCO **CAST**
Edna de Cássia, Paulo César Peréio
CONTATO **CONTACT**
mourarenata@gmail.com



Fronteira das Almas

Souls' Boundary

BRASIL, 1988, 84'

Cassiano recebe um pedaço de floresta virgem num projeto de colonização oficial em Rondônia, mas não tem dinheiro para cultivá-lo. Juntamente com outras pessoas, resolve tomar conta do que lhe foi dado, mas enfrenta todos os tipos de problemas, como a malária e a densa mata virgem, quase impenetrável. Seu irmão Tião vive em uma comunidade de posseiros que ocupam terras devolutas no sul do Pará, enfrentando constantes ataques armados de um grileiro sanguinário. Num crescendo de tensão, as condições de sobrevivência se deterioram, imperando a seca e a miséria.

Cassiano and Tião are brothers living apart from one another in the Amazon. Cassiano holds a tract of land in Rondônia he received from the Brazilian Institute of Land Reform (INCRA). Tião is a squatter in southern Pará. The film tells the story of the two brothers in different situations and dives into the reality of the occupation of the Amazon promoted by the military government. Filmed in 1986, the film predicted a reality that continues to be a cause of concern: land ownership in the Amazon.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Hermano Penna
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Daniel Santiago
ROTEIRO **SCRIPT**
Hermano Penna, Murilo Carvalho
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Antônio Luís Mendes
EDIÇÃO **EDITOR**
Laércio Silva
ELENCO **CAST**
Manfredo Bahia, Joel Barcellos, Fernando Bezerra, Marcélia Cartaxo
CONTATO **CONTACT**
herpenna@uol.com.br



Iracema - Uma Transa Amazônica

Iracema

BRASIL, 1974, 96'

Em 1970, em Belém do Pará, um motorista de caminhão sulista, durante as festas do Círio de Nazaré, conhece Iracema, uma jovem índia prostituída. Dá-lhe uma carona, deixando-a num lugarejo no meio da estrada. A viagem, como todo o filme, serve como pretexto para que sejam mostrados problemas da região – desmatamento, más condições de trabalho e saúde, venda de camponeses – em confronto com a fantasiosa propaganda institucional.

In 1970, a southern truck driver meets Iracema, a young prostitute of indigenous descent, during the religious celebrations of Círio de Nazaré in Belém do Pará, in the Amazonian North. He gives her a lift, dropping her off in a small village at the side of the road. The trip – and the film as a whole – was conceived to show the Brazilian audience the problems of the region: deforestation, precarious working and health conditions and the reality of farmers being sold, all which contrasted greatly with the delirious government propaganda of the Brazilian military regime.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Jorge Bodanzky, Orlando Senna
 PRODUÇÃO **PRODUCER**
Wolf Gauer
 ROTEIRO **SCRIPT**
Orlando Senna
 FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Jorge Bodanzky
 EDIÇÃO **EDITOR**
Laércio Silva
 ELENCO **CAST**
Paulo César Peréio, Edna de Cássia
 CONTATO **CONTACT**



Jari

Jari

BRASIL, 1979, 59'

Documentário filmado na própria área do Projeto Jari – enclave multinacional, localizado entre o Pará e o então Território Federal do Amapá, por ocasião da visita feita ao Projeto pela Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a devastação da Amazônia. Jari é a maior ocupação de terras da Amazônia de que se tem notícia, e provavelmente a maior do mundo, a pertencer a um único proprietário, o milionário norte-americano Daniel Keith Ludwig.

The documentary was shot at the Jari Project – a multinational enclave between the Brazilian state of Pará and what was then called the Federal Territory of Amapá – when a Parliamentary Inquiry Commission on the deforestation of the Amazon visited the place. Jari is the largest tract of land in the Amazon (and probably of the world) belonging to a single owner, American billionaire Daniel Keith Ludwig.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Jorge Bodanzky, Wolf Gauer
 PRODUÇÃO **PRODUCER**
Jorge Bodanzky, Wolf Gauer
 FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Jorge Bodanzky
 EDIÇÃO **EDITOR**
Maria Inês Villares
 ELENCO **CAST**
Evandro Carreira, José Lutzenberger, Modesto da Silveira
 CONTATO **CONTACT**



Mario

Mario

BRASIL, 1999, 85'

Mário, um jovem e bem-sucedido médico paulista, vive em São Paulo uma vida um tanto artificial com a ambiciosa Lúcia. Desiludido com os rumos mercantilistas da profissão, o sufocamento da vida urbana e desencantado com o casamento, Mário se impõe uma encruzilhada. Olha em um mapa uma localidade perdida na fronteira do Mato Grosso com o Pará e decide largar tudo e colocar literalmente o pé na estrada, até chegar a uma Amazônia cheia de conflitos.

Mario, a young and successful doctor from São Paulo lives a somewhat dull and artificial life with Lucia, an ambitious young woman. Disappointed with the demands of his rapacious profession, the smothering urban life and disenchanted with married life, Mario is at a crossroads. He randomly picks a forlorn spot on a map, somewhere between the states of Pará and Mato Grosso, and decides to set off and leave everything behind. On his way to this distant place, he will encounter an Amazon filled with conflict and strife.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Hermano Penna
 PRODUÇÃO **PRODUCER**
Álvaro Pedreira, Cely Monteiro, Luiz Borges
 ROTEIRO **SCRIPT**
Hermano Penna
 FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Aloysio Raulino, Eduardo Caron
 EDIÇÃO **EDITOR**
Laércio Silva
 ELENCO **CAST**
Jairo Mattos, Vera Zimmerman
 CONTATO **CONTACT**
herpenna@uol.com.br



Martírio

Martírio

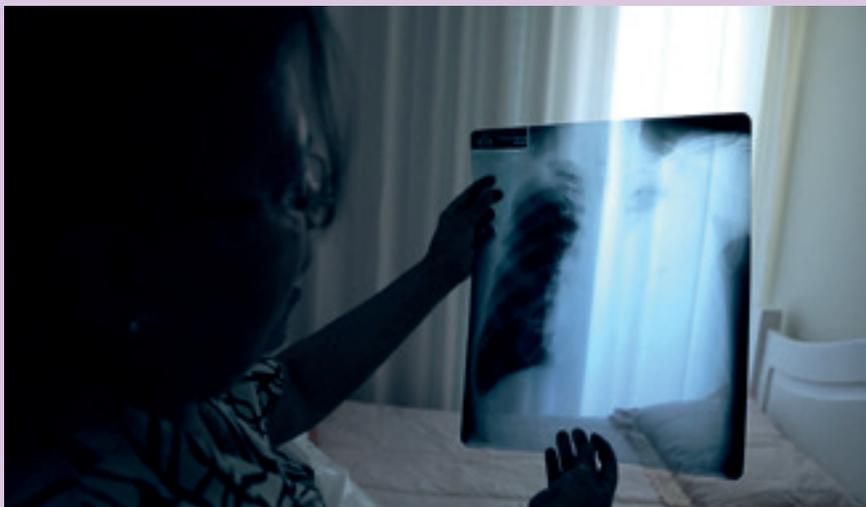
BRASIL, 2016, 161'

O retorno ao princípio da grande marcha de retomada dos territórios sagrados Guarani Kaiowá por meio das filmagens de Vincent Carelli, que registrou o nascedouro do movimento na década de 1980. Vinte anos mais tarde, tomado pelos relatos de sucessivos massacres, Carelli busca as origens desse genocídio, um conflito de forças desproporcionais: a insurgência pacífica e obstinada dos despossuídos Guarani Kaiowá frente ao poderoso aparato do agronegócio.

Martírio revisits the beginning of the great march to reclaim the sacred territory of the Guarani Kaiowá through the filming of Vincent Carelli, who recorded the birth of the movement in the 1980s. Twenty years later, touched by the continuous reports of massacres, Carelli seeks the origins of this genocide, a conflict between disproportionate forces: the pacific and obstinate insurgency of the disenfranchised Guarani Kaiowá against the powerful machinery of agribusiness.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Vincent Carelli, Ernesto de Carvalho, Tatiana Almeida
 PRODUÇÃO **PRODUCER**
Olivia Sabino
 ROTEIRO **SCRIPT**
Vincent Carelli, Tatiana Almeida
 FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Ernesto de Carvalho, Vincent Carelli
 EDIÇÃO **EDITOR**
Tatiana Almeida
 CONTATO **CONTACT**
olinda@videonasaldeias.org.br



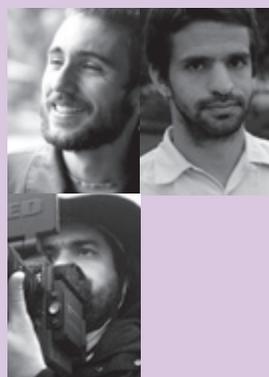
Não Respire - Contém Amianto

Do Not Breathe - Contains Asbestos

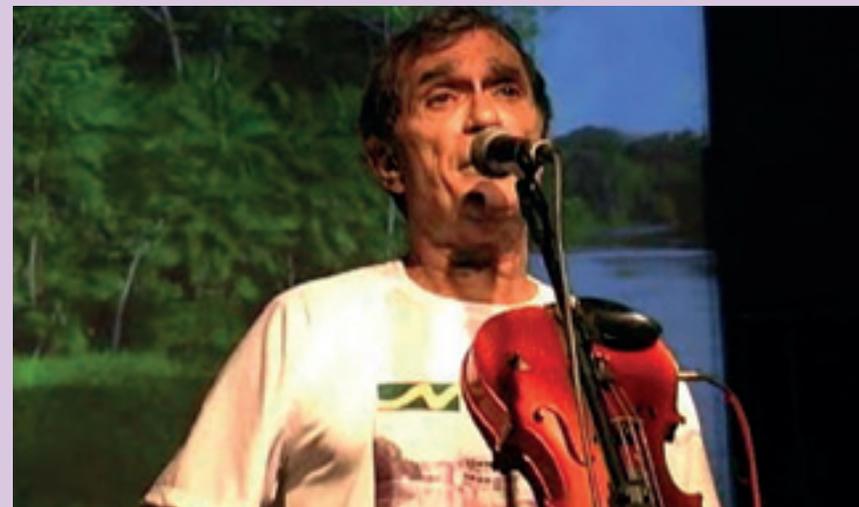
BRASIL, 2017, 70'

Banido em quase 70 países por seu devastador poder cancerígeno, o amianto ainda não foi proibido no Brasil. O filme investiga como a indústria do amianto tenta vender a imagem do minério como algo “não tão ruim”.

Banned in almost 70 countries due to its devastating carcinogenic effect, asbestos is yet to be banned in Brazil. The film investigates how the asbestos industry tries to sell the mineral as something “not so bad”.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
**André Campos, Carlos
Juliano Barros, Caue Angeli**
ROTEIRO *SCRIPT*
**André Campos, Carlos
Juliano Barros**
FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Caue Angeli
EDIÇÃO *EDITOR*
Caue Angeli
CONTATO *CONTACT*
**carlosjuliano Barros@
gmail.com**



Navegaramazônia – Uma Viagem com Jorge Mautner

Navegaramazônia – A Trip with Jorge Mautner

BRASIL, 2006, 50'

Em março de 2006, a equipe do projeto Navegar Amazônia saiu do Canal de Jandiá, em Macapá, rumo a Belém. A bordo de um barco regional, adaptado com um moderno laboratório multimídia, estavam a equipe do projeto e trinta pessoas. Entre os convidados, os músicos Jorge Mautner, Nelson Jacobina e Zé Miguel (de Macapá) e os cineastas Evaldo Mocarzel e Jorge Bodanzky. O objetivo era oferecer, ao longo de todo o percurso, que envolveu as cidades de Belém, Abaetetuba e Tauerá-açu, oficinas de música, cinema, fotografia, vídeo e arte às populações ribeirinhas visitadas.

In March 2006, the crew of the Navegar Amazônia Project (Sail Amazon Project) left the Canal of Jandiá, in Macapá, towards Belém. Aboard a traditional boat of the region equipped with a modern multimedia lab, were the crew and 30 people. Among the guests, the musicians Jorge Mautner, Nelson Jacobina and Zé Miguel (from Macapá) and the filmmakers Evaldo Mocarzel and Jorge Bodanzky. The mission: to offer, along the journey through the cities of Belém, Abaetetuba and Tauerá-açu, music, film, photography, video and art workshops to the visited riverine communities.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
**Jorge Bodanzky,
Evaldo Mocarzel**
PRODUÇÃO *PRODUCER*
Jorge Bodanzky
FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
**Gavin Andrews, Hélio Furtado,
Jorge Bodanzky**
CONTATO *CONTACT*



No Meio do Rio, Entre as Árvores

Within the River, Among the Trees

BRASIL, 2009, 73'

No Meio do Rio, Entre as Árvores é o resultado de uma expedição ao Alto Solimões, onde foram ministradas oficinas de vídeo, circo e fotografia às comunidades ribeirinhas, dentro de reservas ambientais. O filme é feito por eles, a partir da tecnologia recém aprendida e com a visão “de dentro para fora”, sem intérpretes. Do coração da Amazônia para o mundo, ficamos sabendo como é o cotidiano dessas pessoas que habitam rincões remotos do Brasil: o que pensam, quais os seus sonhos e como resolvem os problemas que enfrentam por viverem no meio do rio, entre as árvores.

The film is the result of an expedition to the upper Solimões River, in which video, circus and photography workshops were offered to riverside communities in conservation areas. The film was made by the people of the community using the technology they had recently learned, “from within,” without any interpreters. From the heart of the Amazon to the world, we are introduced not only to the daily lives of people in the most distant hinterlands of Brazil, but also to what they think, what are their dreams and what they do to overcome the difficulties of living within the river, among the trees.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Jorge Bodanzky
ROTEIRO *SCRIPT*
Jorge Bodanzky
FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Jorge Pennington
EDIÇÃO *EDITOR*
Rodrigo Menecucci
CONTATO *CONTACT*



No Rio das Amazonas

On the River of the Amazons

BRASIL, 1995, 76'

Uma viagem na Amazônia, de Belém a Manaus. O filme tem a participação do naturalista Paulo Vanzolini e trata particularmente da ecologia da região, com ênfase no modo de vida das populações ribeirinhas do baixo Amazonas.

A trip to the Amazon, from Belem to Manaus, with the participation of a special guest: the naturalist Paulo Vanzolini. The film focuses primarily on the ecology of the region and the way of life of the riverine population in the lower Amazon.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Ricardo Dias
PRODUÇÃO *PRODUCER*
Ricardo Dias, Zita Carvalhosa
ROTEIRO *SCRIPT*
Ricardo Dias, Júlio Rodrigues
FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Adrian Cooper
EDIÇÃO *EDITOR*
Marc De Rossi
ELENCO *CAST*
**Participação Especial
de Paulo Vanzolini**
CONTATO *CONTACT*
zita@superfilmes.com.br



O Cineasta da Selva

The Filmmaker of the Amazon

BRASIL, 1997, 87'

A vida de Silvino Santos (1886-1970), português que se apaixonou pelo Rio Amazonas. Aos treze anos, na virada do século, Silvino cruza o Atlântico em busca daquela Amazônia fantástica imaginada pelos europeus. Em 1913, realiza seu primeiro documentário de longa-metragem. Ele viveria sua aventura contracenando com grandes personalidades, testemunhando acontecimentos marcantes, do fausto à queda do monopólio da borracha. Filmando essa Amazônia do início do século, ele se torna um mito da selva e um dos pioneiros do cinema no Brasil.

Born in Portugal, Silvino Santos (1886-1970) fell in love with the Amazon River. At the age of thirteen, at the turn of the century, Silvino crosses the Atlantic to the glorious Amazon fantasized by the Europeans. In 1913, he makes his first feature documentary film. He was set to live an adventure alongside some amazing characters, witnessing significant events from the apogee to the fall of the rubber monopoly. By filming this Amazon of the early 20th century, he became a legend of the jungle and one of the cinema pioneers in Brazil.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Aurélio Michiles
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Patrick Leblanc, Zita Carvalhosa
ROTEIRO **SCRIPT**
Júlio Rodrigues, Aurélio Michiles
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Felipe Daviña
EDIÇÃO **EDITOR**
Roberto Moreira
ELENCO **CAST**
José de Abreu, Denise Fraga
CONTATO **CONTACT**
zita@superfilmes.com.br



Os Mucker

The Muckers

BRASIL, 1978, 107'

Na década de 1870, a região de Sapiranga, no Rio Grande do Sul, testemunha a chegada de um novo conceito de formação de comunidades: os Mucker, imigrantes germânicos instalados na região, decidem criar uma sociedade própria, inspirada em conceitos bíblicos, autossuficiente e, em geral, isolada do resto da sociedade brasileira. Comandada por Jacobina Mentz, uma beata, esse novo grupamento, no entanto, encontrará resistência por parte de seus vizinhos e das forças militares brasileiras.

In the 1870s, the region of Sapiranga, in the Brazilian southern state of Rio Grande do Sul, witnesses the arrival of a new concept of community formation: the Muckers, German immigrants installed in the region, who decide to create their own society, based on biblical concepts, self-sufficient and isolated from the rest of Brazilian society. Led by Jacobina Mentz, a pious woman, this new social group will nonetheless encounter resistance from its neighbors and from Brazilian military forces.



DIREÇÃO **DIRECTOR**
Jorge Bodanzky, Wolf Gauer
PRODUÇÃO **PRODUCER**
Jorge Bodanzky, Wolf Gauer
ROTEIRO **SCRIPT**
Wolf Gauer
FOTOGRAFIA **CINEMATOGRAPHER**
Jorge Bodanzky
EDIÇÃO **EDITOR**
Reinaldo Volpato
CONTATO **CONTACT**



Pandemonium

Pandemonium

BRASIL, 2010, 52'

Neste ensaio fílmico de média-metragem, Jorge Bodanzky investiga o impacto das mudanças climáticas e os novos desafios na área energética. Dois dos maiores especialistas brasileiros, o físico Rogério César de Cerqueira Leite e o meteorologista Carlos Nobre, apresentam três diagnósticos e propostas que lançam luz sobre questões cruciais para o desenvolvimento humano no século XXI.

In this filmic experiment, Jorge Bodanzky explores the impact of climate change and the new challenges in the energy sector. Two of the most important Brazilian experts on the issue, physicist Rogério César de Cerqueira Leite and meteorologist Carlos Nobre, introduce three possibilities and proposals that shine a light on crucial issues for human development in the 21st century.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Jorge Bodanzky
PRODUÇÃO *PRODUCER*
Bruna Marcatto,
Marcia Bodanzky
FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Matheus Rocha
EDIÇÃO *EDITOR*
Lucas Justiniano
CONTATO *CONTACT*



Sob a Pata do Boi

Grazing the Amazon

BRASIL, 2018, 49'

A Amazônia tem hoje 85 milhões de cabeças de gado, três para cada habitante da região. Na década de 1970, quase não havia bois e a floresta estava intacta. Desde então, uma porção equivalente ao tamanho da França desapareceu, da qual 66% virou pastagem. A mudança foi incentivada pelo governo, que motivou a vinda de milhares de fazendeiros de outras partes do país. A pecuária tornou-se bandeira econômica e cultural da Amazônia, forçando poderosos políticos a defendê-la. Em 2009, o jogo começou a virar quando o Ministério Público obrigou os grandes frigoríficos a monitorarem o desmatamento nas fazendas de onde compram gado.

The Amazon rainforest has 85 million of cattle, three for each inhabitant of the region. In the 1970s, there was almost no cattle there and the forest was intact. Since then, a portion similar to the size of France is now gone, of which 66% has been turned into pasture land. This transformation was a government decision, which motivated the arrival of hundreds of farmers from different regions of the country. The cattle-raising was turned into the economic and cultural symbol of Amazon, defended by powerful politicians. In 2009, the situation started to change when the Public Prosecutor's Office demanded from the meat-packing plant owners to monitor the deforestation process in the farms in which they purchase cattle.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Márcio Isensee e Sá
PRODUÇÃO *PRODUCER*
Bernardo Camara, Eduardo Pegurier & Paulo André Vieira
ROTEIRO *SCRIPT*
Juliana Tinoco
FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Fábio Nascimento
EDIÇÃO *EDITOR*
Fred Rahal Mauro
CONTATO *CONTACT*
jair.silva@o2filmes.com



Terceiro Milênio

Third Millennium

BRASIL, 1981, 94'

Agosto de 1980. Evandro Carreira, senador, sai de seu escritório em Manaus para percorrer suas bases eleitorais pelo estado do Amazonas. Depoimentos de caboclos, madeireiros, do sertanista Paulo Lucena, de índios brasileiros e peruanos e de um representante da Funai são colhidos desde a cidade de Benjamin Constant até o vilarejo de Cavalão Cocho. Uma visita à aldeia indígena dos Ticunas e às terras do povo Maiuruna culmina com o depoimento e a ação de José Francisco da Cruz, representante da Cruz da Santa Ordem Cruzada Apostólica Evangélica. No trajeto, revela-se a potencialidade econômica do Amazonas e seus desvios: a corrupção na política indigenista e a presença de fábricas poluidoras.

August, 1980. Evandro Carreira, a Brazilian senator, leaves his party's office in Manaus to visit his constituents in the state of Amazonas. Interviews with farmhands, loggers, explorer Paulo Lucena, Brazilian and Peruvian indigenous natives and a representative of the National Indian Foundation (Funai) were recorded from the city of Benjamin Constant to the village of Cavalão Cocho. A visit to the indigenous village of the Ticunas and the lands of the Maiuruna people culminates with an interview and the actions of José Francisco da Cruz, a member of the Order of the Holy Cross. Throughout the trip, the economic potential of the Amazon and its problems (corrupt indigenous policies and the pollution produced by factories) are revealed.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Jorge Bodanzky, Wolf Gauer
PRODUÇÃO *PRODUCER*
Marina Villara
ROTEIRO *SCRIPT*
Jorge Bodanzky
FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Jorge Bodanzky
EDIÇÃO *EDITOR*
Maria Inês Villares
CONTATO *CONTACT*

Atividades

Paralelas

Parallel Activities

Debates

Panels

Os debates ao vivo são parte constituinte da **Mostra Ecofalante de Cinema** desde sua criação, em 2012. Organizados em torno das temáticas propostas pelo **Panorama Internacional Contemporâneo**, estes eventos abertos ao público reúnem jornalistas, cineastas, cientistas, acadêmicos e outros especialistas para debaterem, junto ao público, questões trazidas pelos filmes selecionados na programação.

Nesta edição, pela primeira vez, os debates migraram para uma plataforma virtual. Esta nova modalidade, se, por um lado, apresenta seus desafios, tornou possível o acolhimento e ampliação de outras vozes ao facilitar a participação de convidados de fora do eixo São Paulo/Rio de Janeiro. Uma outra novidade é a participação ao vivo do público a partir das 5 regiões do país. Assim, vamos ampliando e tornando mais plural um espaço democrático de reflexão e conhecimento.

Para assistir aos debates, visite o nosso canal no YouTube, que disponibiliza os debates organizados a partir da 7ª Mostra (2018): bit.ly/debatesECOFALANTE.

Live panels have been a regular feature of the Ecofalante Film Festival since its creation in 2012. Organized around the themes proposed by the International Contemporary Program, these events – open to the public – bring together journalists, filmmakers, scientists, academics, and other specialists, to debate with the public issues brought up by the films selected in the program.

This edition of the festival saw the panels move to an online platform, which, if on the one hand presented some challenges, on the other hand, made it possible for other voices to be heard by facilitating the participation of guests from outside São Paulo and Rio de Janeiro. Another novelty was the live participation of the public from the country's five regions. Thus, we expanded and created a more inclusive democratic space of reflection and knowledge.

To watch the panels, visit our YouTube channel, where you can find all available panels organized from the 7th Ecofalante Film Festival (2018) onwards: bit.ly/debatesECOFALANTE.

Especial Semana do Meio Ambiente Environment Week Special



4 de junho de 2020
**CONSERVAÇÃO: DESASTRE
ECOLÓGICO NO PANTANAL**

Ruivaldo, o Homem Que Salvou a Terra
(Brasil, 2019, 45')

Flavia Guerra (Mediadora)
Jornalista e documentarista
João Farkas
Fotógrafo
Jorge Bodanzky
Cineasta
Júlia Boock
Analista de Conservação WWF-Brasil

Confira o debate:
bit.ly/debate2020ESMAconservacao1
Para saber mais sobre os debatedores:
https://bit.ly/ESMA_conservacao_pantanal

June 4, 2020
**CONSERVATION: ECOLOGICAL
DISASTER IN THE PANTANAL**

**Ruivaldo, the Man Who
Saved the Earth**
(Brazil, 2019, 45')

Flavia Guerra (Mediator)
Journalist and documentarist
João Farkas
Photographer
Jorge Bodanzky
Filmmaker
Júlia Boock
Conservation analyst at WWF-Brazil

Check it out at:
bit.ly/debate2020ESMAconservacao1
To read more about the debaters:
bit.ly/ESMA_conservacao_pantanal



5 de junho de 2020
**CONSERVAÇÃO: ATAQUE
 AO MEIO AMBIENTE E AOS
 POVOS TRADICIONAIS**

Amazônia Sociedade Anônima
 (Brasil, 2019, 72')

Adriana Ramos
 ISA

Claudio Angelo (Mediador)
 Jornalista (Observatório do Clima)

Daniel Azeredo
 Procurador da MPF-PA

Sônia Guajajara
 Líder indígena nacional

Confira o debate:
bit.ly/debate2020ESMAconservacao2
 Para saber mais sobre os debatedores:
bit.ly/ESMA_conservacao_amazonia

June 5, 2020
**CONSERVATION: ATTACK ON
 THE ENVIRONMENT AND
 TRADITIONAL PEOPLES**

Amazon Uncovered
 (Brazil, 2019, 72')

Adriana Ramos
 ISA

Claudio Angelo (Mediator)
 Journalist (Observatório do Clima)

Daniel Azeredo
 Federal prosecutor (State of Pará)

Sônia Guajajara
 National Indigenous Leader

Check it out at:
bit.ly/debate2020ESMAconservacao2
 To read more about the debaters:
bit.ly/ESMA_conservacao_amazonia



6 de junho de 2020
**EMERGÊNCIA CLIMÁTICA:
 DESERTIFICAÇÃO, CONFLITOS E
 OUTROS IMPACTOS IMEDIATOS**

A Grande Muralha Verde
 (Inglaterra, 2019, 92')

Daniela Chiaretti (Mediadora)
 Jornalista (Valor Econômico)

Fernando Meirelles
 Cineasta e produtor

Paulo Artaxo
 Professor de Física Atmosférica (USP)

Confira o debate:
bit.ly/debate2020ESMAemergenciaclimatica
 Para saber mais sobre os debatedores:
bit.ly/ESMA_emergencia_climatica

June 6, 2020
**CLIMATE EMERGENCY:
 DESERTIFICATION,
 CONFLICTS AND OTHER
 IMMEDIATE IMPACTS**

The Great Green Wall
 (England, 2019, 92')

Daniela Chiaretti (Mediator)
 Journalist (Valor Econômico)

Fernando Meirelles
 Filmmaker and producer

Paulo Artaxo
 Professor of Atmospheric Physics at the
 Institute of Physics of the University of
 São Paulo (USP)

Check it out at:
bit.ly/debate2020ESMAemergencia-climatica
 To read more about the debaters:
bit.ly/ESMA_emergencia_climatica



7 de junho de 2020
SYSTEM ERROR: COMO O ATUAL SISTEMA ECONÔMICO LEVA À DESTRUIÇÃO AMBIENTAL, AO FIM DO TRABALHO DIGNO E AO ABALO DA PRÓPRIA DEMOCRACIA

Golpe Corporativo
 (Canadá/EUA, 2018, 90')

Ana Claudia Mielke
 Jornalista
Ladislau Dowbor
 Economista
Silvio Caccia Bava (Mediador)
 Diretor e editor chefe (Le Monde Diplomatique)

Confira o debate:
bit.ly/debate2020ESMAeconomia
 Para saber mais sobre os debatedores:
bit.ly/ESMA_economia

June 7, 2020
SYSTEM ERROR: HOW THE CURRENT ECONOMIC SYSTEM LEADS TO ENVIRONMENTAL DESTRUCTION, THE END OF DECENT WORK, AND THE SHAKEUP OF DEMOCRACY

The Corporate Coup d'État
 (Canada/USA, 2018, 90')

Ana Claudia Mielke
 Journalist
Ladislau Dowbor
 Economist
Silvio Caccia Bava (Mediator)
 Director and editor-in-chief (Le Monde Diplomatique)

Check it out at:
bit.ly/debate2020ESMAeconomia
 To read more about the debaters:
bit.ly/ESMA_economia



8 de junho de 2020
SAÚDE: COMO COMUNICAR EM TEMPOS DE CRISE SANITÁRIA E FAKE NEWS?

Ebola: Sobreviventes
 (EUA, 2018, 83')

Amanda Rahra
 Co-fundadora da Énois
Ana Paula Morales
 Fundadora Agência Bori
Douglas Rodrigues
 Médico sanitário
Mariluce Moura (Mediadora)
 Jornalista (Ciência na rua)

Confira o debate:
bit.ly/debate2020ESMAsaude
 Para saber mais sobre os debatedores:
bit.ly/ESMA_saude

June 8, 2020
HEALTH: HOW TO COMMUNICATE IN TIMES OF HEALTH CRISIS AND FAKE NEWS?

Survivors
 (USA, 2018, 83')

Amanda Rahra
 Co-founder of Énois
Ana Paula Morales
 Founding partner of Agência Bori
Douglas Rodrigues
 Sanitary doctor
Mariluce Moura (Mediator)
 Journalist (Ciência na rua)

Check it out at:
bit.ly/debate2020ESMAsaude
 To read more about the debaters:
bit.ly/ESMA_saude



5 de junho de 2020
**WEBINÁRIO: O PAPEL DO
 CINEMA NA COMUNICAÇÃO DAS
 QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS**

Estela Renner
 Cineasta e produtora
Estêvão Ciavatta
 Cineasta
Fernando Meirelles
 Cineasta e produtor
Flavia Guerra (Mediadora)
 Jornalista e documentarista
Jorge Bodanzky
 Cineasta
Patrícia Ferreira
 Cineasta
Vincent Carelli
 Cineasta e antropólogo

Confira o debate:
bit.ly/webinario2020ESMA
 Para saber mais sobre os debatedores:
bit.ly/ESMA_webinario

June 5, 2020
**WEBINAR: THE ROLE OF CINEMA
 IN THE COMMUNICATION OF
 SOCIO-ENVIRONMENTAL ISSUES**

Estela Renner
 Filmmaker and producer (co-founder of
 Maria Farinha Filmes)
Estêvão Ciavatta
 Filmmaker
Fernando Meirelles
 Filmmaker and producer
Flavia Guerra (Mediator)
 Journalist and documentarist
Jorge Bodanzky
 Filmmaker
Patrícia Ferreira
 Filmmaker
Vincent Carelli
 Filmmaker and indigenist

Check it out at:
bit.ly/webinario2020ESMA
 To read more about the debaters:
bit.ly/ESMA_webinario

9ª Mostra Ecofalante de Cinema
9th Ecofalante Film Festival



15 de agosto de 2020
**QUANDO O MERCADO
 IMOBILIÁRIO VIRA UMA
 COMMODITY**

Push: Ordem de Despejo
 (Suécia, 2019, 92')
Preta Ferreira
 Ativista por moradia
Raquel Rolnik
 Urbanista
Regiane Oliveira (Mediadora)
 Jornalista

Confira o debate:
bit.ly/debate2020Economia1
 Para saber mais sobre as debatedoras:
ecofalante.org.br/debate/financeirizacao-mercado-imobiliario

August 15, 2020
**WHEN THE REAL ESTATE
 MARKET TURNS INTO
 A COMMODITY**

Push
 (Sweden, 2019, 92')
Preta Ferreira
 Housing activist
Raquel Rolnik
 Urbanist
Regiane Oliveira (Mediator)
 Journalist

Check it out at:
bit.ly/debate2020Economy1
 To read more about the debaters:
ecofalante.org.br/debate/financeirizacao-mercado-imobiliario



**19 de agosto de 2020
PRIVATIZAÇÃO DA ÁGUA E
INTERESSES CORPORATIVOS**

Os Senhores da Água
(França, 2019, 88')

Malu Ribeiro

Rede das Águas da
Fundação SOS Mata Atlântica

Marussia Whately

Instituto Água e Saneamento

Paulina Chamorro (Mediadora)

Jornalista

Rodrigo Agostinho

Deputado Federal

(Frente Parlamentar Ambientalista)

Confira o debate:

<http://bit.ly/debate2020Economia2>

Para saber mais sobre os debatedores:

ecofalante.org.br/debate/privatizacao-agua

**August 19, 2020
WATER PRIVATIZATION AND
CORPORATE INTERESTS**

Lords of Water
(France, 2019, 88')

Malu Ribeiro

Journalist (SOS Mata Atlântica)

Marussia Whately

Instituto Água e Saneamento

Paulina Chamorro (Mediator)

Journalist and activist

Rodrigo Agostinho

House representative

(Parliamentary Environmentalist Front)

Check it out at:

<http://bit.ly/debate2020Economia2>

To read more about the debaters:

ecofalante.org.br/debate/privatizacao-agua



**22 de agosto de 2020
EMERGÊNCIA CLIMÁTICA E
ECONOMIA: O GRANDE DESAFIO**

**Breakpoint: Uma Outra
História do Progresso**
(França, 2018, 98')

Ailton Krenak

Líder indígena

Natalie Unterstell (Mediadora)

Especialista em Políticas Públicas

de Mudanças Climáticas

Ricardo Abramovay

Economista e professor do

Instituto de Energia e Meio Ambiente (USP)

Confira o debate:

<http://bit.ly/debate2020EC>

Para saber mais sobre os debatedores:

ecofalante.org.br/debate/emergencia-climatica-economia

**August 22, 2020
CLIMATE EMERGENCY
AND ECONOMICS: THE
BIG CHALLENGE**

**Breakpoint: A
Counter-History of Progress**
(France, 2018, 98')

Ailton Krenak

Indigenous leader

Natalie Unterstell (Mediator)

Specialist in Climate Change Public

Policies

Ricardo Abramovay

Economist and professor of the Energy

and Environment Institute (USP)

Check it out at:

<http://bit.ly/debate2020EC>

To read more about the debaters:

ecofalante.org.br/debate/emergencia-climatica-economia



26 de agosto de 2020
**ATIVISMO EM TEMPOS
 NÃO-DEMOCRÁTICOS**

Patrimônio
 (México/EUA, 2018, 85')

Mário Mantovani
 Diretor de Políticas Públicas
 (SOS Mata Atlântica)
Maura Campanili (Mediadora)
 Jornalista
Paloma Costa
 Ativista Climática
Rebeca Lerer
 Ativista

Confira o debate:
bit.ly/debate2020Ativismo
 Para saber mais sobre os debatedores:
<https://ecofalante.org.br/debate/ativismo-democracia>

August 26, 2020
**ACTIVISM IN
 NON-DEMOCRATIC TIMES**

Patrimônio
 (Mexico/USA, 2018, 85')

Mário Mantovani
 Director (SOS Mata Atlântica)
Maura Campanili (Mediator)
 Journalist
Paloma Costa
 Climate activist
Rebeca Lerer
 Activist

Check it out at:
bit.ly/debate2020Ativismo
 To read more about the debaters:
ecofalante.org.br/debate/ativismo-democracia



29 de agosto de 2020
**ACELERAÇÃO DA PRECARIZAÇÃO
 E SINAIS DE RESISTÊNCIA**

Botando pra Quebrar
 (França, 2019, 109')

Carlos Juliano Barros (Mediador)
 Jornalista e documentarista
Ludmila Costhek Abílio
 Socióloga
Tulio Custódio
 Sociólogo
Vanessa Patriota
 Procuradora do MPT (Pernambuco)

Confira o debate:
<http://bit.ly/debate2020Trabalho>
 Para saber mais sobre os debatedores:
ecofalante.org.br/debate/trabalho-precarizacao-r

August 29, 2020
**ACCELERATION OF
 PRECARIZATION AND
 SIGNS OF RESISTANCE**

Blow It to Bits
 (France, 2019, 109')

Carlos Juliano Barros (Mediator)
 Journalist and documentarist
Ludmila Costhek Abílio
 Sociologist
Tulio Custódio
 Sociologist
Vanessa Patriota
 Procurator for the State Labour
 Department (Pernambuco)

Check it out at:
<http://bit.ly/debate2020Trabalho>
 To read more about the debaters:
ecofalante.org.br/debate/trabalho-precarizacao-resistencia



2 de setembro de 2020
MIGRAÇÕES NO SÉCULO 21

Exodus

(Irã, 2019, 77')

Karina Quintanilha (Mediadora)

Socióloga

Patrícia Villen

Socióloga

Paulo Daniel Farah

Professor da FFLCH/USP

Prudence Kalambay

Ativista de Direitos Humanos

Confira o debate:

<http://bit.ly/debate2020PL>

Para saber mais sobre os debatedores:
ecofalante.org.br/debate/migracoes

September 2, 2020
MIGRATIONS IN THE
21ST CENTURY

Exodus

(Iran, 2019, 77')

Karina Quintanilha

Sociologist

Patrícia Villen

Sociologist

Paulo Daniel Farah

Professor at FFLCH-USP

Prudence Kalambay

Human Rights Activist

Check it out at:

<http://bit.ly/debate2020PL>

To read more about the debaters:
ecofalante.org.br/debate/migracoes



5 de setembro de 2020
É POSSÍVEL MUDAR O
PARADIGMA DO CONSUMO?

O Fim da Carne

(Alemanha, 2017, 94')

Eduardo dos Santos

Ativista Vegano

Fátima Cabral

Agricultora familiar agroecológica

Gabriela Yamaguchi (Mediadora)

Jornalista (WWF-Brasil)

Sérgio Besserman

Economista

Confira o debate:

bit.ly/debate2020Consumo

Para saber mais sobre os debatedores:
ecofalante.org.br/debate/consumo-paradigma

September 5, 2020
IS IT POSSIBLE TO CHANGE THE
CONSUMPTION PARADIGM?

The End of Meat

(Germany, 2017, 94')

Eduardo dos Santos

Vegan activist

Fátima Cabral

Agro-ecological family farmer

Gabriela Yamaguchi (Mediator)

Journalist (WWF-Brazil)

Sérgio Besserman

Economist

Check it out at:

bit.ly/debate2020Consumption

To read more about the debaters:
ecofalante.org.br/debate/consumo-paradigma



9 de setembro de 2020
**QUAL É A REAL INFLUÊNCIA
 DOS INFLUENCERS?**

Ascensão e Queda de Austyn Tester
 (EUA, 2019, 93')

Denis Russo Burgierman (Mediador)

Jornalista

Fabio Malini

Pesquisador e Professor
 de Sociedade Digital (Ufes)

Larissa Santiago

Blogueira e Ativista (Blogueiras Negras)

Rita von Hunty

Professor e YouTuber (Tempero Drag)

Confira o debate:

<http://bit.ly/debate2020Tecnologia>

Para saber mais sobre os debatedores:
ecofalante.org.br/debate/influencers

September 9, 2020
**WHAT IS THE REAL INFLUENCE
 OF INFLUENCERS?**

Jawline
 (USA, 2019, 93')

Denis Russo Burgierman (Mediator)

Journalist

Fabio Malini

Researcher and Professor

Larissa Santiago

Blogger and activist (Blogueiras Negras)

Rita von Hunty

Professor and YouTuber (Tempero Drag)

Check it out at:

<http://bit.ly/debate2020Tecnologia>

To read more about the debaters:

ecofalante.org.br/debate/influencers

Entrevistas com Cineastas

Interviews with Filmmakers

Na 9ª Mostra Ecofalante de Cinema, o Panorama Internacional Contemporâneo ganha uma série exclusiva de entrevistas com as realizadoras e realizadores de alguns dos filmes selecionados. Idealizada em parceria com a jornalista e documentarista Flavia Guerra, que conduziu as conversas virtuais, a série apresenta 11 cineastas internacionais que discorrem sobre seus filmes, incluindo produção e pesquisa, tecendo assim uma reflexão sobre os temas urgentes abordados em seus documentários.

As 10 entrevistas legendadas estão disponíveis no canal YouTube da Mostra Ecofalante de Cinema no link a seguir: bit.ly/Entrevistas_Ecofalante.

At the 9th Ecofalante Film Festival, the International Contemporary Program gained an exclusive series of interviews with some of the films' directors. Created in partnership with journalist and documentary filmmaker Flavia Guerra, who conducted the virtual conversations, the series presents 11 international filmmakers talking about their films, including production and research, providing a reflection on the urgent issues addressed in their documentaries.

The 10 interviews are available on Ecofalante Film Festival's YouTube channel at the following link: bit.ly/Entrevistas_Ecofalante



**ENTREVISTA COM
COSIMA DANNORITZER**
diretora de *Ladrões do Tempo*.

Qual uma das maiores e mais cobiçadas riquezas do mundo contemporâneo? O (nosso) tempo! Empresas de todo o mundo sabem disso e encontram maneiras de lucrar sem que saibamos que estamos muitas vezes trabalhando para elas. As redes sociais, a chamada indústria da atenção, disputam nosso tempo e nossos “likes” a cada segundo. Ao mesmo tempo, como equilibrar esta relação e ter tempo para estar com a família, ter lazer, informar-se sobre o mundo e debater as questões importantes da atualidade? Afinal, ter tempo é um direito humano e um ingrediente importante da democracia.

Em *Ladrões do Tempo* (Espanha/França, 2018, 52'), a premiada diretora Cosima Dannoritzer investiga como o tempo se tornou um produto cada vez mais cobiçado. Ela conversou conosco sobre estas questões e sobre como teve a ideia para o filme.

Confira: bit.ly/cosimadannoritzer

**INTERVIEW WITH
COSIMA DANNORITZER**
director of *Time Thieves*.

*What is one of the greatest and most coveted riches of the contemporary world? (Our) time! Companies all over the world are well aware of this, as they seek ways to make a profit by having us work for them without our knowledge. Social networks, the so-called attention industry, compete for our time and our “likes” minute by minute. On the other hand, how to find the balance between spending time on these activities and being with our family, enjoying leisure time, getting informed about the world, and debating the important issues of today? After all, having time is a human right as well as an important ingredient of democracy. In *Time Thieves* (Spain/France, 2018, 52'), award-winning director Cosima Dannoritzer investigates how time has become an increasingly coveted product. She talked to us about these issues and about how she got the idea for the film.*

Check it out: bit.ly/cosimadannoritzer



ENTREVISTA COM CYNTHIA WADE
diretora de *Vulcão de Lama: A Luta Contra a Injustiça*.

Em 2006, quando um tsunami de lama em ebulição soterrou uma imensa área residencial e industrial em Java Oriental, na Indonésia, fez com que 60 mil pessoas perdessem suas casas, sem contar as muitas mortes causadas pelo acidente. Esperava-se que os responsáveis pela tragédia fossem exemplarmente punidos, mas não foi o que ocorreu. E a população local, que viu 16 de seus vilarejos desaparecerem depois da perfuração acidental de um vulcão de lama, provocada pela atividade de *fracking* (a extração do gás xisto), deixando um rastro de destruição, foi deixada à própria sorte, sem justiça e sem qualquer indenização. Em meio a tudo isso, os moradores decidiram lutar por justiça e tinham na jovem Dian uma das maiores forças de resistência. É a história desta batalha que as premiadas diretoras Cynthia Wade e Sasha Friedlander acompanharam por cinco anos e contam em *Vulcão de Lama: A Luta Contra a Injustiça* (EUA, 2018, 80'). Cynthia Wade conversou conosco e nos conta como esta aventura começou e quais são os desafios de se realizar um filme complexo, mas forte temática e visualmente como este.

Confira: bit.ly/cynthiawade

INTERVIEW WITH CYNTHIA WADE
director of *Grit*.

*In 2006, a boiling mud tsunami buried a huge residential and industrial area in east Java, Indonesia, causing 60,000 people to lose their homes, not to mention the many deaths it left behind. The people responsible for this tragedy were expected to receive an exemplary punishment, yet it did not happen. And the local population, who saw 16 of their villages disappear after the accidental perforation of a mud volcano caused by fracking activity, leaving a trail of destruction, was left to their fate, without justice or compensation. In the midst of all this, the residents of the affected area decided to fight for justice. They had in young Dian one of the greatest forces of resistance. It is the story of this fight that award-winning directors Cynthia Wade and Sasha Friedlander followed for five years to tell us in *Grit* (USA, 2018, 80'). Cynthia Wade talked to us and told us how this adventure began and what the challenges of making a complex yet visually strong movie like this are.*

Check it out: bit.ly/cynthiawade



ENTREVISTA COM FRED PEABODY

diretor de *Golpe Corporativo*.

As democracias do mundo vivem um permanente golpe de estado corporativo em marcha lenta, que põe em risco os direitos dos cidadãos e é controlado por lobistas e por grandes corporações. Quem mais sofre os efeitos desta lógica cruel são os mais vulneráveis, que perdem seus empregos, veem suas condições de vida piorarem e não têm perspectiva diante da eleição de nomes como Donald Trump, nos Estados Unidos, e de outros políticos populistas e alinhados com o neoliberalismo em diversos países. São os mecanismos deste golpe que o diretor canadense Fred Peabody nos conta em *Golpe Corporativo* (Canadá/EUA, 2018, 90'). No filme, além de ouvir jornalistas e filósofos, como John Ralston Saul, que cunhou a expressão nos anos 1990, o diretor também nos sinaliza que nem tudo é pessimismo e que a mobilização social e a união são cruciais para romper com este ciclo vicioso.

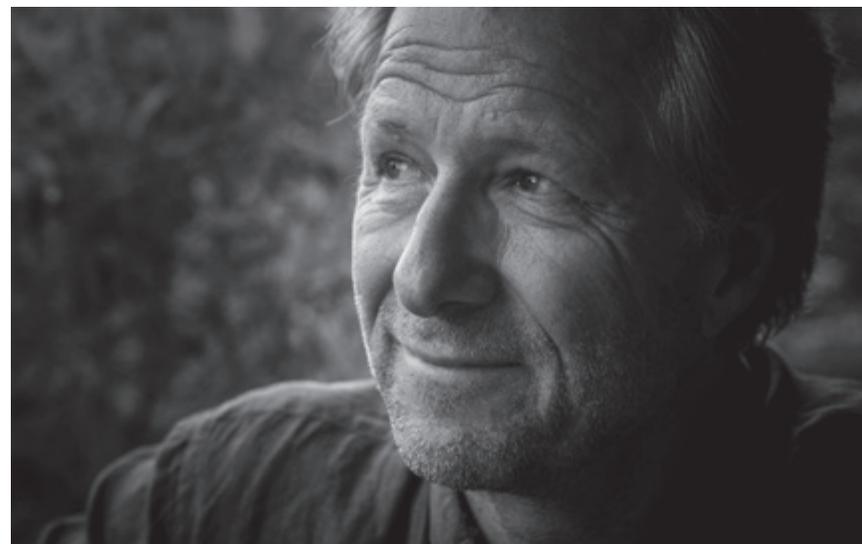
Confira: bit.ly/fredpeabody

INTERVIEW WITH FRED PEABODY

director of
The Corporate Coup d'État.

*The world's democracies are experiencing a permanent series of corporate coup d'état in slow motion, which are controlled by lobbyists and large corporations, threatening the rights of citizens. The most vulnerable people suffer the most from the effects of this cruel logic. They see their jobs disappear, their living conditions worsen, and any possible perspective evaporate with rulers like Donald Trump in the United States, and other populist and neo-liberal politicians in several countries. Through *The Corporate Coup d'État* (Canada/USA, 2018, 90'), Canadian director Fred Peabody tells us what the mechanisms of this coup are. In the film, besides listening to journalists and philosophers, such as John Ralston Saul, who coined the expression in the 1990s, the director also suggests that not everything equals pessimism, and that social mobilization and unity are crucial to break this vicious cycle.*

Check it out: bit.ly/fredpeabody



ENTREVISTA COM FREDRIK GERTTEN

diretor de *Push: Ordem de Despejo*.

Um dos maiores problemas das grandes cidades do mundo é a especulação imobiliária. O custo de vida aumenta cada vez mais e expulsa moradores de seus bairros. Ter onde morar é um direito humano, como defende Leilani Farha, relatora especial da ONU sobre o Direito à Moradia. Em *Push: Ordem de Despejo* (2019, Suécia, 92'), o premiado diretor sueco Fredrik Gertten viaja com Leilani para vários lugares do mundo em sua investigação sobre como e por que a transformação da habitação em mercadoria tem afetado cada vez mais pessoas em todo o mundo. Em entrevista à Mostra Ecofalante, Gertten conversou sobre seu filme, que faz sua estreia no Brasil depois de passar por diversos festivais internacionais.

Confira: bit.ly/fredrikgertten

INTERVIEW WITH FREDRIK GERTTEN

Director of *Push*.

*One of the biggest problems in big cities all over the world is the real estate market speculation. The cost of living has been increasing day-by-day, expelling residents from their neighborhoods. A place to live is a human right, as Leilani Farha, UN Special Rapporteur on the Right to Housing defends. In *Push* (2019, Sweden, 92'), award-winning Swedish director Fredrik Gertten travels with Leilani to various parts of the world for his investigative research on how and why the transformation of housing into a commodity product has been gradually affecting people around the world. In an interview with the Ecofalante Film Festival, Gertten talked about his film, which premieres in Brazil after being in several international festivals.*

Check it out: bit.ly/fredrikgertten



ENTREVISTA COM ISA WILLINGER

diretora de *Olá, IA*.

Quais são os impactos quando decidimos transformar os robôs em algo mais que máquinas? Ou seja, quando eles passam a viver conosco e se tornam amigos e companheiros? Pois é esta questão que a diretora alemã Isa Willinger se fez ao decidir filmar *Olá, IA* (Alemanha, 2019, 95'). Apaixonada por robôs e determinada a entender melhor o universo da Inteligência Artificial e os impactos emocionais que surgem da convivência entre robôs e humanos, ela investigou a fundo o assunto e conversou com especialistas de vários países. Mas o passo mais importante que deu em seu filme foi acompanhar o dia a dia de quem levou os robôs para casa: uma família japonesa que comprou um amigo para a avó e um cientista norte-americano que decide namorar uma *real doll*. Isa conversou conosco sobre sua jornada e também sobre o futuro da Inteligência Artificial.

Confira: bit.ly/isawillinger

INTERVIEW WITH ISA WILLINGER

director of *Hi, AI*.

What are the impacts on life when we decide to transform robots into something more than machines? That is, when they start living with us and become friends and companions? This is the question that German director Isa Willinger asked herself when she decided to shoot Hi, AI (Germany, 2019, 95'). Passionate about robots and determined to better understand the universe of Artificial Intelligence and the emotional impacts that arise from the coexistence between robots and humans, she investigated the subject thoroughly, holding conversations with experts from various countries. But the most important step she took to make her film was to follow the daily lives of those who took the robots home: a Japanese family who bought a friend for their grandmother, and an American scientist who decided to date a real doll. Isa talked with us about her journey and also about the future of Artificial Intelligence.

Check it out: bit.ly/isawillinger



ENTREVISTA COM JARED P. SCOTT

diretor de *A Era das Consequências*.

Qual a relação entre as mudanças climáticas e os muitos conflitos ao redor do mundo? Qual a visão dos agentes da Segurança Nacional dos Estados Unidos sobre esta questão? É investigar e tentar responder a esta questão o que o diretor norte-americano Jared P. Scott propõe em *A Era das Consequências* (EUA, 2017, 81'). O filme revela como a escassez de água e alimentos, a seca, as condições climáticas extremas e a elevação do nível do mar funcionam como “catalisadores de conflitos”.

Jared conversou conosco sobre seu filme, comentou como podemos agir para tentar ao menos diminuir os impactos das mudanças climáticas no meio-ambiente e, consequentemente, nas tensões sociais do mundo contemporâneo.

Confira: bit.ly/jaredpsscott

INTERVIEW WITH

JARED P. SCOTT

director of *The Age of Consequences*.

What is the relationship between climate change and the many conflicts around the world? What is the vision of the United States National Security agents on this issue? These are the questions American director Jared P. Scott sets out to investigate and try to answer in The Age of Consequences (USA, 2017, 81'). The film reveals how water and food shortages, drought, extreme weather conditions, and rising sea levels become “conflict catalysts”. Jared talked to us about his film, discussing actions we can all take to attempt to lessen the impacts of climate change on the environment and, consequently, on social tensions in the contemporary world.

Check it out: bit.ly/jaredpsscott



ENTREVISTA COM JÉRÔME FRITEL

diretor de *Os Senhores da Água*.

A água é um dos mais importantes recursos naturais do planeta, mas o acesso a ela é um Direito Humano reconhecido somente há poucos anos pela ONU. Se há pouco tempo atrás a água era vista como algo abundante, que pertence a todos, hoje já passa por um processo de financeirização e é alvo dos grandes bancos e fundos de investimentos, que veem em sua exploração a chance para lucrar bilhões. Em países como a Austrália e os Estados Unidos, mais precisamente a Califórnia, já existe até mesmo o Mercado da Água.

Disposto a investigar os impactos desta movimentação, tendo sempre como perspectiva a crise da água em todo o mundo, o premiado diretor francês Jérôme Fritel realizou o revelador *Os Senhores da Água* (França, 2018, 87'). Ele conversou conosco e nos falou sobre seu filme e sobre a questão da água, que envolve, além de visões de mundo, fatores ambientais, políticos, e, claro, a economia mundial.

Confira: bit.ly/jeromefritel

INTERVIEW WITH JÉRÔME FRITEL

director of *Lords of Water*.

Water is one of the most important natural resources on the planet; however, it wasn't until a few years ago that the UN recognized it as a Human Right. While until recently water was regarded as something abundant, a common good, today it is undergoing a process of financialization, becoming the target of large banks and investment funds, which see in its exploitation the chance to profit billions. In countries like Australia and the United States, more precisely California, there is even the Water Market.

*Willing to investigate the impacts of this movement, with the planetary water crisis always in mind, the award-winning French director Jérôme Fritel created the revealing *Lords of Water* (France, 2018, 87'). He talked with us about his film and the water issues, which involve different worldviews, environmental and political factors, and, of course, the world economy.*

Check it out: bit.ly/jeromefritel



ENTREVISTA COM LECH KOWALSKI

diretor de *Botando pra Quebrar*.

Diretor famoso por retratar bandas e movimentos culturais como o punk, Lech Kowalski nunca deixou de retratar, acima de tudo, atos de resistência. Em *Botando pra Quebrar* (França, 2019, 109'), não poderia ser diferente. No filme, o diretor americano de origem polonesa acompanha o movimento de um grupo de operários de uma pequena indústria no interior da França. Ao receberem a notícia de que a fábrica em que trabalharam por toda a vida iria fechar, eles decidem se mobilizar e ameaçam explodir o local. O que está em jogo não são apenas seus empregos: é também um estilo de vida e uma organização social em que as relações de trabalho são justas. Lech conversou conosco sobre o trabalho no mundo contemporâneo, no qual valores e direitos conquistados com muita luta perdem cada vez mais espaço para a lógica de um mercado globalizado. Ele também falou sobre as decisões éticas e estéticas tomadas durante as filmagens do documentário.

Confira: bit.ly/lechkowalski

INTERVIEW WITH LECH KOWALSKI

director of *Blow It to Bits*.

*Famous for portraying bands and cultural movements such as punk, Lech Kowalski never stopped depicting acts of resistance. It was no different with *Blow It to Bits* (France, 2019, 109'). In the film, the American director of Polish origin follows a group of workers from a small industry on the countryside of France. Upon learning that the factory they worked for their entire life would close down, they decide to get mobilized and threaten to blow up the place. Their jobs are not the only thing at stake: it is also about a lifestyle and social organization in which working relationships are fair.*

Lech spoke with us about work in the contemporary world, where values and rights achieved with much struggle gradually lose space to the logic of a globalized market. He also talked about the ethical and aesthetic decisions taken during the shootings of the documentary.

Check it out: bit.ly/lechkowalski



ENTREVISTA COM LISA F. JACKSON E SARAH TEALE

diretoras de **Patrimônio**.

Lisa F. Jackson e Sarah Teale são duas diretoras e produtoras premiadas, que já exibiram seus filmes em festivais em todo o mundo e receberam diversas indicações ao Emmy, o prêmio mais importante da TV norte-americana. Apaixonadas por histórias capazes de mudar o mundo, elas acompanham, em *Patrimônio* (México/EUA, 2018, 85'), a luta da população de uma pequena cidade da costa pacífica do México para defender sua terra, sua subsistência e seu modo de vida quando se veem ameaçados por um megaempreendimento imobiliário que vai lhes tirar até mesmo o acesso à praia, à água e a seu patrimônio.

Lisa e Sarah conversaram com a jornalista e documentarista Flavia Guerra sobre como o processo começou e até mesmo sobre os riscos que correram para realizar o filme.

Confira: bit.ly/lisafjackson

INTERVIEW WITH LISA F. JACKSON AND SARAH TEALE

directors of **Patrimônio**.

Lisa F. Jackson and Sarah Teale are two award-winning directors and producers who have had their films shown at festivals around the world, receiving several nominations for the Emmy Award – the most important award on American TV. Passionate about stories capable of changing the world, they follow, in Patrimônio (Mexico/USA, 2018, 85'), the struggle of a small town population on the Pacific coast of Mexico to defend their land, their subsistence, and their way of life when they find themselves threatened by a huge real estate development that will take away access to the beach, water, and their patrimony.

Lisa and Sarah talked with journalist and documentary filmmaker Flavia Guerra about how the process began and the risks they took to make the film.

Check it out: bit.ly/lisafjackson



ENTREVISTA COM MARC PIERSCHTEL

diretor de **O Fim da Carne**.

Uma cidade totalmente vegetariana na Índia, uma porquinha famosa, empresas pioneiras que mudaram o mercado ao investir em produtos veganos na Alemanha, animais que finalmente têm qualidade de vida após serem resgatados de fazendas de abate. São casos como esses que o diretor alemão Marc Pierschel nos apresenta em *O Fim da Carne* (Alemanha, 2017, 94'). Experiente quando o assunto é veganismo, Pierschel nos propõe com este filme imaginar como seria um mundo sem carne. O cineasta conversou conosco sobre como a ideia surgiu e sobre a relação entre veganismo e seus impactos no meio-ambiente.

Confira: bit.ly/marcpierschel

INTERVIEW WITH MARC PIERSCHTEL

director of **The End of Meat**.

A fully vegetarian city in India, a famous little pig, pioneer companies that changed the market by investing on vegan products in Germany, animals that have finally gained quality of life after being rescued from slaughter farms. These are the cases that German director Marc Pierschel presents us with in The End of Meat (Germany, 2017, 94'). Experienced in the subject of veganism, Pierschel proposes that we imagine a world without meat. The filmmaker shared with us how he came up with this idea, and discussed the relationship between veganism and its impacts on the environment.

Check it out: bit.ly/marcpierschel

Masterclass

Masterclass

Nos dias 14 e 15 de setembro de 2020, a Ecofalante realizou, em parceria com a Spcine e com o apoio do MIS-SP (Museu da Imagem e Som-SP), duas masterclass com profissionais de extensa carreira no cinema nacional: a montadora Cristina Amaral e o curador e cineasta Francisco Cesar Filho. As masterclass, realizadas online, foram gratuitas e abertas ao público.

On September 14 and 15, 2020, Ecofalante, in partnership with Spcine and with the support of MIS-SP (Museum of Image and Sound of São Paulo), held two masterclasses with professionals with an extensive career in the national film industry: the editor Cristina Amaral (Cinema: The Visual Montage of a World) and the curator and filmmaker Francisco Cesar Filho (Curatorship in Film Festivals and Audiovisual Events: A Four-Decade Trajectory). The masterclasses were online, free of charge and open to the public.



CINEMA - A MONTAGEM VISUAL DE UM MUNDO com **Cristina Amaral**

“Uma das etapas da realização de um filme implica em sua projeção a um espectador, mas é uma comunicação de mão dupla. O olhar do espectador devolve à tela uma compreensão e um sentimento que são únicos e é essa troca que confere um sentido maior e inesperado, que vai se tornar coletivo com a soma de todos esses olhares. E é essa arte, profundamente pessoal e coletiva, que vai construir um mosaico do que seria, ou poderia ser uma Humanidade. A ideia aqui é pensar a montagem como trabalho no cinema - reflexo/reflexão, captura e provocação de sentimentos, posturas e reações humanas frente a seu tempo, e a sua relação com o mundo.”

CRISTINA AMARAL nasceu em São Paulo e formou-se em Cinema na Escola de Comunicações e Artes – USP nos anos 80. Iniciou sua carreira em 1977 no filme Parada 88 de José Anchieta, e desde então assinou a montagem de diversos diretores, como Carlos Reichenbach, Guilherme de Almeida Prado, Edgar Navarro e Andrea Tonacci, com quem criou em 1997 a Extrema Produções Artísticas, que mantém até hoje. Dentre os principais trabalhos estão *Serras da Desordem* (2006), de Tonacci e *Falsa Loura* (2007) de Reichenbach.

CINEMA - THE VISUAL EDITING OF A WORLD with **Cristina Amaral**

“One of the stages of filmmaking is its screening to a viewer; however, this is a two-way street communication, as the viewer’s gaze gives back to the screen a feeling and an understanding that are unique. And it is precisely this exchange that will provide a greater and unexpected meaning that will become collective with the combination of all these gazes. And it is this art, deeply personal and collective, that will build a mosaic of what a single Humanity would be like, or could become. The idea here is to understand editing as a work in cinema – reflecting upon, mirroring, capturing and provoking feelings, postures and human reactions in regard to its time and relationship to the world.”

CRISTINA AMARAL was born in São Paulo. She graduated in Cinema at the School of Communications and Arts - USP in the 1980s. She began her career in 1977 in the film *Parada 88*, by José Anchieta, and since then has edited films of several directors, such as Carlos Reichenbach, Guilherme de Almeida Prado, Edgar Navarro and Andrea Tonacci, with whom she founded in 1997 Extrema Produções Artísticas, still in operation. Among her main works are *Serras da Desordem* (2006), by Tonacci, and *Falsa Loura* (2007), by Reichenbach.



CURADORIA EM FESTIVAIS DE CINEMA E EVENTOS AUDIOVISUAIS: UMA TRAJETÓRIA DE QUATRO DÉCADAS*

com **Francisco Cesar Filho**

A partir dos anos 1980, a era do cinema como “diversão popular” transfigurou-se: as exibições comerciais de cinema, que costumavam passar em grandes salas a preços populares, encareceram ao migrar para pequenas salas dentro de shopping centers, com programação vocacionada para grandes produções destinada prioritariamente ao público jovem em busca de entretenimento de consumo. Já em outras “janelas” - como emissoras de TV paga, internet, serviços de streaming etc., testemunha-se uma crescente e gigantesca oferta de produtos audiovisuais.

CURATORSHIP IN FILM FESTIVALS AND AUDIOVISUAL EVENTS: A FOUR-DECADE TRAJECTORY* with **Francisco Cesar Filho**

From the 1980s on, the era of cinema as “popular entertainment” has undergone a radical change: commercial movies, which used to be screened in large theaters at popular prices, became more expensive as they migrated to small theaters inside shopping malls, featuring large productions targeting primarily young audiences in search of entertainment. In other “windows” – like pay TV, internet, streaming services, etc. –, there is a growing and huge offer of audiovisual products.

Nessas condições, nos últimos 40 anos verificou-se a valorização da atividade de curadoria na atividade cinematográfica. Torna-se cada vez mais importante o recorte, a indicação e a seleção, possibilitando-se ao espectador encontrar o conteúdo que a ele interessa.

Um relato de uma trajetória da atividade de curadoria desenvolvida por Francisco Cesar Filho, profissional que desde 1983 atua neste segmento da indústria audiovisual, permite compreender as características desse trabalho e as mudanças ocorridas no período.

FRANCISCO CESAR FILHO é diretor e curador do Festival de Cinema Latino-Americano de São Paulo, curador da Mostra Ecofalante de Cinema e da programação Cinema e Reflexão, além de diversas mostras audiovisuais. Em diversas funções, atuou na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, Mostra de Cinema de Tiradentes, Videobrasil, Festival do Minuto e art.mov - Festival Internacional de Arte em Mídias Móveis, entre outros. Foi diretor-adjunto do É Tudo Verdade – Festival Internacional de Documentários, diretor associado do Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo - Curta Kinoforum e curador da Mostra Cinema e Direitos Humanos na América do Sul, do projeto Cine Direitos Humanos (da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo).

*A Masterclass de Francisco Cesar Filho, realizada online no dia 15 de setembro de 2020, está disponível no canal YouTube da Mostra no link a seguir: bit.ly/masterclass_curadoria

As a result, the last 40 years have seen the valorization of curatorship in cinematographic industry. It is becoming more and more important to sort, recommend and select, enabling viewers to find the content that interests them.

The account of the trajectory of curator Francisco Cesar Filho, a professional who has worked in this sector of the film industry since 1983, allows us to understand the characteristics of this work as well as the changes it has undergone throughout this period.

FRANCISCO CESAR FILHO is director and curator of the Latin American Film Festival of São Paulo, curator of the Ecofalante Film Festival and of the Cinema and Reflection program, besides several audiovisual festivals. He worked in the São Paulo International Film Festival, Tiradentes Film Festival, Videobrasil, Minute Festival and art.mov - International Festival of Art in Mobile Media, among others. He was assistant director of It's All True - International Documentary Film Festival, associate director of the São Paulo International Short Film Festival - Curta Kinoforum and curator of the Cinema and Human Rights in South America Festival, of the Cine Human Rights project (of the São Paulo Municipal Secretariat of Human Rights and Citizenship).

*Francisco Cesar Filho's Masterclass, held online on September 15, 2020, is available on the Festival's YouTube channel at the following link: bit.ly/masterclass_curadoria

Um Acervo para Debater o Nosso Tempo

A Collection to Discuss Our Time

Todos os anos, a equipe de curadoria da Ecofalante faz uma rigorosa seleção de filmes destacados nos mais importantes festivais do mundo e reúne obras de reconhecida qualidade cinematográfica que abordam temas socioambientais com independência e profundidade.

Para possibilitar o acesso de forma ainda mais democrática e permanente a essas obras, encontramos na plataforma Videocamp o formato perfeito de parceria, possibilitando que qualquer pessoa, em qualquer lugar, possa realizar uma exibição pública e gratuita dos filmes apresentados sob o Selo Ecofalante.

Desde seu lançamento, em 2017, a parceria já possibilitou mais de 500 exibições, levando filmes a milhares de espectadores. Escolas, universidades, cineclubes, coletivos, espaços de organizações privadas e da sociedade civil e instituições culturais transformaram-se em salas de cinema em todo o Brasil.

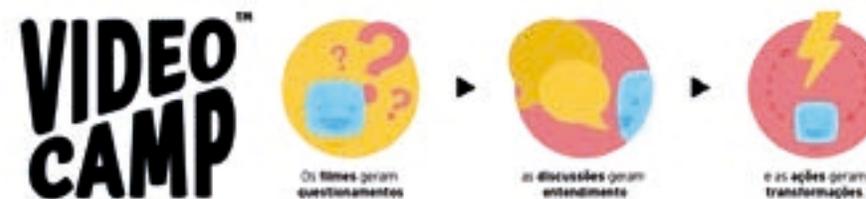
Every year, Ecofalante's curators rigorously select films that stood out in the most important film festivals in the world and bring together works of recognized quality that address important socioenvironmental issues with both independence and depth.

We found in Videocamp the perfect format of partnership to democratize and perpetuate the access to these films, so anyone, anywhere in the world, can make a public, free screening of the films with the Ecofalante seal.

Since it started in 2017 the partnership allowed for more than 500 screenings for thousands of people. Schools, universities, film clubs, collectives, private and civil society organizations and cultural institutions were converted into theaters throughout Brazil.

O ano de 2020 foi um período de experimentações não previamente planejadas, mas muito potentes para o Videocamp. A quarentena imposta pela COVID-19 desafiou nosso foco no assistir coletivo e nos levou a experimentar duas novas funcionalidades que ajudassem na garantia da segurança física do nosso público: o “Assista Agora”, em que filmes e séries podem ser assistidos onde e quando o usuário quiser, sem a necessidade do agendamento de uma sessão coletiva; e a seção “Mostras”, um ambiente para apoiar parceiros na realização de eventos online. Essas ações trouxeram, até o momento, 213 mil espectadores de mais de 2.500 cidades de todas as regiões do Brasil, que tiveram a oportunidade de assistir a mais de 300 títulos diferentes. Tudo isso tem sido muito frutífero. E só tem sido possível porque parceiros como a Ecofalante, em suas especificidades e pluralidades, trazem o que acreditamos ser urgente no momento do mundo em que vivemos: diversidade de narrativas, capazes de nos fazer refletir e que ajudam na construção de um imaginário coletivo plural, contribuindo para um mundo mais justo e sustentável.

2020 was a year of experimentation that was not previously planned, yet it was very powerful for Videocamp. The quarantine imposed by COVID-19 challenged our previous ideas on collective viewing, resulting in our experimentation with two new functionalities that would help ensure the physical safety of our audience: “Watch It Now!”, where movies and series can be viewed from anywhere and any time according to the users’ preference, with no need to schedule a collective session; and the “Mostras” session, a platform or environment to support partners in holding online events. So far, these actions have brought in 213,000 viewers from more than 2,500 cities across Brazil, who had the opportunity to watch over 300 different titles. All this has been very fruitful and has only been possible because partners like Ecofalante, in their specificities and pluralities, bring what we believe is urgent in the world’s current moment: diversity of narratives that can both make us reflect and help in the construction of a plural collective imaginary, thus contributing to a more just and sustainable world.



Para conhecer o filmes, realizar uma exibição e saber mais sobre a parceria acesse: <https://www.videocamp.com/pt/festivals/mostra-ecofalante>

To learn more about the films, organize an exhibition and learn more about the partnership, access: <https://www.videocamp.com/en/festivals/mostra-ecofalante>

9ª Mostra Ecofalante de Cinema

9th Ecofalante Environmental Film Festival

Lei de Incentivo à Cultura
Programa de Apoio
à Cultura (ProAC)

PATROCÍNIO SPONSORSHIP

Mercado Livre
Spcline

APOIO SUPPORT

White Martins
Kimberly-Clark
Pepsico

PARCERIA PARTNERSHIP

Museu da Imagem e
do Som de São Paulo

Spcline Play
Videocamp
WWF-Brasil

REALIZAÇÃO EXECUTION

Ecofalante
Secretaria de Cultura
e Economia Criativa
do Governo do Estado
de São Paulo
Secretaria Especial de
Cultura do Ministério
do Turismo do
Governo Federal

PRODUÇÃO PRODUCTION

Doc e Outras Coisas

CO-PRODUÇÃO COPRODUCTION

Química Cultural
Entretenimento

DIREÇÃO GERAL DIRECTOR

Chico Guariba

CURADORIA ARTISTIC DIRECTOR

Francisco Cesar Filho

PESQUISA DE FILMES FILM RESEARCH

Ariane França Soares,
Cândida Guariba,
Florence Pollet, Mateus
Ramos & Saulo Rosa

COMISSÃO DE SELEÇÃO SELECTION COMMITTEE

Alex de Andrade, Carolina
Freitas da Cunha, Francisco
Cesar Filho, Henrique
Valente, Joana Rochadel,
Liciane Mamede, Marcia
Vaz, Marcio Miranda Perez,
Pedro Tinen & Saulo Rosa

PRODUÇÃO EXECUTIVA EXECUTIVE PRODUCER

Daniela Guariba

COORDENAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO PROGRAM COORDINATOR

Carolina Freitas da Cunha

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO PRODUCTION COORDINATOR

Química Cultural
Entretenimento

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO MOSTRA ESCOLA & PROGRAMA ECOFALANTE UNIVERSIDADES PRODUCTION COORDINATOR SCHOOL & UNIVERSITY PROGRAM

Chico Guariba

PRODUÇÃO PRODUCTION

internacional
international
Florence Pollet

latino americana
latin american

Marcio Miranda Perez
Saulo Rosa

mostra escola & programa ecofalante universidades school & university program

Ariane França Soares
Caio Micca

José Mateus Rodrigues
Mateus Ramos

atividades paralelas parallel activities

Saulo Rosa

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO PRODUCTION ASSISTANT

Ariane França Soares
& Mateus Ramos

COMUNICAÇÃO COMMUNICATION

Chico Guariba &
Luiza Magalhães
Química Cultural
Entretenimento

CONCEPÇÃO VISUAL E DESIGN GRÁFICO GRAPHIC DESIGN

Tadzio Saraiva

WEBSITE WEBSITE

Kingly Studio

VINHETA TRAILER

Sinlogo Animation

ASSESSORIA DE IMPRENSA PRESS OFFICE

ATTi Comunicação e
Ideias - Eliz Ferreira &
Valéria Blanco

ENTREVISTAS INTERNACIONAIS INTERNATIONAL INTERVIEWS

Flavia Guerra

TRANSMISSÃO ONLINE ONLINE TRANSMISSION

Daniela Margutti

edição de vídeo video editing

Renato Helena

TRADUÇÃO DE TEXTOS TRANSLATION

Helena Spalic

REVISÃO DE TEXTOS COPYDESK

Clara Spalic

IMPRESSÃO PRINT

Pigma - Gráfica e
Impressora

TRADUÇÃO, LEGENDAGEM E COPIAGEM DOS FILMES TRANSLATION, SUBTITLES AND COPY

Aspecto Digital

TRADUÇÃO DE LIBRAS SIGN LANGUAGE TRANSLATION

Elsa Oliveira

TROFÉU TROPHY

Design Possível, Ateliê
Loucos pela X & Refazer
Arte em Madeira

GESTÃO DE PATROCÍNIO SPONSORSHIP MANAGEMENT

Química Cultural
Consultoria

MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS FUND RAISING

Doble Cultura
Kiko Vianello &
Fernanda Couto

LANC Comunicação
Patrolink

APOIO INSTITUCIONAL INSTITUTIONAL SUPPORT

Akatu

Autossustentável

Brasil no Clima

Carbon Disclosure
Program – CDP

ClimaInfo

Conexão Planeta

eCycle

Engajamundo

Fábricas de
Cultura - Poiesis

Fórum Internacional

Fontiê ki Kwaze -
Fronteiras Cruzadas

Fórum Popular
da Natureza

Fórum Social Américas
das Migrações

GreenMe

Greenpeace

Grupo de Institutos
e Fundações de
Empresas - GIFE

Horizonte Educação
e Comunicação

Iniciativa Verde

Instituto de Arquitetos
do Brasil – IAB-SP

Instituto Chão

Instituto Democracia e
Sustentabilidade - IDS

Instituto Envolverde

Instituto
Socioambiental - ISA

Le Monde
Diplomatique Brasil

Observatório do Clima

Por que não?

Revista Piauí

SOS Mata Atlântica

PROGRAMA ECOFALANTE UNIVERSIDADES ECOFALANTE UNIVERSITY PROGRAM

Centro Paula Souza

FECAP

FIAM-FAAM

UFABC

UFF

UFGD

UFSCar

UFU

UnB

UNESP

UNICAMP

USP

AGRADECIMENTO ESPECIAL SPECIAL THANKS

Prof. Claudio Fonseca

Eduardo Suplicy

Eliseu Gabriel

Gilberto Natalini

Janaína Lima

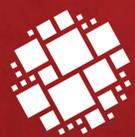
Marina Helou

Mario Covas Neto

Soninha Francine

AGRADECIMENTOS THANKS

Alice Peres, Ana Luisa Mariquito, Ana Raquel Rodrigues,
Ana Raquel Satim, Ana Rosa Tendler, Andrea Mustafa,
Angela Amaral, Angela Terumi Fushita, Antonio
Fernando Gomes Alves, Antonio Leal, Aurélio Michiles,
Barbara Trugillo, Beatriz Tamaso Miotto, Bruna Mello de
Cenço, Bruno Reis, Caio Aloe, Carlos Henrique Oliveira,
Carlos Juliano Barros, César Donizeti Pereira Leite,
Claudia Moraes Fernandes, Claudio Angelo, Cleber Papa,
Cleopatra da Silva Planeta, Cristiano Filiciano, Dacio
Roberto Matheus, Dani Chiaretti, Daniel Pereira da Silva,
Délcio Rodrigues, Denise Minichelli, Denise S. Baena
Segura, Dilson Neto, Dilvania Santana, Edson Bueno,
Eliézer Giazzi Teles, Elisângela Ronconi Rodrigues, Emma
de Oliveira, Fábio Santos, Fábio Vasconcelos, Fernanda da
Rocha Brando Fernandez, Fernando Hashimoto, Fillipo
Balboni, Flavia Guerra, Flavia Lopes Fernandes, Francielly
Santana, Gabriel Sevilla, Gabriela Camargo, Gabriela
Machado, Gabriela Yamaguchi, Geovana Azevedo,
Gisela Cunha Viana Leonelli, Gilson Rede, Giulia da
Matta Nigro, Guilherme Pacheco, Helen Yara Altmeier,
Helena Margarido Moreira, Helvio Moises, Hermano
Penna, Igor Kupstas, Jair Oliveira, Jefferson Pereira,
Joana Rochadel, João Batista, Jorge Bodanzky, José Luiz
Marques, José Ramon, Josi Campos, Julia Maria Carro,
Karina Quintanilha, Karina Yamamoto, Kelly Cristina
Melo, Kellyssa Alvarenga, Keven Fongaro Fonseca, Laís
Bodanzky, Laura Laganá, Laura Motta, Leandro Ferreira,
Leonardo Ricco Medeiros, Letícia Gomes, Luana Arantes,
Luana Pereira, Lucas Aly, Lúcia Ramos Monteiro, Luciana
Feldman, Luciana O'Reilly, Lucília Guerra, Luiz Toledo,
Luiza Guariba, Malu Andrade, Malu Freire, Manuela
Carcani, Marcelo Pedroso, Márcio Isensee e Sá, Marco
Antonio Pereira do Vale, Marcos Bernardino, Marcos
Martins, Maria do Rosário Ramalho, Mário Ávila, Mariana
Fix, Marília Carolina Barbosa de Souza Pimenta, Mariluce
Moura, Marina Baião, Mauro Capelari, Mônica Duarte
Bulgari, Mônica Nunes, Natasha Keber, Pamela Ribeiro,
Paola de Marco, Paola Lupianhes Dall'Occo, Patrícia
Maria Garib, Paula Manso, Paulo Celso Moura, Paulo
Henrique Martinez, Pedro Machado Granato, Pedro
Roberto Jacobi, Petrus Pires, Priscila Boturão Pacheco,
Priscila Cristina Paiero, Priscila Machado, Rafael Carvalho,
Rafael de Souza Nascimento Miranda, Raiane Patrícia
Assumpção, Raphaël Ceriez, Raquel Rolnik, Renato
Aurélio Loclento, Ricardo Antunes, Ricardo Dias, Rita
de Cássia Borges Ribas, Roberta Rosa, Rodrigo Gerhardt,
Samara Carbone, Sandro Roberto Valentini, Sandro
Tonso, Sarita Sousa, Silvio Caccia Bava, Sonia Charpentier,
Tania Perfeito Jardim, Teresinha Hoçoya da Silva, Theo
Duarte, Thiago Mendonça, Vahan Agopyan, Veronica
Guimarães, Vicente William da Silva Darde, Vincent
Carelli, Viviane Patrício Delgado, Wanda Aparecida
Machado Hoffmann, Wenceslao Machado de Oliveira
Junior, Yara Aparecida Couto, Yara Schöler Castanheira.



ecofalante

A Ecofalante, organização não governamental sem fins lucrativos, foi fundada em 2003 com o objetivo de criar e trabalhar em projetos que contribuíssem para o desenvolvimento sustentável do planeta por meio da educação e da cultura. Dentro dessa proposta, nosso maior projeto é a *Mostra Ecofalante de Cinema*. O festival é o ponto de partida para nossos projetos educacionais que acontecem ao longo do ano, como o *Programa Ecofalante Universidades*, que firma convênios com Universidades de todo o país, e a *Mostra Escola*, que leva exposições, debates e atividades de formação para Etecs, CEUs, Fábricas de Cultura, entre outras instituições culturais. Nossos projetos são desenvolvidos por meio de uma rede de parcerias com instituições que atuam nas áreas de meio ambiente, educação, cultura e mídia.

Ecofalante, a nonprofit, nongovernmental organization, was founded in 2003. Its goal is to create and develop projects that can contribute to the sustainable development of the planet, through education and culture. In that scope, our main project is the Ecofalante Environmental Film Festival. The festival is the starting point for our year round educational projects, such as the University Circuit, which signs agreements with universities all over the country, and the School Circuit, which brings screenings, panels and training activities to public schools, cultural centers and other institutions. Our projects are developed through a network of partnerships with institutions engaged in fields such as environment, education, culture and media.

www.ecofalante.org.br

 /mostraecofalante

 @mostraeco

 /ecofalante

 @mostraecofalante

APOIO INSTITUCIONAL



Ministério do Turismo e Secretaria Especial de Cultura,
Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa
e Ecofalante apresentam



9ª MOSTRA ECOFALANTE DE CINEMA



PATROCÍNIO



APOIO



PRODUÇÃO



CO-PRODUÇÃO



REALIZAÇÃO



Secretaria de
Cultura e Economia Criativa



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

